



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E IDENTIDADES

ANNA BEATRIZ RAMOS DIAS

“É PRECISO OCUPAR MENTES E CORAÇÕES”: performance como ação política
juvenil através do AgitProp e da Mística no Levante Popular da Juventude/PB

CAMPINA GRANDE

2023

ANNA BEATRIZ RAMOS DIAS

“É PRECISO OCUPAR MENTES E CORAÇÕES”: performance como ação política juvenil
através do AgitProp e da Mística no Levante Popular da Juventude/PB

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande/PB. Pesquisa vinculada à linha de pesquisa Cultura e Identidades, realizada como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior.

CAMPINA GRANDE

2023

D541p

Dias, Anna Beatriz Ramos.

“É preciso ocupar mentes e corações”: performance como ação política juvenil através do AgitProp e da Mística no Levante Popular da Juventude/PB / Anna Beatriz Ramos Dias – Campina Grande, 2023.

103 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior."

Referências.

1. Movimentos Sociais. 2. AgitProp. 3. Mística. 4. Performance. 5. Juventude. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Título.

CDU 304.4(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

**ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM
28 DE FEVEREIRO DE 2023**

CANDIDATA: **Anna Beatriz Ramos Dias**. COMISSÃO EXAMINADORA: Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Vanderlan Francisco da Silva, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Aina Guimarães Azevedo, Doutora, PPGA/UFPB, Examinadora Externa. TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *“É PRECISO OCUPAR MENTES E CORAÇÕES”: performance como ação política juvenil através do AgitProp e da mística no Levante Popular da Juventude/PB*. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 09h00 – LOCAL: Sala Virtual (Google Meet). Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua dissertação, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Mestre em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 28 de fevereiro de 2023.

Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário Acadêmico

RONALDO LAURENTINO DE SALES JÚNIOR, Doutor, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientador

VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

AINA GUIMARÃES AZEVEDO, Doutora, PPGA/UFPB

Examinadora Externa

ANNA BEATRIZ RAMOS DIAS

Candidata

2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata **ANNA BEATRIZ RAMOS DIAS**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da dissertação e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/02/2023, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 01/03/2023, às 14:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, PROFESSOR**, em 01/03/2023, às 21:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anna Beatriz Ramos Dias, Usuário Externo**, em 22/06/2023, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aina Guimarães Azevedo, Usuário Externo**, em 23/06/2023, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3138335** e o código CRC **8888AD59**.

Dedico meu trabalho e militância a/os minhas/meus jovens estudantes do ensino médio. Que eu possa contribuir com o caminho de vocês através de uma educação humanizada e da luta por melhores condições de vida.

AGRADECIMENTOS

COMPANHEIROS, SOZINHA EU ANDO BEM, MAS COM VOCÊS, ANDO MELHOR!

Ao Levante Popular da Juventude/PB, pela luta e por este trabalho. A juventude fogo no pavio, obrigada por renovarem minha mística! Por me fazerem esperar em tempos tão difíceis. Por pintarem um mundo melhor. Por toparem desafios do tamanho dos sonhos das nossas juventudes. Que valioso poder dividir as trincheiras da luta com vocês, companheiros. Viva o Levante Popular da Juventude!

A minha família, por ser minha base de todo apoio, e por cada um com seu jeitinho, me ajudarem a conseguir meus objetivos. A mainha, Angélica, mulher e mãe maravilhosa, obrigada pelo colo, pelos mimos, por me entender e por ter convicções de mundo tão transformadoras. A papai, Robson, obrigada por ser tão proativo e presente, se dividir em tantos e fazer o melhor que pode fazer sempre, e junto com ele, agradeço a todos os momentos com meus avós, dona Deusinete e seu Moura. Aos meus irmãos: Jorge, meu irmão-cúmplice e Will, meu bebê-parceiro, meus meninos que amo incondicionalmente, obrigada por tornarem o meu crescimento, uma vida coletiva. Que eu possa sempre estar aqui para vocês. As minhas tias, Núbia, Mércia e Patrícia pelo apoio e pelo exemplo de meninas super poderosas que eu tenho na família.

A Raphaella, meu amor. Minha companheira de pesquisa, mas também de rolês, estradas, cervejas, companheira de vida. As Ciências Sociais nos aproximaram, as Universidades nos uniram. Eu prometi que ia morar em Campina Grande atrás de você e eu cumpri! Passei no mestrado na UFCG e vivo desde então os melhores anos ao teu lado. Obrigada por ser um raio de sol, por me ajudar a conseguir e sempre me fazer acreditar que conseguiria.

A Wertton, por eu estar aqui hoje. Se eu tivesse atrasado um período, talvez eu não tivesse me formado antes da pandemia, e tudo poderia ser muito diferente hoje. Mas ao rever uma foto nossa na colação de grau, eu lembrei como consegui. Ao teu lado. Amigo, sou muito grata por todo apoio e ajuda que você sempre foi para mim. Você foi para Brasília e eu para Campina Grande, e seguimos até aqui juntinhos. Que orgulho eu tenho da nossa trajetória.

Aos meus amigos do IF para vida: Douglas, Joyce, Rafa, Suellen, Deborah e Myrna. E ao nosso agregado de luxo: Matheus. Obrigada pelos rolezinhos que demoram, mas acontecem. As conquistas de vocês são minhas também, sou tão feliz em ver o que cada um/a tem se tornado, onde estão chegando. Com vocês, eu consigo sentir o aconchego das minhas raízes.

A Douglas, meu amigo irmão. Do ensino fundamental para o concurso público, de Cabedelo a Santana do Ipanema. Obrigada por ser meu companheiro nesse longo caminho, por dividir as angústias e os êxitos. Pela felicidade de estarmos nos permitindo sermos quem somos, juntos. Amo seguir ao seu lado.

A todos e todas que vivi junto uma experiência incrível: o Coletivo Rouxinol de Teatro do Oprimido. Em especial: Rosy, Thamires, Paloma, Suellen, Julia e Vinícius. Das loucuras da vida, a maior parte eu vivi com vocês, e isso diz muito sobre o que sou hoje. Com vocês aprendi e sigo aprendendo o sentido de estar longe, mas continuar em grupo. Amo e admiro a potência de cada um/a.

A Vini, meu amigo da cota hétero que me identifico super. Às vezes dou risadas bobas de alegria lembrando de uma das minhas maiores amizades, e essa lembrança tem cheiro de mar e gosto de cerveja. Obrigada por sempre procurar se fazer presente, você é muito importante, e pra mim sempre será um masterchef.

Aos meus antropofoqueiros: Alisson, Cristhenes, Gilliard, Milena, Valtynnya. Uma relação que começou de forma virtual, mas que a fofoca uniu e perdurou até os melhores cafezinhos presenciais, a experiência no PPGCS/UFCG ficou mil vezes melhor me aliando a pessoas de tal índole hahaha.

A minha turma, do mestrado 2020 do PPGCS/UFCG, queria poder ter compartilhado os espaços físicos e sociais da Universidade com vocês, mas sou feliz e grata pela relação de apoio que construímos em meio ao processo de cursar uma pós em um período pandêmico. Em especial, obrigada aos meus fífis: Rafael, Iasmin, Alisson e Val, que sorte a minha ter encontrado vocês e nos tornado amigos. A Kleiton, pela parceria de milhões na representação estudantil do programa.

Aos amigos que a Universidade me trouxe, que hoje considero praticamente uma relação familiar: Heytor, Weverson, Ana, Leonara, Rapha e Wertton. Sei que sempre que preciso de algo, de saber algo, ou de alguém, tenho vocês. Obrigada pelos momentos juntos, pelo grupo de conversas aleatórias, pelos melhores rolês e por toda a companhia ao longo do caminho.

A Ana, amiga você é tão potente! Me inspiro na sua empatia e na sua resiliência, obrigada pelos almoços em CG, pelas tardes no bar da Lora e pelas favas no Nilson. Obrigada por me ajudar e me acolher sempre, inclusive na formatação deste trabalho.

Aos amigos que fiz durante essa jornada em diferentes espaços: A Vani, pelos encontros e pelo São João na sua casa, e por simbolizar tantos afetos. A Eric, por ser praticamente um grande cunhado-amigo que ganhei de presente, pelas viradas de ano juntos, saudade dos momentos “cafezinho, dona helena?”. A Ananias, pelos dias compartilhados no Alto Branco,

por melhorar muito a minha experiência de vida campinense. A Bruna e Andrea, pelos ótimos encontros, papos, rolezinhos e por serem incríveis. A Lucas, Rafael, Thiago e Afonso, meus santaners, amigos que tive o presente de ganhar durante o processo do concurso, obrigada pelos lanchinhos de fofocas pedagógicas e por todo apoio mútuo. A Beto, o melhor moto taxista de Santana do Ipanema, que se tornou um grande parceiro, obrigada por ter te encontrado.

A Ronaldo, meu professor e orientador. Que sorte - mas não acredito em nada por acaso - ter te encontrado para orientação. Obrigada por ser tão humano, por me permitir ser sincera, e por acreditar neste trabalho. O quão importante e honrado foi poder contar com sua parceria. Agradecendo a você, também agradeço ao grupo de pesquisa Devires, esse “não-grupo” como foi apresentado por mim e Lemuel (haha), por permitir tantos caminhos e não-caminhos, por emaranhar tantas potências e lampejar tantas possibilidades.

Aos professores Vanderlan da Silva e Aina Azevedo, minha banca. Por se fazerem disponíveis e dispostos a colaborar com esta pesquisa, mesmo em meio a correria. Vanderlan, obrigada pelas trocas tão valiosas nas aulas de etnografia, e por acompanhar as etapas deste trabalho de forma muito colaborativa; Aina, sou tão grata por ter te encontrado na graduação e criado laços com uma professora e antropóloga tão extraordinária, obrigada pela consideração em topar estar aqui. Também gostaria de agradecer a Luciana Ribeiro, que muito colaborou com esta dissertação, me despertando inquietações e mudanças.

A educação pública e o ensino de sociologia, que tanto acredito e luto. Que me trouxeram a Santana do Ipanema/Al, a Escola Estadual Mileno Ferreira, e aos meus alunos. Obrigada a essa terra sertaneja pelo acolhimento e pelos desafios. Agradeço em especial aos colegas professores que me trouxeram sentimento de pertencimento: Evelinny, Claudiana, Marinez, Andrea, Caio, Danillo, Marcos e Cidinha. Obrigada por compartilhar a luta diária e as alegrias do cotidiano.

Aos meus “lampiões” do 1º ano B, minha primeira turma como professora e mentora, que missão foi ser a docente orientadora de vocês, aprendo e me afeto também. Obrigada por confiarem em mim e por, mesmo diante de tantos percalços, construirmos um processo educativo-afetuoso.

E por fim e não menos importante: agradeço a mim mesma. Por não desistir, por ter coragem e conseguir reconhecê-la. Por fazer o possível e não o perfeito. Por ter sonhado. Por ter pressa e anseio em agarrar todas as oportunidades. E agora, por ter o privilégio de se permitir reconhecer limites e dar-se pausas.

Obrigada a Universidade Federal de Campina Grande, ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/UFCG, e a CAPES pelo fomento desta pesquisa. Viva a Universidade pública, gratuita e de qualidade. Viva a pesquisa e a ciência! Viva a educação!

Faz escuro mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para esperar
a cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
vem o sol, quero alegria,
que é para esquecer o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
trabalhar pela alegria,
amanhã é um novo dia.
(Thiago de Mello)

RESUMO

Há nos movimentos sociais, técnicas de propagação e engajamento político que envolvem um arsenal bem amplo acoplado ao corpo de um militante, que o servem de identificação e representação com suas causas e movimentos, uma relação corpo-bandeira. Este trabalho aborda a performance como ferramenta de luta política em uma militância juvenil, a partir do uso da Agitação e Propaganda (AgitProp) e da Mística, duas técnicas utilizadas em movimentos sociais de esquerda. Este trabalho é atravessado pela pandemia do Covid-19, neste contexto, os movimentos sociais que historicamente utilizam a rua como palco de reivindicação, adaptaram suas estratégias para ampliar a atuação no *ciberespaço*, através das redes sociais, que se constitui na contemporaneidade como meio fundamental na concretude das grandes mobilizações da juventude brasileira. Esta pesquisa objetiva-se a entender o uso do AgitProp e da Mística na juventude engajada politicamente, encontrando nas ferramentas artísticas e de comunicação, um caminho para pesquisar a performance corporal de uma juventude militante. Mobiliza elementos para pensar os sentidos produzidos nas performances militantes, como visibilidade de identidades juvenis subalternas e o papel das tecnologias digitais na produção e execução da ação política. Utiliza-se como recorte de pesquisa, a atuação do movimento Levante Popular da Juventude, com foco na cidade de Campina Grande/PB. No percurso metodológico, a discussão teórica aborda as implicações de uma pesquisadora militante (GOSS E PRUDÊNCIO, 2004) na observação participante (INGOLD, 2016; CLIFFORD, 2002; PACHECO DE OLIVEIRA, 2013; GEERTZ, 2001; STRATHERN, 2014; LAVE, 2015; ABU-LUGHOD, 2018), mobilizando as ideias de colonialidade (GONZALES, 1980; QUIJANO, 2005; AGUIAR, 2021) “aprender como/na prática” (LAVE, 2015) e de “conhecer desde dentro” (INGOLD, 2011). As análises são produzidas a partir das letras das músicas do cancionário popular, registros fotográficos do movimento e o ato virtual #AdiaEnem. Ficando evidente o caráter pedagógico, cultural e educacional da performance militante juvenil.

Palavras-chave: AgitProp; Mística; Performance; Movimentos Sociais; Juventudes.

ABSTRACT

In social movements, there are propagation techniques and political engagement that involve a very broad arsenal attached to the body of a militant, which serve as identification and representation with their causes and movements, a body-flag relationship. This work addresses performance as a tool of political struggle in youth militancy, based on the use of *Agitação e Propaganda* (AgitProp) and *Mystique*, two techniques used in left-wing social movements. This work is crossed by the Covid-19 pandemic, in this context, the social movements that historically use the street as a stage for claiming, have adapted their strategies to expand their activities in cyberspace, through social networks, which is constituted in contemporary times as a fundamental means in the concreteness of the great mobilizations of the Brazilian youth. This research aims to understand the use of AgitProp and Mystique in politically engaged youth, finding in artistic and communication tools a way to research the body performance of militant youth. It mobilizes elements to think about the meanings produced in militant performances, such as the visibility of subaltern youth identities and the role of digital technologies in the production and execution of political action. It is used as a research clipping, the performance of the Levante Popular da Juventude movement, focusing on the city of Campina Grande/PB. In the methodological path, the theoretical discussion addresses the implications of a militant researcher (GOSS E PRUDÊNCIO, 2004) in participant observation (INGOLD, 2016; CLIFFORD, 2002; PACHECO DE OLIVEIRA, 2013; GEERTZ, 2001; STRATHERN, 2014, LAVE, 2015 ; ABU-LUGHOD, 2018), mobilizing the ideas of coloniality (GONZALES, 1980; QUIJANO, 2005; AGUIAR, 2021) “learning how/in practice” (LAVE, 2015) and “knowing from within” (INGOLD, 2011) . The analyzes are produced from the lyrics of songs from the popular songbook, photographic records of the movement and the virtual act #AdiaEnem. The pedagogical, cultural and educommunicative character of the youth militant performance is evident.

Keywords: AgitProp, Mystique, Performance, Social Movements, Youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – AgitProp no grito dos excluídos	51
Figura 2 – Cancioneiro do Conune.....	58
Figura 3 – Cancioneiro de 10 anos do Levante	60
Figura 4 – Cancioneiro do #29M	63
Figura 5 – Desenhando Daiane Araújo	65
Figura 6 – Militante com lenço colorido do MST	66
Figura 7 – Batucada do Levante Popular da Juventude	67
Figura 8 – Ato pela descriminalização do aborto.....	68
Figura 9 – Performance no ato pela descriminalização do aborto	69
Figura 10 – Pau de fita e batucada no #19J	70
Figura 11 – Frases no pau de fita no ato do #19J.....	70
Figura 12 – "Intervenção memorial"	72
Figura 13 – Sátira de Bolsonaro no ato #24J.....	73
Figura 14 – Muralismo em Campina Grande/PB.....	74
Figura 15 – Projeção na fachada do Prédio da Dataprev	74
Figura 16 – Lambe-lambe em João Pessoa	75

SUMÁRIO

INTRODUZINDO CAMINHOS.....	16
CAPÍTULO I: “ONDE OS MEUS PÉS PISAM”	29
1.2 JUVENTUDES: ETARIZAÇÃO E SUBALTERNIZAÇÃO.....	32
1.3 PERFORMANCE CORPORAL E REGIME DE VISIBILIDADE EM MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS.....	35
CAPÍTULO II: REVISITANDO CAMINHOS – A MÍSTICA E O AGITPROP NA POÉTICA E NA PRÁTICA DA LUTA POLÍTICA.....	42
2.1 “O LEVANTE CRESCE, O LEVANTE OCUPA”: 10 ANOS DE NACIONALIZAÇÃO	45
2.1 AGITAÇÃO E PROPAGANDA	47
2.2 MISTICA: ARTE E PERFORMANCE	52
CAPÍTULO III: CAMINHANDO ENTRE AS RUAS E AS REDES – PERFORMANCE E IDENTIDADE NO AGITPROP DO LEVANTE/PB	56
3.1 “JÁ SEI PRA ONDE VOU, EU VOU SENTIR O CALOR DA RUA”	56
3.2 “COMO ENTRAR NO LEVANTE?”: O AGITPROP E A MÍSTICA COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO MILITANTE	60
3.3 “O LEVANTE POPULAR COMBINA COM VOCÊ!”: IDENTIDADES SUBALTERNAS ATRAVÉS DO SOM E DA IMAGEM	62
3.3.1 O sonoro	63
3.3.2 A imagem.....	70
3.4 NAS REDES COM O LEVANTE: “SALVA, CURTE, COMENTA E COMPARTILHA!”	83
3.4.1 O ato virtual #adiaenem.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRILHANDO CAMINHOS DIFÍCEIS, MAS ESPERANÇOSOS.....	88
REFERÊNCIAS	96

INTRODUZINDO CAMINHOS

Ao revisitar a trajetória histórica dos movimentos sociais, percebemos que é nas lutas sociais que a contestação é desenvolvida. Segundo Nóbrega (2006), os movimentos sociais atuam como uma mola propulsora de mudanças que regem a sociedade, ao entrarem na arena como um grupo de pressão, ao promoverem o estranhamento do código da lei, ao batalhar pelo rompimento do círculo tautológico de que devemos obedecer à lei porque *ela é a lei* (ZIZEK, 1996, p. 318).

Historicamente a juventude é um dos grupos sociais que marcam os processos de enfrentamento das questões que emergem socialmente (POERNER, 2004). A rua, enquanto espaço público de contestação política, se constituiu como meio fundamental na concretude das grandes mobilizações da juventude brasileira.

Há nos movimentos sociais, técnicas de propagação e engajamento político que envolvem um arsenal bem amplo acoplado ao corpo de um militante, que o servem de identificação e representação com suas causas e movimentos, uma relação corpo-bandeira. Possuindo técnicas na prática visual e sonora, com as próprias performances teatrais, a produção de materiais para atos como os estandartes, as coreografias aliadas as músicas com letras que propagam as reivindicações, a batucada e a própria confecção dos batuques como ferramentas dessa militância.

A relação entre esses elementos, me instigou a problematizar a performance como ferramenta de luta política em uma militância juvenil da qual faço parte. Com a confecção de materiais, o uso de ferramentas, com os exercícios que o corpo atua. Um corpo que dança, que batuca, que grita, que pula, é o corpo que agita e propaga a militância e renova sua mística. Para entender este corpo, é necessário também entender estes elementos: o AgitProp e a Mística.

O AgitProp é uma abreviatura utilizada para sintetizar a prática da Agitação e Propaganda, um conjunto de técnicas provenientes da experiência Leninista na revolução russa de 1917. A mística, carrega em si, outros sentidos. É amplamente conhecida como uma prática tradicional do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), que faz a utilização da mística de forma centralizada, em sua organização política na luta pela reforma agrária.

Produções visuais, audiovisuais, sonoras, corporais, literárias, manifestações culturais e artísticas, utilizando de variados meios de comunicação – possuindo teor ideológico – entre outras coisas, fazem parte do arsenal que compõe o AgitProp e a Mística. São dois elementos que permeiam a história de luta dos movimentos sociais e populares de esquerda, que fazem

parte da Via Campesina¹.

Rodrigues (2015) ao entrevistar Rafael Villas Boas - que ocupava a posição de Coordenador da Brigada Nacional de Agitação e Propaganda do MST - coloca o ano de 2003 como uma demarcação, de quando a reflexão sobre o AgitProp se incorporou à organicidade do MST de forma sistemática. Pois a partir desse ano se tem “uma sequência de atividades formativas, cursos, acampamentos nacionais, processos que vão, que dão um pouco esse contorno mais organizado pra experiência” (RODRIGUES, 2015, p. 25). Porém, ressalta que ações com características de AgitProp já eram praticadas pelo movimento desde as primeiras ocupações de terra.

Nesta pesquisa, objetivo entender o uso do AgitProp e da Mística na juventude engajada politicamente. Encontro nas ferramentas artísticas e de comunicação, um caminho para pesquisar a performance de uma juventude militante. Utilizo a atuação do movimento Levante Popular da Juventude, na cidade de Campina Grande/PB, para investigar como os elementos que compõem o AgitProp e a Mística se tornam instrumento de afirmação de identidades subalternizadas.

Com este objetivo principal, me aprofundo ao decorrer dos capítulos em algumas questões específicas: i) pensar os sentidos produzidos nas performances corporais como visibilidade de identidades juvenis subalternas; ii) Utilizar como recorte a atuação do Levante Popular da Juventude na Paraíba, principalmente em Campina Grande/PB; iii) analisar a performance militante através das técnicas do AgitProp e da Mística; iv) entender o papel das tecnologias digitais na produção e execução da ação política.

Antes de começar este trabalho, quero voltar um pouco atrás, para dissertar os caminhos que me levaram a esta pesquisa. Ainda na escola, quando ajudei a construir o Grêmio Estudantil, passei a perceber o quanto os espaços de organização – no meu caso, de representação estudantil — são importantes e movidos pelos interesses de participação, mudança e transformação, gerando um espaço de visibilidade que, em minha formação, foram provocados na trajetória com o Teatro do Oprimido (T.O.).

A aproximação com a temática específica desta pesquisa, deriva de minha trajetória pessoal e formação escolar com a prática de T.O.. Quando entrei no projeto de extensão “Núcleo de Teatro do Oprimido” (NTO), na escola que estudava, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), na cidade de Cabedelo/PB, tive contato com a educação popular através de movimentos sociais, e esta metodologia me chegou através de um professor que tinha aprendido a multiplicar o T.O.

¹ Organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações.

no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Com isso, entendi o que significava Mística, Agitação e Propaganda e como o T.O., era uma forma dessas duas práticas.

Em minha primeira experiência de apresentação de T.O. na UFPB, em 2013, durante o II Encontro de Pesquisas e Práticas em Educação do Campo, apresentou-se uma esquete sobre o MST, em módulo Teatro Legislativo². Essa primeira experiência em cena foi crucial nos caminhos que trilhei até aqui, pois ao me interessar mais pelo T.O., conheci o MST para além do que me chegava nas mídias televisivas e percebi que podemos tratar de questões sociais através de outras formas – não tradicionais – na Universidade, nesse caso, com o teatro.

A personagem que ocorreu-me fazer mais vezes é intitulada “curinga”. Com a função de interpretar a introdução e conduzir a discussão da peça, a recorrência com que desempenhei o papel de “curinga” remete ao fato do meu interesse mais forte ser no debate e não tanto na atuação. O Curinga³ é o diretor da peça, multiplicador das técnicas e mediador do diálogo. Tanto o Teatro Fórum⁴ quanto o curinga são elementos que promovem a multiplicação do T.O.. O Teatro Fórum é a técnica de maior alcance em ações concretas e continuadas, já o curinga é aquele que multiplica o método, ensinando as regras que norteiam a metodologia do T.O.. E o ato de “curingar” nos movimentos sociais é tratado como o ato de agitar, o curinga é compreendido como um agitador.

Nas pesquisas sobre o T.O. percebe-se um agente fundamental no processo de transmissão das técnicas, o “*espect-ator*”. Ao quebrar a quarta parede do Teatro — que separa público e plateia —, transforma-se o espectador, no sentido daquele que assiste passivamente, em ator, possibilitando sua participação ativa no processo de discussão.

É com o diálogo estabelecido entre o curinga e a plateia que emerge o *espect-ator*. “O *espect-ator* é um espectador na expectativa de atuar, um investigador ativo dos problemas trazidos pelo grupo, embrenhando-se numa procura socrática dos vários ses – ‘e se fizessemos assim?’” (BARBOSA; FERREIRA, 2017, p. 444).

Uso o *espect-ator* ao decorrer deste trabalho ao pensar o T.O. enquanto prática do AgitProp, comparo o *espect-ator* ao indivíduo que cativado pelas manifestações dos movimentos que se utilizam de tais práticas e comovidos pelas reivindicações, se veem representados em seus desejos de expressão de mudança, decidindo adentrar a organicidade do

²Técnica desenvolvida por Boal para fazer o intermédio entre parlamentar e cidadão por meio da relação artista-público, em seu Mandato Político-Teatral na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), entre 1993 e 1996.

³O sistema Curinga foi desenvolvido por Boal no período em que dirigia o teatro de Arena, de São Paulo, na década de 60.

⁴Técnica que consiste na encenação de um problema, e ao final, o público é estimulado a entrar na cena da apresentação e modificar as ações de acordo com suas alternativas.

movimento, se tornando militantes.

Ao sair da condição de mero espectador, para a posição de participante ativo – *espectator* – da produção do seu próprio saber e da expressão de suas reivindicações sociais, configura-se um reposicionamento. Silveira (2013) ao questionar-se até que ponto as narrativas de desconforto despertam nas pessoas a necessidade de repensar o mundo, destaca que “a enunciação é um engajamento, no sentido que conecta e extrapola subjetividades, modificando-as, assim” (SILVEIRA, 2013 p. 115).

Apresentando o lugar do T.O. e o significado de *espectator* no caminho que trilhei para o objeto desta pesquisa, preciso pontuar aqui, um período importante que me levou ao movimento que trago como recorte de pesquisa. O período que ocupei minha escola⁵, junto com outras dezenas de estudantes, por 52 dias, em 2016. Foi através da ocupação e do T.O. que conheci o Levante Popular da Juventude - que chamarei ao decorrer do texto, apenas por “Levante” - o *locus* desta pesquisa.

O Levante Popular da Juventude, é um movimento social que possui seu início no Rio Grande do Sul, em 2016 e alcança a nacionalização em 2012, com 15 estados onde o movimento atua, segundo site oficial do movimento⁶. Objetivando-se a promover a organização de juventudes em massa, com três frentes organizadas: estudantil, camponesa e territorial, em prol de uma transformação social com o engajamento político dessas três frentes.

Há configurações organizativas que regem as formas que os militantes estruturam seu engajamento no Levante. Há dentro da organização, coletivos de tarefas, como exemplo o coletivo de comunicação, que agregam os militantes que fazem os registros fotográficos, as mídias digitais e sociais do movimento.

Diretamente ligado a este coletivo está outro que se faz muito importante para esta pesquisa, o coletivo do AgitProp, consistindo nos militantes que pensam e formulam as ações de agitação e propaganda. Dentro deste, há um elemento que permeia não somente este coletivo, mas as instâncias do movimento como um todo: a mística, que não é apenas uma tarefa específica dada, ela atravessa toda militância e seus afazeres.

⁵ Em 2016 explode um movimento de escolas ocupadas no país inteiro, contra a PEC 241 do teto de gastos públicos, a MP 56 que institui a nova reforma do ensino médio e o projeto de lei escola sem partido. Segundo Mendes (2017), o movimento também conhecido pelos estudantes como a “Primavera Secundarista”, foi um fenômeno brasileiro que se caracterizou como uma nova forma de organização de protestos liderada por estudantes secundaristas, somando mais de 1.000 escolas ocupadas, conforme dados da União Brasileira de Estudantes Secundaristas.

⁶ Levante.org.br

A “célula”⁷ cabedelense do Levante, que se fazia em uma das principais escolas estaduais de ensino médio de Cabedelo, a E.E. José Guedes Cavalcanti, teve alguns de seus alunos participando de atividades da ocupação do IFPB Cabedelo. As camisetas pretas, a batucada, o jeito de falar do Levante, era diferente, eu senti isso. Mas, não entrei no Levante neste período, acreditava que os espaços participativos e representativos que eu já fazia parte, era o suficiente naquele momento - Coletivo de Teatro, Grêmio Estudantil, Centro Acadêmico, Conselhos Universitários - nesta época, eu estudava no ensino médio e na Universidade ao mesmo tempo. Porém, continuei participando de atividades com o Levante.

É interessante pensar que mesmo não sendo organizada⁸ no movimento, na UFPB as pessoas me chamavam de “Bia do Levante”, junto a outras identificações, essas de fato verdadeiras: “Bia do C.A; Bia do T.O; Bia do IF”. Hoje penso que minha identidade, perpassou pelo reconhecimento dos espaços que ocupei, inclusive o da associação com o Levante, que mesmo não sendo de fato organizada, a visibilidade que as atividades do movimento me possibilitaram, faziam com que as outras pessoas me associassem.

Na ocupação do IFPB Cabedelo, algumas pesquisas mostram (DIAS et al., 2017; DIAS, 2019; MENDES, 2020; DIAS; MENDES, 2021) que o Núcleo de T.O. se mostrou de grande importância no decorrer do movimento. Alguns dos estudantes ocupantes, relataram que possuíram contato com o NTO na recepção do ano letivo. Era algo recorrente, pois sempre se apresentava alguma peça no início dos anos letivos, como na recepção aos novos estudantes ingressantes.

Nas primeiras apresentações das peças que fizemos para os estudantes ingressantes, no ano letivo de 2016, se fizeram presentes cerca de 70 alunos e alunas. E na primeira oficina que ministramos na recepção desses ingressantes, participaram aproximadamente 45 estudantes - todos matriculados nas turmas de primeiros anos.

A importância da criação do grupo de teatro se mostra a partir da pesquisa realizada em que a maioria dos participantes da ocupação participam dessa manifestação cultural que é grupo teatral [...] e o contexto político contribuindo para a formação de grande ferramenta de organização estudantil para mobilização (DIAS et al., 2016).

Com isso, compreendo que o Teatro do Oprimido foi uma eficiente prática de AgitProp, conseguindo mobilizar e qualificar as atividades. O T.O. enquanto AgitProp contribuiu com o engajamento dos estudantes no processo de ocupação, e as atividades culturais como uma forma de renovação mística, mesmo que naquela experiência, não se tinha a compreensão da

⁷ Célula é como são chamados os núcleos menores que se subdividem o movimento nas localidades que ele atua.

⁸ Estar “organizado” é o termo para designar que uma pessoa é militante de algum movimento.

existência do significado de mística.

Compreendo os processos de ocupação como um espaço de visibilidade, penso nos ganhos e conquistas que nos foram possibilitados, pude me sentir gratificada ao perceber que muitas meninas eram lideranças do movimento. Estudei quatro anos no IFPB Cabedelo e fui uma das pessoas que fundou o Grêmio Estudantil da escola, sempre foi muito difícil enquanto mulher jovem conseguir mobilizar, ser ouvida, principalmente pelo período etário e social: a adolescência. Pois muitos meninos na idade adolescente são acostumados a enxergar meninas adolescentes enquanto interessante fisicamente, e não enquanto interessante no que se diz.

Atualmente, consigo perceber que muito do meu estético enquanto adolescente foi para tentar demarcar um espaço que eu queria ocupar, o de mobilizar elementos importantes para as reivindicações, e isso aconteceu na ocupação da escola, não só eu, outras mulheres e estudantes LGBT's estavam ocupando esses lugares.

Um ponto que me chamou atenção em minhas pesquisas sobre o movimento de ocupação, foi a motivação inicial dos jovens estudantes que participaram (DIAS; MENDES, 2021). Na Paraíba, a ocupação das escolas nasceu possuindo como um de seus objetivos, o de se opor a uma estrutura de ensino que diminui a importância de disciplinas historicamente não valorizadas, que possuem uma instabilidade em ser garantidas na educação pública.

Disciplinas de viés questionador e conhecimento crítico, como a Sociologia, Filosofia e História, como também disciplinas que possibilitam uma maior autonomia de experiências corporais e sensoriais, como a Educação Física e as Artes, o que ocorre devido a desvalorização de matérias que não correspondem diretamente a lógica de mercado, como a de “utilidade” e “serviço/servidão” ao preparar não apenas mão de obra de trabalho e raciocínio lógico, mas que possibilitam a ampliação da educação cidadã, para uma interpretação social (LAHIRE, 2014).

O que se fez interessante foi perceber a defesa destas disciplinas no cotidiano das ocupações, as atividades que foram promovidas pelo movimento carregavam um cunho educativo, político e produtivo, como realizar debates com temáticas sobre as razões do movimento, sobre machismo, racismo, homofobia, questionamentos, problemas sociais etc.

As oficinas eram voltadas para a valorização das artes manuais e corporais, produção de cartazes, customização, reciclagem, dança, teatro, música, práticas de esportes, exercícios físicos, etc. Essas atividades eram abertas ao público, o que ajudava na aproximação dos moradores locais, contando assim com a participação da comunidade ao redor (MENDES, 2020).

Na rotina das ocupações, percebi uma presença maior de atividades que estão fora do currículo tradicional escolar - o que foi caracterizado pelas pautas do movimento - sendo

colocados em prática os desejos educacionais que permeavam os estudantes através de seus interesses. Também estavam presentes professores da própria instituição que se disponibilizavam a ministrar e participar de atividades em concordância com os alunos, como também outros professores que não possuíam vínculo, mas se aproximaram do movimento, além de participantes no geral, que propuseram conteúdo.

Outro ponto interessante de destacar são as assembleias estudantis, por meio delas os ocupantes se faziam protagonistas nos espaços decisórios, como a assembleia dos “100 a 8”, que foi a primeira votação para permanecer ocupando depois de uma semana, e foram 100 votos favoráveis contra apenas 8, e conseguimos isso numa união entre o ensino superior e o médio integrado.

Para Zinet (2016), os jovens ocupantes evidenciaram com o movimento que é possível um modelo de educação que “ultrapasse as paredes da sala de aula e os muros da escola”, pois o “aprendizado não se limita ao acesso aos conteúdos” (p. 2). Na perspectiva de pensar o movimento de ocupação das escolas enquanto uma experiência de aprendizado que não é contemplado nos currículos formais, as atividades realizadas pelos ocupantes nos mostraram que “não estão alheios às questões políticas do país e que são capazes de realizar ampla mobilização para a luta em prol de uma educação pública e de qualidade” (BOUTIN; FLACH, 2017, p. 432).

Mas não se pode ignorar os sentimentos de dificuldade que ficam desses processos e episódios ruins que aconteceram. Aprendi isso quando fui exposta na internet, o MBL⁹ da minha cidade era um pouco forte nas redes sociais, principalmente no *Facebook*¹⁰, então quando postaram um vídeo nosso, ganharam proporções nacionais, e nas minhas lembranças ficam até hoje, os piores comentários e ameaças possíveis, que guardo os *prints*¹¹ até hoje - não sei dizer o motivo pelo qual guardo, mas acho um registro que não se pode perder.

O que me gerou medo quando alguém de fora vinha filmar, medo que tenho até hoje quando vejo uma câmera próxima a mim durante um ato, medo de ser mais exposta. Lembrome de um colega, que já havia saído da escola por ser perseguido politicamente quando fomos do Grêmio Estudantil, ele foi filmado usando a blusa do MST e isso trouxe muita exposição ruim e ataques na internet.

Assim, também aliado ao sentimento mais frustrante desse período, a sensação de que nossas reivindicações não iam ser atendidas, era uma mobilização nacional, com muitas escolas

⁹ Movimento Brasil Livre, organização política de direita.

¹⁰ Rede Social de compartilhamento do cotidiano.

¹¹ Termo que se usa referente a foto da imagem expressa pelo monitor ou tela de aparelho eletrônico de mensagem.

em muitos estados, e não conseguimos barrar a PEC 241 e nem a reforma do ensino médio, foi um processo bastante cansativo. Hoje percebo que desde o golpe contra a presidenta Dilma, que acarretou seu *impeachment* em 2016, só temos ido ladeira abaixo, atualmente eu teria muito medo de ocupar uma escola ou Universidade com um governo tão antidemocrático como o que enfrentamos de 2019 a 2023.

E foi com esse sentimento de medo e frustração, somado ao acúmulo de experiência e aprendizagem que vivenciei no processo de ocupação, que decidi me organizar no Levante Popular da Juventude, no início de 2019, quando Bolsonaro chegou na presidência. Pensei comigo que, já estava saindo da Universidade, já não ia mais estar nos espaços que ocupei durante a graduação, esse era o momento para de fato ser “Bia do Levante” e fazer minha parte na militância, com a organização, apontar e construir caminhos.

A minha inserção no Levante Popular da Juventude enquanto militante, me possibilitou ter o contato com a utilização da Agitação e Propaganda, na prática visual e sonora, com as performances teatrais, os lambes, a produção de material para atos de rua – e no período de isolamento, atos virtuais – as coreografias aliadas as músicas com letras que propagam as reivindicações, a batucada e a própria confecção dos batuques.

Considero o uso lúdico de metodologias ativas, como atividades artísticas e midiáticas, uma forma freiriana de educação política (FREIRE, 1996), no sentido de buscar a emancipação dos sujeitos, percebo que a relação entre arte e ativismo, especialmente em se tratando de juventude, pode ser muito fértil na problematização e resolução de conflitos.

Meu interesse nesta pesquisa nasce ao conhecer a Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas de Alagoa Nova e da Paraíba (ACAJAMAN-PB), que possui sede na cidade de Alagoa Nova/PB (região da Borborema paraibana), em um encontro de formação do Levante Popular da Juventude.

Na ocasião, os integrantes da associação me relataram as atividades que utilizavam, com o objetivo de promover o debate sobre o nosso atual contexto político e buscar uma participação maior de jovens na reivindicação de demandas locais. Ao relatar as ações, mencionaram o Teatro do Oprimido como uma das ferramentas mais utilizadas no envolvimento dos participantes e conseqüentemente, na provocação de debates.

Logo, lembrei-me de quando me tornei orgânica no Levante, na ocasião que participei, foi apresentado aos participantes uma performance chamada “Jornada Socialista”, uma espécie de peça teatral, com uma encenação que se movimentava em diferentes espaços, não se prendendo a um palco.

Os militantes performavam variados personagens da história de lutas da esquerda no

Brasil, como camponeses mortos na luta pela terra e estudantes vítimas de tortura durante a ditadura militar, entre outros. Ao finalizar a apresentação, soltavam o grito de ordem do Levante “aaaaah levante-se, pela revolução”, que vem carregado de uma coreografia composta por pulos e punhos erguidos, ouviam-se alguns dizer que, com aquela experiência, haviam suas místicas renovadas.

Com aquela encenação, sobre pessoas que praticamente deram a vida por uma causa, me atentei ao significado de “sacrifício” que emerge dentro dos movimentos sociais. No caso do Levante Popular da Juventude, o “espírito de sacrifício” está na ocupação de atividades, o chamado método “tratorado” por Groppo et al (2020), consiste no acúmulo de atividades como é chamado, configura-se pelo que se denomina dentro do movimento de “tarefas”, que são postas para realização, tomam grande parte do cotidiano dos militantes que “sacrificam” esse tempo para realizá-las.

Quando evocamos a imagem de um militante, quem facilmente nos vem ao pensamento é alguém de fala firme e disposto ao sacrifício por uma causa... Vemos que, frequentemente, é posto em cena um militante/mártir disposto até mesmo a morrer em nome de seus ideais. (OLIVEIRA et al., 2009, p. 1807)

Com isso, é atribuída à mística um papel de renovação de sentimentos de fé e pertencimento. E o AgitProp é uma ferramenta de produção dessa mística. Ao me encontrar com alguns textos do antropólogo Tim Ingold (2011) em aula, fui me deparando com um elemento bastante descrito pelo autor: a ferramenta. Ao associar minhas pesquisas no campo do teatro, percebo o corpo enquanto ferramenta, nas técnicas aprendidas, no processo de jogos e exercícios para atores - e não atores.

Pensando em um corpo em uso, logo fiz a ligação do corpo teatral ao corpo militante, ambos imbuídos de performances elaboradas em uma espécie de arsenal. Um arsenal bem amplo acoplado a esse corpo, que o servem de identificação e representação do militante com suas causas e movimentos. Uma relação corpo-bandeira, em camisetas, lenços, bandeiras, estandartes, agendas, bonés, o uso de materiais como megafones, e a clássica imagem do militante em posição de punho cerrado.

Em relação a isso, me instigou a refletir sobre o próprio processo de técnica-montagem que segue um roteiro, com a confecção de materiais, o uso de ferramentas, com os exercícios que o corpo atua. Ingold (2011) me trouxe a bordo para pensar a preparação antes do destino final, como no livro que o Levante utiliza como referência, Trabalho de Base (SILVA, 1991), que ao apontar guias sobre militância, diz que uma reunião é feita na maior parte antes de acontecer, em sua preparação.

Tomo o exemplo da preparação da reunião, como analogia ao processo de técnica-

montagem que antecede as atividades de um movimento social. Os atos de rua, por exemplo, são realizados antes de estar na rua, no dia e horário marcado. As ações para a preparação e mobilização, podem ser compreendidas como a execução do ato, não como apenas o planejamento, mas sim como o ato em si.

Partindo de caminhos que compõem em sua base movimentos da Via Campesina, como o MST, o Levante carrega em sua poética de luta a disputa de mentes e corações. Nóbrega (2006) nos evidencia a luta do MST dentro da arena do discurso: “não é mais possível combater os latifúndios da terra sem combater os latifúndios da mídia. Além de ocupar terras improdutivas, é preciso ocupar sentimentos, é neste ponto que esses movimentos se utilizam de práticas artísticas no agitprop e na mística.

Ao pensar os adereços que possuem significados na militância, entendo os materiais, os objetos, ferramentas como partes do arsenal de um corpo artesão, que, com o artefato, permite a compreensão dos símbolos em sua visualidade e em seus aspectos estéticos e históricos. Alfred Gell (2001), traz a atuação desses objetos que sintetizam ações, como responsáveis por relações e emoções, sendo os artefatos, caminhos que expressam a produção e ação de pessoas e seus lugares em determinados grupos. E, Appadurai (2008) que estuda os objetos e seus trajetos, possuindo significados e valores, uma vida social.

As formas que são usados os adereços e objetos como elementos que compõem o AgitProp e a Mística, fazem parte de uma ferramenta de luta: a performance do militante. Janecleide Aguiar (2019) ao compreender a organização política do MST, vai além do intermédio de suas tradicionais formas de luta, como ocupações e marchas, mas, destacando as práticas através da mística, com dramatizações e performances. Segundo a autora “a performance apareceria como instrumento de mobilização política [...] no sentido da mobilização de corpos para a formação de um ativismo político” (AGUIAR, 2019, p. 3).

É importante salientar que este trabalho tem sido construído desde o ano de 2020, quando emergiu a pandemia do novo coronavírus. Portanto, mesmo que o foco aqui não esteja nas atividades dos movimentos sociais no contexto pandêmico, a pesquisa foi afetada por diferentes fatores ao decorrer do contexto epidemiológico da Covid-19, isso perpassa não só condições profissionais e acadêmicas, como também pessoais e emocionais, o que envolve toda a narrativa exposta aqui.

Com o contexto de pandemia, o AgitProp e a Mística potencializou-se no uso das ferramentas digitais e no engajamento do ativismo político de jovens através das redes sociais, utilizados pelo movimento estudantil em atos virtuais e presenciais. Castells (2017) já apontava anteriormente que a internet tem passado por uma transformação, deixando de ser meramente instrumental, e passa a incorporar um cenário político de maneira central.

O *ciberespaço* é o termo usado para se referir às novas tecnologias digitais possibilitadas pela internet (LÉVY, 1999). Esses elementos são concretizados através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como *hardwares* e *softwares*, os exemplos de algumas dessas tecnologias são os smartphones, aplicativos de mensagens e redes sociais.

Nesta pesquisa, também busquei abordar a relação tática entre manifestações políticas e visibilidade social, através das tecnologias digitais, as performances aparecem em outros regimes de visibilidade distintos das mídias tradicionais. Os *ciberespaços* possibilitam no uso das ferramentas digitais o engajamento do ativismo de jovens através das redes sociais, utilizados por movimentos para mobilização neste período de pandemia. Os que antes ocupavam as ruas, hoje ocupam as redes sociais e disputam o campo virtual, promovendo o *ciberativismo*.

Ao pensar nesse campo sob o olhar antropológico, Ferraz (2019) nos alerta que não podemos desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, fazendo-se em diversas esferas das relações sociais, se apresentando também como objeto de pesquisa. Pois se ignorarmos esse fenômeno social evidente em nossa era “tornam-se percíveis os métodos antropológicos tradicionais, por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais” (FERRAZ, 2019, p. 48).

Desenvolvo esta pesquisa através dos aportes teóricos e metodológicos da observação participante (INGOLD, 2016; CLIFFORD, 2002; PACHECO DE OLIVEIRA, 2013; GEERTZ, 2001; STRATHERN, 2014, LAVE, 2015; ABU-LUGHOD, 2018). Mobilizando também as ideias de “aprender como/na prática” (LAVE, 2015) e de “conhecer desde dentro” (INGOLD, 2011), o recorte deste trabalho é a partir da minha experiência no Levante Popular da Juventude em Campina Grande/PB, enquanto militante organizada, aliando-me ao uso da pesquisa bibliográfica, e de análise dos materiais e registros fotográficos produzidos pelos militantes.

No primeiro capítulo, penso o lugar que ocupo nesta pesquisa e discorro acerca do meu caminho metodológico. Colocando em questão a noção de afastamento do objeto, quando se é a pesquisadora e quando se faz parte do próprio objeto. Certo dia, li um relato de um companheiro de Universidade, em que um professor comentou “o que separa um trabalho europeu e norte americano de um trabalho da América latina é que, os primeiros são técnicos e os segundos são políticos”, e ler aquela frase me serviu para problematizar uma “pesquisa-militante” (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004).

Ao fazer a leitura de Lélia Gonzalez (1980) e Aníbal Quijano (2005), pensei quais caminhos que levam um trabalho antropológico ao sentido político. Assim, um elemento me

saltou aos olhos: a fala por uma decolonialidade epistêmica. Ao refletir sobre o processo de colonização na América Latina e o que reverbera em nossa produção acadêmica, há uma linha tênue entre técnica e política, e me questiono se seria possível essa dicotomia. Penso que falar sobre decolonialidade na academia é como Aguiar (2021) aponta, “não é, então, uma categoria exclusivamente acadêmica, mas uma prática política”.

Problematizando este caminho, parto para mobilizar discussões que contribuam para pensar o poder político que há no fazer antropológico, como a escrita etnográfica. Que embora seja inicialmente concebida enquanto um método, já é debatida a impossibilidade de limitá-la a uma técnica de investigação, mas se amplia a pensar a relação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa. Como os processos entre a teoria e o campo (GEERTZ, 2009; PEIRANO, 2014), e com isso, os dilemas que emergem da preocupação com os deslocamentos do lugar e do papel do pesquisador em sua etnografia, como aponta Pacheco de Oliveira (2013) e Marilyn Strathern (2014).

Assim, compreendo conforme a ideia de conhecimento situado, segundo Abu-Lughod (2018) “isso não torna tais estudos menos valiosos; simplesmente nos lembra que devemos atentar constantemente para a posicionalidade do eu antropológico e de suas representações do outro” (p. 198).

Apresentado os termos e categorias principais deste trabalho, o seu desenvolvimento será subdividido em três partes. No primeiro capítulo, foi realizada uma mobilização teórica a partir de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de pensar as juventudes enquanto categoria social, os sentidos produzidos nas performances corporais, os regimes de visibilidade, e identidades juvenis subalternizadas. Trazendo inicialmente a presença do teatro na antropologia da performance, pontuando o papel da mídia e do *ciberespaço*.

Na segunda parte deste trabalho, é apresentado o movimento que utilizo como recorte desta pesquisa; traço uma trajetória histórica do AgitProp como estratégia nos movimentos sociais de esquerda e da presença da Mística como poética de luta. Partindo da apresentação do Levante, da história do AgitProp e dos sentidos e significados da Mística, mobilizo referências para pensar a arte e a performance no elo entre essas duas práticas enquanto cultura política.

No terceiro e último capítulo, para analisar a performance militante através das técnicas do AgitProp e da Mística, utilizei como material de análise, o cancionário popular do movimento e registros fotográficos dos atos de rua, divulgados pelo Levante em suas redes sociais. Ao me utilizar das redes sociais do movimento para extração de material de análise, exponho minhas considerações acerca do último objetivo específico deste trabalho, entender

o papel das tecnologias digitais na produção e execução da ação política.

Por fim, em minhas considerações finais, trago algumas questões acerca do atravessamento da pandemia do Covid-19 neste trabalho, e abro caminhos para estabelecer uma relação entre os movimentos sociais como espaço de “fala” de uma juventude subalternizada que, ao mesmo tempo em que luta pelo acesso a educação, produz processos educativos e de aprendizagem através da performance militante juvenil apresentada nesta pesquisa.

CAPÍTULO I: “ONDE OS MEUS PÉS PISAM”

Me reconheço quando Oliveira (2019) coloca que passou a pensar “onde os pés pisavam” pois era “uma jovem de vinte e poucos anos, estudando outros jovens, pensando sua condição juvenil, realizando viagens epistemológicas por congressos, apresentando trabalhos, organizando seminários e eventos” (p. 17) lendo essa tese, quando bati o olho deste trecho, me reconheci, e pensei: é isso! Pensar onde meus pés estavam, como meus pés caminhavam, o que meus pés em conjunto com outros pés produziam, me trouxe desde o ensino médio, até aqui, no mestrado.

Confesso que o processo dessa pesquisa foi difícil, eu tinha outro projeto que teve de ser modificado pela pandemia, e isso me afetou. Mas, ao pensar minhas próprias experiências sentidas e vivenciadas, consegui replanejar rotas, delimitar o objeto desta pesquisa. Este trabalho não tenta ser distante do meu ser militante, ele é um trabalho totalmente comprometido, e é importante que isso seja dito, e discutido. Ao pensar como cheguei nesse caminho, destaco quando Ingold diz que “há muitas maneiras de caminhar, e nem todas nos levam para fora” (INGOLD, 2015, p. 23).

Dito isto, esse primeiro capítulo começa demarcando minha posição nesta pesquisa, enquanto pesquisadora e militante do movimento Levante Popular da Juventude, discorrendo sobre alguns autores que trazem as questões metodológicas da observação participante. Depois, apresento a compreensão da categoria juventude utilizada nesta pesquisa, fazendo um recorte para pensar os movimentos sociais, através das juventudes subalternizadas. Por fim, saliento a busca dos jovens por espaços de fala e aparição, começando a entender a performance como estratégia política de luta dos movimentos sociais contemporâneos.

1.1 DE LONGE E DE PERTO EM CASA – CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho traz a observação participante, mas poderia ser uma “participação observante”. Ingold (2016) nos chama atenção em sua teoria sobre a observação participante, apresentando o “saber por dentro” e do “estar com” ao longo da observação e produção com as pessoas e não somente sobre as pessoas, o que me traz o pensamento, que ao utilizar-se das técnicas e descrevê-las, utiliza-se de ambos os lados, da observação e da participação, o ato de descrever está atrelado ao processo de interpretação, possibilitando também a experimentação, “não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado” (INGOLD, 2016).

Esse processo é vivenciado na corporificação do ser pesquisador, quando se pensa as narrativas de si, na escrita de povos subalternizados sobre eles mesmos, não se pode ignorar e marginalizar a conotação política que esses trabalhos possuem em suas justificativas, frutos de um longo processo de invisibilização epistêmica, que precisa ser pautado. Se levarmos em consideração que determinados corpos são condicionados a determinadas vivências e determinados espaços, esse corpo e sua fala são políticos. Assim, não podemos compreender o pesquisador como um ser abstrato, mas como um “corpo vivo habilidoso” (INGOLD, 2016) que é imbuído pelas técnicas, fazendo-se de ferramenta e afetando-se com o processo.

O poder que se exerce na escrita sobre si e sobre o outro é uma questão já presente em alguns debates na antropologia. Clifford (2002) ao nos trazer o debate sobre autoridade etnográfica, levanta questões como o poder da escrita sobre ‘outros’, a autoridade exercida na validação do objeto estudado “está lá, porque eu estava lá, porque escrevi sobre” por isso, a etnografia não pode ser separada de um debate político, a escrita etnográfica é uma forma de autoridade ao aparecer como provedor da verdade, é também um espaço de discurso do poder.

Pacheco de Oliveira (2013) ao afirmar que “Quer a dimensão política seja explicitada ou não, ela sempre estará presente.”, atenta-se para o fato de que é necessário que se derrube uma falsa noção de que uma postura ativa na antropologia trouxesse uma visão negativa e que a conotação política na prática etnográfica só apareceria quando houvesse uma ambiguidade do antropólogo, sendo pesquisador e fazendo parte do objeto de pesquisa.

Outro ponto para entender a autoridade etnográfica é quando Taussig (2010) nos diz que a antropologia estuda cultura, mas também “cria cultura”. Porém, quando o pesquisador também é considerado “nativo”, há questões em torno dos desafios e da legitimidade de construir uma pesquisa com pautas que envolvem o pesquisador para além da pesquisa, quando o mesmo faz parte do campo e do objeto de pesquisa, há uma preocupação em pensar o lugar do pesquisador nesta situação.

João Pacheco de Oliveira (2013), evidencia que no Brasil, essa preocupação se destaca a partir das pesquisas direcionadas às ditas populações tradicionais, como indígenas e quilombolas, e o termo “nativo” carrega um abuso de seu uso em qualquer objeto de pesquisa, por remeter a uma velha linguagem antropológica, e volta a atenção para salientar que corriqueiramente essa colocação do interlocutor enquanto nativo é parte de uma descrição estereotipada, e de “uma narrativa exotizante” (p. 53).

Acredito que como Geertz (2001) apresenta que na pesquisa de campo, no entendimento antropológico do ponto de vista dos nativos, é preciso aproximar-se do entendimento do interlocutor, conectando os significados e símbolos de suas vivências - chamadas de

experiências próximas - com os conceitos trabalhados pelo pesquisador - a experiência distante. Assim, compreendo que, o pesquisador que também é compreendido enquanto nativo, faria um movimento não inverso, mas intercalante, o de trazer a experiência próxima do estar “em casa” (STRATHERN, 2014) a experiência distante da análise antropológica.

Para Marilyn Strathern (2014), a questão importante para delimitar o pesquisador do nativo, são as técnicas de organização e transmissão do conhecimento, a questão não é ser da “casa” mas como saber e conhecer o “estar em casa”. Como também coloca Pacheco de Oliveira, que o processo de pesquisa está relacionado a um consenso relativo entre o pesquisador e os sujeitos. Assim, compreendo conforme a ideia de conhecimento situado, segundo Abu-Lughod (2018) “isso não torna tais estudos menos valiosos; simplesmente nos lembra que devemos atentar constantemente para a posicionalidade do eu antropológico e de suas representações do outro” (p. 198).

E compreendo que na autoantropologia a produção de conhecimento é derivada da subjetividade do autor em sua narrativa, com a organização da relação entre as experiências, esse processo implica em uma educação para uma percepção do mundo, possibilitando experimentações.

Assim, Ingold (2016) me faz pensar no que Strathern (2014) coloca como separação entre pesquisador e pesquisado, não é o “estar em casa” mas a forma, a ferramenta, próximas e distantes. Um dos desafios da prática etnográfica no Brasil, também perpassa por um certo tipo de educação que nos é condicionada, uma educação que está alinhada a colonialidade do saber (QUIJANO, 2005) pois a educação é um processo pelo qual se emerge os moldes da produção de conhecimento.

A antropóloga Jean Lave (2015) nos atenta para não separarmos a compreensão de cultura da compreensão de aprendizagem. É preciso compreender cultura e aprendizagem como instâncias produtoras delas próprias na prática, ao dizer que ao passo que muito sabemos o que as pessoas sabem, pouco sabemos como elas aprendem, a aprendizagem estaria diretamente relacionada às coerências e incoerências da vida cotidiana.

Assim, tanto o “estar em casa” (STRATHERN, 2014) como a “experiência próxima” (GEERTZ, 2001), o “estar com” e “saber por dentro” (INGOLD, 2016) são processos de aprender por meio do fazer. Com isso, pensar como os efeitos e consequências causados por um espaço de educação tradicional, podem resultar na busca de espaços que se configuram através de outras formas de educação, que produziria um espaço de “fala” como a teoria decolonial exposta por Quijano (2005) e Gonzales (1980) é um grande desafio no Brasil.

O processo educativo vai além da forma colocada na estrutura tradicional, pautando

processos de aprendizagem plurais a partir também das práticas sociais como a prática de pesquisa, pode-se fazer o que Pacheco de Oliveira (2013) pontua, repensar tradições antropológicas de maneira plural, e romper com uma imposição de homogeneização e normatividade que hierarquiza conhecimentos e que nos levam ao passado da história da antropologia enquanto disciplina.

1.2 JUVENTUDES: ETARIZAÇÃO E SUBALTERNIZAÇÃO

Dissertar sobre juventudes e a definição de sua construção histórica não é algo fácil (DAYHELL, 2003), compreendo que nas Ciências Sociais a juventude é concebida enquanto uma categoria socialmente construída, e aqui me atenho a compreensão no sentido plural de juventudes.

A ideia de juventude é forjada nas sociedades modernas a partir de um processo sócio-histórico de ‘etarização’ da vida, gerando uma “cronologização do curso da vida” (GROPPO, 2000), dividindo os indivíduos em faixas etárias como um dos critérios de atribuição de direitos e deveres aos cidadãos. Na legislação, são consideradas jovens pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade, segundo Estatuto da Juventude (ECA, 2013).

A categoria juventude perpassa por diferenças sociais e espaciais, se fazendo necessário compreender as desigualdades que fazem parte das diferentes formas de condição juvenil, como gênero, sexualidade, acesso à educação, moradia, lazer, condições de trabalho e renda, etc.. Não se resumindo apenas aos limites etários, mas apresentando diferentes condições em suas representações simbólicas e relações sociais, portanto a juventude enquanto categoria é diversa.

Segundo Dayhell (2003), a conjuntura social é um fator importante nas condições que possibilitam, ou não, um pleno desenvolvimento de potências dos jovens, estando os jovens brasileiros suscetíveis a fatores que os fazem desprovidos da proteção pela vida, e possuem como necessidade “a busca de outras formas de realização e proteção, considerando a situação de vulnerabilidade a que é exposto, no atual contexto.” (SILVA; GALETO; BASTISTA, 2020, p. 8)

Com esses fatores, para Silva, Galeto e Bastista (2020) é possível considerar que as condições de vida podem gerar um déficit no desenvolvimento humano “se o contexto em que o jovem está inserido não provê os mecanismos e recursos necessários para que este desenvolva suas potencialidades” (p. 8), assim trago aqui para discussão, o conceito de juventude subalternizada.

O conceito de subalternidade aqui é mobilizado no sentido da “fala” (SPIVAK, 2012), a “fala” enquanto “a articulação pública de um discurso por parte de um sujeito coletivo”

(CASTRO, 2011, p. 302), fazendo associação com a teórica indiana, a autora brasileira Lucia Rabello Castro traz o questionamento “os jovens podem falar?” fazendo alusão ao campo das juventudes, se referindo às oposições entre fala/silenciamento, política/servidão, etc. elementos importantes que a autora traz em sua compreensão as adversidades e as questões do processo que busca uma emancipação através da luta para transformar as condições de opressão.

Um questionamento importante ao pensar juventudes, Castro (2011) aponta que os jovens têm sido “objetos do discurso do outro, seja o da autoridade conferida à geração mais velha, seja o dos saberes disciplinares” (p. 301). Os jovens enquanto atores sociais são “subalternizados” – no sentido de serem condicionados a essa visão – pois são postos na posição da escuta, da subordinação e não do protagonismo de fala e atuação.

Colocados enquanto sujeitos que estão a espera e construção do que estar por vir, a juventude é uma categoria socialmente construída sob a ótica de não serem vistos como “inteiros” mas como algo a ser preenchido, por serem compreendidos enquanto indivíduos em período de transição para um “futuro” adulto, que definirá seu papel na sociedade, e não do que se é e se está sendo enquanto indivíduo em sua plenitude.

São considerados sujeitos em formação, que devem ser instruídos, educados e orientados dentro de uma estrutura que reproduz padrões normatizadores patriarcais “para não serem desviados” (LEHFELD; SILVA, 2012, p. 43), o que Castro (2011) coloca como sujeitos “tutelados”.

Ao compreender os jovens enquanto indivíduos subjugados na hierarquia da vida social etarizada como um fator que influencia no poder político, é preciso ir além e perceber que a desigualdade se aprofunda quando colocamos o recorte dos marcadores sociais de diferença.

Há uma existência política invisibilizada ao decorrer do processo histórico de colonização dos povos, sendo subalternizados pela raça, cor, etnia, e como destacado por Gonzales (1984), também pelo gênero e sexismo. E aqui, adiciono: pela etarização e classe social do ser reconhecido enquanto minoria política, o jovem proveniente da classe trabalhadora.

A subalternização é forjada a partir da demarcação do ser abstrato e universal como dominante. Pensemos, não é nem um pouco difícil reconhecer a figura desse ser abstrato e universal nos espaços políticos ocupados. Tanto nos cargos eleitos pela população, como nas diligências dos movimentos sociais clássicos, mesmo que haja uma diferença de classe social,

é comum saltar aos olhos, uma identidade concebida de como o ser abstrato e universal dominante: homens, cisgêneros, brancos, heteronormativos, de meia idade¹².

Como bem pontua Bonachi (1998) sobre a crítica feminista a este universalismo na figura deste ser: “[...] o caráter particular desse sujeito que se pretendia universal: o ponto de vista oculto por trás do ser abstrato da metafísica é, na realidade, o ponto de vista extremamente concreto do homem ocidental adulto, branco e proprietário”¹³.

As identidades reivindicadas nos novos movimentos sociais de juventude são concebidas sob uma influência do feminismo. Penso isso a partir das evidências, que as mulheres estão ocupando mais espaços de liderança nos movimentos contemporaneamente, isso é resultante da massificação recente nos últimos vinte anos do movimento feminista no Brasil (HOLLANDA, 2018).

No processo histórico-social do movimento feminista, há na contemporaneidade, o reconhecimento da pluralidade de vivências entre variadas formas dos “feminismos” (DAFLON, 2019) a partir do reconhecimento dos marcadores sociais de diferença, caracterizando.

Assim, nesta pesquisa, é importante compreender a interseccionalidade que pauta a juventude subalternizada, que trago no recorte desta pesquisa. Ao passo que se mobilizam na concepção marxista de luta de classes, se constrói no enfrentamento a desigualdades sociais que abarcam a questão feminista, racial e da diversidade sexual.

Em uma coletânea de resultados de pesquisa dentro do campo da educação, da juventude e da militância política, Groppo et al. (2020) expõem nas análises das entrevistas dos jovens militantes, nos mostra que tanto objetivamente como subjetivamente, as experiências de militância possuem a capacidade de estabelecer “novos ‘lugares’ sociais (concretos e simbólicos) para esses jovens” (p. 13).

Groppo et al. (2020) ao pesquisar coletivos juvenis no ambiente universitário, percebe a diversidade de organizações existentes dentro de uma instituição de educação superior, “uma verdadeira galáxia de organizações juvenis” (p. 15) o que refletiria na diversidade das e dos estudantes que as fazem parte, e se estende para além das disputas por espaços de representação dentro das Universidades, como CA’s e DCE’s¹⁴:

[...] aglutina coletivos e jovens que, para além da clássica política estudantil, trazem pautas e lutas cada vez mais ricas e desafiadoras, como o feminismo,

¹² Expressão popular que se refere ao período de vida compreendido entre a maturidade e a velhice.

¹³ Fala da militante da esquerda italiana Gabriella Bonacchi, em entrevista exclusiva à Folha de São Paulo, em 1998. Para saber mais, acesse: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs23089814.htm>.

¹⁴ Centro Acadêmico e Diretório Central dos Estudantes.

a luta contra o racismo e o machismo, a denúncia da LGBTfobia e a proposição de políticas de permanência de estudantes pobres (GROPPO et al., 2020, p. 16).

Para o autor, houve um impulsionamento de partidos e movimentos sociais de esquerda, considerados clássicos, para a criação de coletivos juvenis organizados na horizontalidade e nas pautas identitárias. Um exemplo disto é o movimento a ser estudado nesta pesquisa, o Levante Popular da Juventude, que se constitui além das três frentes de atuação - estudantil, camponesa e territorial - a partir de setores: mulheres, negros e negras, LGBT's, promovendo debates que resultam nas abordagens que pautam as ações do movimento.

Segundo Mesquita (2003) há tendências mais recentes que vão emergindo nas organizações sociais estudantis que não são extensões aos canais tradicionais, compreendidos como partidos, sindicatos, etc. evidenciando características culturais e lutas identitárias, isso se mostra tanto dentro das entidades estudantis quanto nos coletivos juvenis que se organizam, aponta os “Novos Movimentos Sociais” como uma proposta de análise a estas tendências.

Com isso, se faz importante pontuar que para realizar uma melhor compreensão acerca da organização juvenil que investigo nesta pesquisa, parto da concepção dos chamados “Novos Movimentos Sociais” (GOHN, 1997). Esta análise se faz importante e necessária ao passo que “ao se referir a jovens que as representações sociais tendem ainda mais a desvalorizar como sujeitos políticos” (GROPPO et al., 2020, p. 50).

E, que suas condições não se resumem só a jovens, mas em quantidades expressivas de mulheres, negras e negros, LGBTs e se originam das classes populares. A subalternização que são condicionados os corpos dessas juventudes e seus demarcadores sociais, atravessam os processos de construção identitária e formação de subjetividade.

Carvalho (2017) coloca que “a experiência de subalternidade é invariavelmente vivenciada no corpo” (p. 31) e a partir do exposto me interessa o questionamento: como esses processos se expressam em uma juventude politicamente engajada, ao denunciar os controles e opressões que estes corpos vivem sob um sistema que projeta “uma subordinação das mulheres, dos jovens e dos homossexuais a uma normatividade heteroreligiosa de matriz patriarcal” (SILVA, 2012, p. 43).

1.3 PERFORMANCE CORPORAL E REGIME DE VISIBILIDADE EM MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS

Como citei, o T.O. foi a porta de abertura para esta pesquisa, por ser uma metodologia muito usada em grupos, ações, organizações e movimentos sociais que pretendem discutir a realidade e reivindicar pautas. É igualmente usado enquanto método didático, na medida em que fomenta a construção do que é preciso discutir. A promoção cultural também está presente,

pois o uso da arte e sua potencialidade na formação crítica e política, trazem o teatro como uma lente para enxergar as questões sociais abordadas.

Em “Peça para Falar, Palco para Ocupar”, Nóbrega (2006) narra o encontro do MST com o T.O. e pontua em seu prólogo a relação entre arte e política:

As peças produzidas pelo movimento nos contam da luta para que as pessoas excluídas tenham voz. A luta de classes no campo da cultura é sobretudo a luta pelo controle da narrativa histórica. [...] E para o estudo da arena simbólica, nada como o teatro para emprestar sua lente crítica na pesquisa da realidade (NÓBREGA, 2006, p. 8).

Como Nóbrega (2006) aponta, as peças de T.O. possibilitaria a voz dos sujeitos em seu objetivo de produzir uma visibilidade de narrativa, essa visibilidade geraria a “fala” no sentido político. Compreendendo o Teatro como uma das formas de falar, o T.O. possui como caminho de fala a busca por proporcionar autonomia aos agentes sociais, através da estética, ação e da expressão.

Schechner (2010) diz que o teatro possibilita a chance das pessoas experimentarem emoções, e ao experimentar fortes emoções em cena, nós podemos naquele momento nos livrarmos dessas mesmas emoções, assim o autor aponta que nós descarregamos e “esse sentimento de descarrego é muito satisfatório. Seja como for, a ação de esvaziar é sempre sadia” (SCHECHNER; ICLE; PEREIRA, 2010).

Caminhei até meu objeto de pesquisa através das minhas experiências com o Teatro, e não foi diferente nos meus caminhos teóricos. Há uma importante aproximação do debate antropológico com os conceitos e metáforas teatrais, como em Richard Schechner e Victor Turner. Este último, ao se apropriar do Teatro como exemplo para sua pesquisa sobre rituais, emerge um conceito de performance e abrange um campo de estudo teórico e metodológico, a antropologia da performance. Sintetizando a noção de performance em Turner, Borges (2019) coloca que está ligada diretamente a experiência:

Turner mostra como a performance dá forma à experiência, uma vez que esta se constitui por fases que associam emoções mobilizadas no momento presente às memórias de experiências passadas, articulando-as e renovando-as. Esse encadeamento possibilita novas interpretações do mundo social, permitindo ao próprio sujeito e ao grupo assimilar aspectos da realidade e também do desconhecido, o que viabiliza transformações (BORGES, 2019).

E aqui faço uma compreensão me aliando a antropologia da performance, no sentido em que Turner (1987) coloca as "performances estéticas" sendo as distintas das "performances sociais", a primeira exemplificada como os "dramas estético-teatrais" e a segunda como os “dramas sociais”.

Para Cavalcanti (2013) a noção mais difundida de dramas sociais em Turner, é a noção sociológica que compreende o conflito como um instrumento de produção de dinâmicas da vida social. A pesquisadora ao fazer uma investigação teórica sobre a noção de drama social, coloca que o termo apresenta influência de Gluckman (1974) quando o antropólogo ao trabalhar com o povo Zulu e suas tensões sociais, emerge a temática sobre processos ritualísticos e a ideia de dramatização, para o autor “os rituais de rebelião dramatizaram as tensões sociais em toda sua ambivalência” (CAVALCANTI, 2007, p. 129).

Mas, segundo Cavalcanti (2013), pesquisadora das obras de Victor Turner, é o antropólogo que monta um sistema analítico do drama social. Englobando quatro fases: 1) o reconhecimento de uma crise no cotidiano, emergindo tensões sociais; 2) a ampliação dessa crise, os atores sociais envolvidos acionam pessoas próximas e vai-se aumentando os envolvidos; 3) a regeneração em que alguns atores sociais se mobilizam em ações para tratar da crises, o que geraria rituais coletivos; e por fim 4) o rearranjo ou a cisão, se derem certo as ações, elas podem promover reposicionamentos ou se não derem certo, podem provocar rompimentos. Os atores sociais se caracterizam como os sujeitos envolvidos nesse processo:

Os atores sociais dos dramas analisados por Victor Turner logo se tornam personagens vívidos, cheios de traços peculiares e características, qualidades e defeitos, muito pessoais. Mais do que isso, a experiência vivida por eles no desenrolar do drama é subjetivada, produz reflexividade, e pode modificar o próprio sujeito e seu grupo. Todas essas características seriam mais tarde transpostas por Turner para a ideia de performance (CAVALCANTI, 2013, p. 416).

Os atores sociais envolvidos possuem em suas subjetividades, experiências que moldam suas performances corporais, que expressam narrativas. Ao pensar a narrativa de dramas sociais expressada através da da performance estética, da imagem, do som, da palavra, fui associando estas performances como ferramenta (INGOLD, 2016) do uso político de certos corpos sociais.

O “corpo vivo habilidoso” (INGOLD, 2016) é imbuído pelas técnicas, fazendo-se de ferramenta de transmissão e afetando-se com o processo. O processo que implica em uma educação para uma percepção do mundo, possibilitando experimentações, expandido visões e mentes - ou como se diz na militância: mentes e corações - para mais perspectivas de ser.

De acordo com Revel (2005, p. 44), “o tema da estética, da existência como produção inventiva a si mesmo, não marca, entretanto, um retorno à figura do sujeito soberano” apolítico. Faz-se desse sujeito uma pessoa que não é apenas assujeitada, e sim um ser resistente, portanto um ser humano eminentemente político. É possível dizer que vivemos um mundo oficial dos sistemas que impõem modelos e mundo vivido – o real que promove ambiguidades e, ao

mesmo tempo, oportunidades de repensar a vida.

Para pensar corpos, espaços públicos e manifestações populares, Judith Butler (2018) pontua a performatividade dos corpos em aliança em contestações públicas:

[...] por um lado, contestações são representadas por assembleias, greves, vigílias e ocupação de espaços públicos; por outro, esses corpos são o objeto de muitas das manifestações que tomam a condição precária como sua condição estimulante. Afinal de contas, existe uma força indexical do corpo que chega com outros corpos a uma zona visível para a cobertura da mídia: é esse corpo, e esses corpos, que exigem emprego, moradia, assistência médica e comida, bem como um sentido de futuro que não seja o futuro das dívidas impagáveis [...] (BUTLER, 2018, p. 14).

Butler coloca exemplos de manifestações recentes como a Primavera Árabe (2011) e o *Occupy Wall Street* (2011) - e aqui penso paralelamente na "Primavera Secundarista" nome atribuído ao movimentos de ocupação das escolas secundaristas ocorridas no Brasil entre 2015 a 2016 por jovens estudantes de escola pública - refletindo acerca da performatividade corporal que ocorre entre a junção desses corpos que agem politicamente, através de suas formas de se organizar, este movimento geraria um espaço de visibilidade midiática e possibilitando que esses corpos ajam coletivamente, em assembleia, se colocando dentro das disputas políticas.

A ocupação, como forma de mobilização, é uma marca das insurgências contemporâneas. Segundo Castells (2013), são modelos de organizações que têm como método ocupar um espaço como forma de contestação, no século XXI, tivemos mobilizações como a “Revolta dos Pinguins” no Chile (2006), a “Primavera Árabe” (2011), “*Occupy Wall Street*”, em Nova York (2011), e no Brasil com as Ocupações das Escolas (2015-2016).

Em 2016 explode um movimento de escolas ocupadas no país inteiro, contra a PEC 241 do teto de gastos públicos, a MP 56 que institui a nova reforma do ensino médio e o projeto de lei escola sem partido. Segundo Mendes (2017), o movimento também conhecido pelos estudantes como a “Primavera Secundarista”, foi um fenômeno brasileiro que se caracterizou como uma nova forma de organização de protestos liderada por estudantes secundaristas, somando mais de 1.000 escolas ocupadas, conforme dados da UBES.

Para Costa e Groppo (2018, p. 85), a partir do fenômeno da Primavera Secundarista, percebe-se que existe um novo ciclo de ações coletivas no Brasil. O desenvolvimento desses fenômenos na contemporaneidade inaugura uma fase da organização dos compreendidos como novos movimentos sociais, evidencia-se uma maior horizontalidade no processo e o aumento do protagonismo de mulheres nos movimentos, como vislumbram novas maneiras de materialização das relações sociais por esses jovens.

Butler (2015), aponta que o espaço de aparição é o que legitima a condição precária dos corpos expostos, pois essa performatividade não se configura sozinha, mas sim, coletivamente. No momento que se aciona esse espaço de aparição, é o momento que a identidade precária acaba se concebendo no corpo, pois para se tornar foco de atenção política, determinados corpos precisam ser reconhecidos naquele espaço de aparição.

Essa tática de visibilização se evidencia nas práticas de AgitProp do MST, na luta que o MST trava com as grandes mídias, sobre uma disputa de narrativas acerca das práticas do movimento na reivindicação pela reforma agrária. Nóbrega (2006) aponta que ao pensar nas práticas performativas do AgitProp e da Mística para o público os movimentos estão “também recrutando novas imagens de si mesmo frente ao bombardeio cotidiano de informações midiáticas que o caracteriza.” (p. 59)

Para Venício Lima (1994), é no espaço midiático que emergem as transformações e representações políticas que configuram as estéticas de diferentes marcadores sociais, como gênero, raça, sexualidade. Este cenário de representação é “construído em processos de longo prazo na mídia e pela mídia” (LIMA, 2004, p. 14).

As mídias podem moldar discursos acerca de como algum elemento específico é representado, Patrick Chareaudeau (1996) coloca que as mídias tornam visível aquilo que decidem exibir e que nem sempre se alinha com a agenda política e cidadã. O autor diz: “assim que abrimos um jornal, ligamos o rádio ou a televisão, todos, qualquer que seja nossa posição social (pedreiros ou intelectuais), aceitam os ocupar o lugar de um espectador-voyeur das desgraças do mundo” (p. 253) e, é sobre não aceitar apenas o lugar de espectador das injustiças do mundo que a disputa na arena midiática se tornou um alvo de luta para a movimentos sociais de esquerda.

Variadas são as formas que se colocam no objetivo de combater certos discursos, mas, as expressões artísticas de caráter contra-hegemônico se tornaram uma potencialidade usada por movimentos sociais de esquerda latino-americanos. A exemplo do MST, Nóbrega (2006) coloca que o movimento se “arma” de diferentes linguagens para representar suas lutas, e de mostrar ao público sua “performance vivida de militância” (p. 59):

Ao pesquisar linguagens e práticas teatrais e se apresentar para o público externo, ele está ao mesmo tempo recrutando novos quadros ao movimento e também recrutando novas imagens de si mesmo frente ao bombardeio cotidiano de informações midiáticas que o caracteriza.

Um exemplo disto é o Teatro Jornal, técnica criada por Augusto Boal que antecede e impulsiona a formulação do Teatro do Oprimido, que é considerado uma forma teatral latino-

americana - por ter sido moldado durante o exílio de Boal em países latinos. Consiste em analisar e interpretar notícias e informações de jornais e transformá-las em práticas teatrais.

Com o objetivo de retratar e refletir os interesses e posicionamentos ideológicos implícitos nas entrelinhas da notícia, surge na última fase do Teatro de Arena, em São Paulo, no início dos anos 70, emergindo em contrapartida a censura imposta pelo período da Ditadura Militar no Brasil, quando notícias de cunho mais crítico em jornais da grande mídia eram fortemente atacadas.

Com o advento da internet nos anos 2000, as formas de propagar informações têm se transformado e ido além das mídias tradicionais, propiciando também outro fator importante: a participação no que é repassado. Castells (2003) pontua que a internet e as tecnologias digitais possuem uma interação entre sociedade e política, transformando-a numa potencialidade para a participação cidadã.

Segundo Mendes (2020):

A internet está desempenhando, na contemporaneidade, um novo caminho para participação popular, com a sua maioria a inclusão dos jovens. Como deve ser percebido que a internet, e as redes de comunicação, passam a afetar a relação dos cidadãos com a política, ou seja, ganhando mais espaço e interferindo diretamente. De maneira geral, a internet se tornou uma forma de aproximar os cidadãos das decisões políticas (MENDES, 2020, p. 66).

Com o uso difundido das TICs, surge o conceito da *Ciberdemocracia*, como conceito para a participação democrática nos chamados *ciberespaços*. Sendo um espaço de relações sociais, o *ciberespaço* também é um ambiente de manifestações, Dutra e Oliveira Junior (2018) expõem a questão da *Ciberdemocracia*, apontando que, essa manifestação se dá na ânsia de o cidadão ser mais do que participante, mas um ator, de uma forma protagonista.

Contemporaneamente, no período pandêmico da Covid-19, o uso da internet através das redes sociais tem potencializado os meios de visibilização, com a militância se aprofundando no AgitProp virtual. Conforme Dias e Mendes (2020) apontam, os *ciberespaços* também promovem no uso das ferramentas digitais o engajamento do ativismo de jovens através das redes sociais, utilizados por movimentos para mobilização neste período de pandemia, os que antes ocupavam as ruas, hoje ocupam as redes sociais e disputam o campo virtual.

O *ciberativismo* propõe uma mudança no senso de percepção em relação aos espaços virtuais, com a emergência de novas estratégias os espaços virtuais se tornam evidentes. Por isso, *ciberespaços* como meio de organização são marcas fundamentais das transformações contemporâneas.

Em 2021, uma prova de concurso público trouxe em uma das questões, a relação entre

“movimentos sociais e internet”. Entre as alternativas, havia a seguinte: “com o uso das redes sociais, a rua perdeu o espaço de protagonismo em protestos políticos”. Esse é um questionamento do qual se faz interessante refletir.

Não é necessário pensar o espaço real em contrapartida ao espaço virtual, pois o virtual também existe, se faz concreto na mão de quem usa aparelhos tecnológicos, os dois espaços coexistem. Quem tá na rede pode estar ao mesmo tempo na rua, e vice-versa. Esse ponto será aprofundado nas análises do terceiro capítulo desta pesquisa, mas antes de chegar lá, é preciso entender a rua enquanto espaço histórico de ocupação política.

CAPÍTULO II: REVISITANDO CAMINHOS – A MÍSTICA E O AGITPROP NA POÉTICA E NA PRÁTICA DA LUTA POLÍTICA

Rodrigues (2015) relaciona o AgitProp a cultura vivida no cotidiano dos movimentos que utilizam dessa técnica, essa vivência deve ir além do simples uso da técnica, apresentando a cartilha do MST lançada em 2007:

Um agitador propagandista é norteado por valores que o tornam diferente no meio da massa. A agitação e propaganda deve ser parte da vida do militante. Os valores fazem parte da natureza de sustentação do trabalho de agitação e propaganda. Apenas a técnica da agitação e propaganda não permite que alcancemos a transformação social (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA, 2007, p. 31).

Posterior a esta entrevista, em 2015 temos a publicação do livro organizado por Villas Boas junto a Douglas Estevam e Iná Camargo Costa, intitulado “Agitprop: Cultura política” que reúne alguns dos resultados de anos de investigações, envolvendo pesquisadores ligados à Brigada de Agitação e Propaganda Nacional Carlos Marighella, organizada pelo MST.

Este livro é central no embasamento teórico que fundamenta os estudos do agitprop no Brasil, apontando que, o MST inventou o próprio teatro do agitprop: a mística. Para Costa et.al (2015) o agitprop no Brasil praticado pelo MST, possui como principal teórico Ademar Bogo, autor de “O Vigor da Mística” (2002).

Bogo (2002) reúne nesta e em outras publicações, as formas de orientar o desenvolvimento da mística, para o autor, a mística não poderia ser apenas uma celebração, ela tinha que ser vivida pelos sujeitos. Coelho (2014) aponta o pensamento de Plínio de Arruda Sampaio sobre a mística, que “junto às ações do Movimento existiria uma força misteriosa que “movia e alimentava” a resistência e os sonhos de sua organização” (p. 128) e que sua base viria da cultura da população rural. Conforme Coelho (2014), Sampaio descreve que a mística do Movimento é formada pela mescla de três elementos:

[...] o milenarismo camponês; a fé cristã na vida eterna; e a esperança socialista de construir aqui na terra uma sociedade igualitária e democrática – deu como resultado a mística do MST” (2002, s/p). Composta por estes três elementos, os frutos da mística seriam os seus valores como: solidariedade, indignação, compromisso, coerência, esperança, autoconfiança, alegria e ternura. (COELHO, 2014, p. 128).

Durante a V Conferência Internacional da Via Campesina, em 2008, Moçambique, Ademar Bogo, membro da coordenação nacional do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, conhecido como um dos grandes autores sobre a Mística, crítica a forma que a mística por vezes é colocada nos movimentos, como apenas na apresentação lúdica

proporcionada antes das atividades, e com isso colocaria a mística no oposto da “fala séria” que vem após a apresentação.

Bogo (2008) chama atenção para o significado da mística ser muito maior que esse, é um sentimento que perpassa toda vida militante

[...] ela é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa (BOGO, 2008).

Nesse sentido, é atribuída a mística um sentimento vivo, de uma certa espiritualidade militante, ao dizer que a mística seria a energia que faz o militante não negar a participação em atividades e querer se ocupar em todos os espaços, seria este o sentimento que daria significado ao “espírito de sacrifício” presente no Levante Popular da Juventude, que demonstra a vida do militante dada ao sacrifício da luta.

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de “mistério” ou de “mística”. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano, aí está se manifestando a mística (BOGO, 1999, p. 127).

Mas, não é atoa que termos como "mística", “espiritualidade” e "sacrifício" estejam tão próximas de um significado religioso. O misticismo remete a uma experiência para além do sentido material, mobiliza sentimento de fé e crença em algo transcendental, segundo Vargas Netto (2007) de natureza religiosa ou religiosa-filosófica, o MST estaria dentro de uma prática entendida como “religiosidade Popular”.

Coelho (2010) coloca que a existência da mística como prática e sentimento está presente no MST desde o início de sua sistematização enquanto movimento organizado, e que teve como forte influência “agentes religiosos” que seriam “os bispos, padres, freiras, pastores e indivíduos leigos que desenvolviam trabalhos com os homens e mulheres marginalizados na cidade e no campo” (COELHO, 2013, p. 1) embasada na Teologia da Libertação (GAIGER, 1987).

Segundo Souza (2007) o MST é um movimento concebido a partir das agitações políticas da década de 1970, possuindo a influência da Igreja Católica como instituição socializadora dos trabalhadores rurais e carregando a presença da Teologia da Libertação, o que coloca um caráter político na socialização desses trabalhadores, com isso, para o autor, a mística

é “um forte resquício dessa presença, possuindo características de cunho eclesiástico voltados para o debate político e para a formação cultural” (p.02) ele exemplifica:

O trabalhador rural que integra o MST é bombardeado por um conjunto simbólico que busca aproximá-lo dos princípios políticos da organização, ao mesmo tempo em que promove valores articulados à cultura subalterna. A mística destaca-se nessas ações comunicativas, realizando uma leitura da luta pela terra que busca reativar a esperança para com a transformação social (SOUZA, 2007, p. 1).

A prática da mística no MST é voltada para despertar sentimentos que acolham o militante e o impulsionem na luta, para isso, as metodologias utilizadas são sempre com recursos que façam essa representação da luta e dos lutadores do povo, com o uso lúdico da fala, do som e da imagem, procuram provocar sentimentos de pertencimento a memória da luta em que o movimento se insere.

Para que essa memória se faça presente na vida militante e ele se sinta parte dela, assim, de certa forma, se constrói uma memória viva, pois ao passo que se repassa essa memória a cada militante que adentra, e esse militante se sente parte dessa memória, vivendo militando, produz-se novas. A memória da luta não só mantém-se, mas renova-se, transforma-se. Para Aguiar (2019), a mística congrega ao sentido ritualístico de fé, um sentido político:

A mística congregaria um sentido, originalmente religioso, de ritos que celebrariam o mistério da fé e se anunciariam como capazes de religar corpo e alma, produzindo motivações profundas no espírito. O sentimento religioso, de uma espiritualidade profunda, intensa e enraizada, também poderia assumir um sentido político. A sociabilidade camponesa personificaria essa mediação entre a experiência religiosa e a organização política – sendo que a própria trajetória de constituição do MST marcaria esse vínculo. (AGUIAR, 2019, p. 5)

Entendo esse processo como uma estratégia de resistência política através dos sentimentos, dos afetos, das subjetividades, expressadas nos corpos e no sentido da vida (INGOLD, 2015) para o militante, que cultiva uma memória coletiva. Para Oliveira (2019), o meio principal de representação da memória é a linguagem.

No Levante Popular da Juventude, a perspectiva da linguagem não traz apenas a memória, mas gera uma identificação do movimento, através da forma e da ferramenta utilizada para se expressar. “A memória é uma faculdade própria do indivíduo, local onde o passado sobrevive pressionando o presente. Pode ser representada através de vários símbolos, mas seu meio fundamental de representação é a linguagem” (BRITO, 2017, p. 23)

Entendendo isto, este segundo capítulo trata de apresentar brevemente o processo de construção do Levante enquanto movimento; o caminho histórico da Mística e do AgitProp. Trazendo a arte e a performance como dois elementos estratégicos do agir político, abrindo caminhos para questões a serem discutidas no terceiro e último capítulo.

2.1 “O LEVANTE CRESCE, O LEVANTE OCUPA”: 10 ANOS DE NACIONALIZAÇÃO

Em 2022, o Levante Popular da Juventude fez 10 anos de nacionalização, esse tempo é contado a partir do ano que o movimento entra na construção da União Nacional dos Estudantes (UNE). A história do movimento¹⁵ antecede ao marco do tempo de nacionalização, a gestação dessa organização surge no final dos anos 1990 com a necessidade de renovação do campo político da Via Campesina, e visando o alcance das juventudes dentro dos movimentos sociais da área camponesa. A partir disto, dentro deste campo, começou-se neste período a buscar militantes jovens como destaque, a delegar funções de acompanhamento e promover espaços desses jovens dentro dos movimentos.

A Consulta Popular¹⁶ traz em 2005, como encaminhamento de sua Assembleia Nacional, a inserção da juventude, principalmente aquela que se encontra nas condições de trabalho e nas periferias do país, como fundamental para a contribuição na organização política contra-hegemônica no Brasil.

Historicamente, os movimentos sociais desempenharam o papel de produção de novas formas de organizações sociais, principalmente, por seu caráter de contra poder, ou seja, agindo como elemento autônomo e forte que contribui para a transformação social, tanto de maneira formal, como a efetivação de direitos, como também as relações sociais, incorporando novos sujeitos na participação política (GOHN, 2011).

A categoria da juventude em sua construção histórico social nos leva a pensar como os fenômenos sociais são desenvolvidos e são feitos os processos de transformações sociais. Nesse sentido, é justamente a partir da atuação dos jovens, segundo Mannheim (2006), que é possível compreender o processo de criação histórica e inovação cultural que esses vivenciam. Por isso, “os jovens se mobilizam para retomar o controle sobre suas próprias ações, exigindo o direito de definirem a si mesmos contra aos critérios de identificação impostos de fora, contra sistemas de regulação que penetram na área da natureza interna”, afirma Melucci (1997, p. 13.)

¹⁵ Informações extraídas do próprio site do movimento. Para saber mais, acesse: <https://levante.org.br/quem-somos/nossa-historia/>.

¹⁶ Instrumento político de referência para grande parte dos quadros da Via campesina.

Podemos encontrar as origens do Levante nos movimentos camponeses sulistas. A partir do exposto pela Consulta Popular, se formou um grupo de trabalho no Rio Grande do Sul, com o objetivo de formular processos de organização de juventudes. Conforme retirado do próprio site do movimento:

Este núcleo inicial era composto por 2 quadros da Pastoral da Juventude Rural, um do MTD, um do MST, e um jovem universitário. Este grupo começa a desenvolver os primeiros laboratórios de organização de jovens, principalmente nas periferias de Porto Alegre, a partir da realização de encontros, debatendo os “problemas” da juventude. No decorrer dessas atividades incorpora-se a primeira liderança de origem popular a este núcleo. Em um desses encontros na comunidade do Morro da Cruz, se batiza esta incipiente organização de Levante Popular da Juventude. Ainda em 2005, se traça a primeira meta-síntese organizativa do Levante: a construção de um acampamento de fundação do movimento (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 201-?).

Segundo informações extraídas do próprio site do Levante, em 2006, a Via Campesina organizou um grande encontro em São Gabriel/RS em alusão aos 250 anos da morte do líder indígena da resistência à colonização europeia, Guarani Sepé Tiaraju, encontro que reuniu um grande número de indígenas, quilombolas e camponeses.

Durante o encontro, acharam uma boa oportunidade de reunir também, jovens em acampamento, chegando a conseguir em torno de 700 participantes, em sua maioria, jovens ligados a Via Campesina. Assim, trouxe como resultado, a definição de pautas prioritárias: educação, trabalho, cultura e lazer. E, encabeçar a primeira luta:

Após o Encontro estabelece-se como segunda meta-síntese a realização de uma luta e como reivindicação prioritária elegeu-se a democratização do acesso à universidade. Havia uma compreensão de que esta luta, embora sendo pela educação superior, não deveria reproduzir a dinâmica do Movimento estudantil. A síntese política desse processo foi de que a luta pela construção de uma Universidade Pública e Popular passaria necessariamente por alterar a composição social do ambiente universitário a partir das cotas sociais e raciais. Deste modo, o Levante inaugura a luta por cotas nas universidades no Rio Grande do Sul, ocupando a reitoria da UFRGS, durante um dia, com centenas de jovens de escolas públicas, camponeses e universitários.

Fica evidente que o movimento nasce na origem das lutas camponesas, almejando ampliar suas pautas e pleitear outros espaços de juventude. Por isso, começa como bandeira principal, trazendo a reivindicação do acesso à universidade pública, participando das ações em favor das cotas raciais.

O grito cantado “O Levante cresce, o Levante Ocupa” é uma marca do AgitProp do movimento, muito usado durante sua participação no chamado “CONUNE”, congresso da UNE

que acontece a cada dois anos, para discutir e deliberar as pautas da entidade e também eleger sua próxima gestão.

Nas variadas formas de expressar uma performance militante, a Agitação e Propaganda é utilizada como estratégia de transmissão. O AgitProp se apropria da linguagem artística para potencializar o processo de comunicação, buscando uma reação dos comunicados e uma educação dos comunicantes.

A partir da ferramenta da agitação e a propaganda, os/as jovens aprendem a fazer stencil, cartazes, grafite, muralismo. Essas criações são usadas como instrumentos de divulgação para as atividades de intervenção (atos de rua, escrachos). São nos espaços de formação, em momentos de oficinas, que os/as jovens aprendem e constroem essas ferramentas (p. 160).

Evidencia-se que os espaços criativos, de arte e produção do AgitProp, são também espaços formativos. Para Lenin (1977), o AgitProp possui caráter educativo, "nós devemos reeducar as massas e o AgitProp pode reeducá-los" (LENIN, 1977, p. 39). Essa educação é algo pressuposto pelo movimento na apropriação da arte, ao buscar uma transformação social através dela, é possível pensar e recriar sua condição militante. Ao denunciarem as contradições do sistema capitalista no seu agir político, "os/as jovens realizam arte educação, arte formação e arte política" (OLIVEIRA, 2019).

2.1 AGITAÇÃO E PROPAGANDA

A agitação e a propaganda são referidas nos movimentos sociais através da abreviatura AgitProp, essa sigla que se refere a uma metodologia histórica usada na luta política de esquerda. Segundo Costa (2013), engloba um conjunto de técnicas e métodos que possuem o objetivo de denunciar informações invisibilizadas ou normalizadas pelo senso comum, a fim de agitar a população e provocar a indignação e a revolta social em prol de uma transformação da realidade.

A expressão (AgitProp) foi criada por militantes políticos da Rússia, no ano de 1917, no sentido de definir os diferentes modos de fazer a agitação popular e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos do partido Bolchevique. Na Cartilha "Agitação e Propaganda no processo de transformação social", publicada pelo Coletivo de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina, Plekhanov (marxista russo) identificava as palavras: agitação, como "uma idéia inculcada em muitas pessoas", e propaganda como: "muitas idéias trabalhadas para poucas pessoas" (COSTA, 2013, p. 7).

De acordo com Vilas Boas (2015), a experiência da Agitação e Propaganda nasce com a Revolução Soviética. A primeira revolução, de 1905, que na historiografia entendemos como ensaio da revolução, foi derrotada rapidamente, mas deixou o legado dos soviets, isto é, a

experiência dos conselhos. Os conselhos são percebidos como parte do processo revolucionário e uma forma de uma continuidade da luta, tanto que depois de 12 anos se tornou um instrumento que acionou o processo revolucionário soviético.

Com o lema “Terra para os Camponeses” a luta se torna a partir de uma questão social e territorial. Se pensarmos que o território Russo é o maior do mundo em relação à extensão territorial, com altos índices de analfabetismo, com questões de violência, principalmente, contra as mulheres. Por isso, segundo Vilas Boas afirma:

O teatro de agitação e propaganda, forma capaz de lidar teatralmente com temas de ordem política – visando a maior comunicação com a sociedade e esclarecendo ao mesmo tempo que diverte visando a maior comunicação com a sociedade e esclarecendo ao mesmo tempo que se diverte (VILLAS BOAS, 2015, p. 27).

Logo, segundo Villas Boas et al (2015), agravou-se o fato que existia uma dificuldade de comunicação entre a população por ser o um país com extensão territorial enorme. Para isso, foram utilizados no processo revolucionário, diversas formas de agitação, que se tornaram criativas, como os trens do AgitProp, que foram responsáveis por circular com panfletos, jornais, teatro e cinema por toda a Rússia. Além disso, até mesmo o Exército Vermelho participou de maneira estratégica do processo de Agitação e Propaganda, com uma série de atuações, teatro jornal, teatro invisível, teatro procissão.

Tratava-se do “braço artístico” do exército revolucionário. Não é demais dizer que seu momento próprio é a guerra civil e que suas formas mais originais e mais radicais surgiram neste período. Seu segundo momento, o do pós-guerra, corresponde à consolidação da revolução vitoriosa (depois de 1921) e produz avanços e recuos: desaparece a maioria dos grupos; outros são criados e integrados aos mecanismos do poder; ocorre a sistematização e a formalização de diversos procedimentos. (VILLAS BOAS et al, 2015, p. 38)

Segundo, Villas Boas et al (2015), a revolução produziu um trabalho progressivo de consciência que passa por uma definição de estratégia sobre qual é o estágio de compreensão da maioria da população, e isso só foi possível, a partir de um longo trabalho de comunicação, trabalho de base, que teve como diretrizes o lema "pão, paz e terra”.

O pão, era referência a população que estava passando fome devido a estarem em plena primeira guerra mundial, desde 1914 e, principalmente, em relação aos camponeses, sobretudo, pobres. Por isso, também lutavam pela paz, para acabar a guerra e todo uma propaganda para mostrar que a guerra era de interesses dominantes e não da população que estava sofrendo com ela. E a terra, no lema, é referente a propriedade, e não abolição da propriedade, pois eram camponeses conservadores.

A construção da experiência pedagógica da Agitação e Propaganda, segundo Nadejda Krupskaja (2017) reúne as dimensões da informação, formação e organização, isto é, a ideia de “informar, formar e organizar”.¹⁷ Krupskaya foi companheira de Lenin, uma figura importante do bolchevismo, junto com Alexandra Kollontai e outras mulheres que tiveram um papel central.

Por isso, de acordo com Villas Boas (2015), diferentemente de um modelo de comunicação tradicional que se fundamenta apenas em informar, dominar a rede e a internet, é necessário articular a relação entre informar e formar, entre forma e organizar, isto é, uma relação direta entre as partes, complexa, dialética, dessas dimensões.

Nesse sentido, as características de Lenin como propagandista e agitador, segundo Krupskaya (2017) se convertem na pedagogia Leninista. Krupskaya descreve dentre as características, “a capacidade de ligar a teoria com a realidade viva” (p. 214), “ter a capacidade de converter a teoria em um guia para ação” (p. 15), “preparação cuidadosa de seus discursos de propaganda” (p. 215), “colocava nitidamente as questões e arrebatava o público”, “capacidade de apoderar-se do público estabelecendo com ele uma necessária compreensão prévia” (p. 216) e a “capacidade de esclarecer de forma simples suas ideias” (p. 216).

A propaganda de Lenin tinha como um dos pontos fortes de agitação, o elemento de organização, mas também uma experiência de criação estética, e havia a preocupação com a imagem, por isso afirmou:

A clareza da propaganda e da agitação é uma condição essencial. Se os nossos oponentes disseram e reconheceram que fizemos um milagre no desenvolvimento da agitação e da propaganda, então devemos interpretar isso não de forma superficial, que tivemos muitos agitadores e que gastamos muito papel, mas isso deve ser interpretado de forma profunda, que a verdade condita nessa agitação penetrou na mente de todos. E dessa verdade não se pode desviar (LENIN apud KRUPSKAYA, 2017, p. 211).

Segundo Krupskaya (2017), na pedagogia leninista, a Agitação e Propaganda funcionam como um meio de educação de massas, cada agitador deveria então carregar em si, perfil de liderança. Havia um estímulo ao estudo, isto é, uma demonstração de força popular e coletiva, por isso afirmou:

Cada agitador deve ser um líder estatal, um líder de todos os camponeses e operários na tarefa da construção econômica. Ele deve dizer que para ser um comunista, é preciso reconhecer, é necessário ler tal folheto, tal livro (LENIN apud KRUPSKAYA, 2017, p. 211).

¹⁷ Fala de Vilas Boas em entrevista. Para saber mais, acesse: https://youtu.be/1O_PTddJIsA.

De acordo com Villas Boas (2015), havia no século XIX, uma tradição de lutas radicais na Rússia. Por exemplo, a revolução dezembrista em 1825, foi uma tentativa de um grupo de oficiais, soldados, intelectuais, aproveitar a troca de comando no Czarismo, tomar o poder e instaurar uma República.

Mas, segundo do ponto de vista político organizativo é somente em 1905, com a construção do movimento dos “Soviets” - que se davam através, principalmente, de trabalhadores jovens e estudantes - que foi possível conquistar saldos positivos (VILLAS BOAS, 2015). A forma de organização, na época da Primeira Guerra Mundial, chegou a ser tão eficaz, que mesmo os Soviets tomando o poder no front de batalha, decidiram manter o Comando Militar Tático Operacional dos oficiais.

O Exército Vermelho teve um papel fundamental na experiência da expansão da Agitação e Propaganda, porque ele garantiu o deslocamento por um território em guerra, isto é, se não tivesse proteção militar, não seria possível. Como descreve a cartilha da “Agitação e Propaganda no processo de transformação social”:

Com estes objetivos, grupos de soldados do exército vermelho, de estudantes e de artistas se empenharam na invenção, desenvolvimento ou aprimoramento de uma série de técnicas de agitprop, fazendo uso das mais diversas linguagens – como o cinema, o teatro, a música, o jornalismo, a retórica, as artes plásticas – e meios, como o trem de agitprop, que levava em cada vagão uma forma distinta de agitação e propaganda: banda de música, grupo de teatro, equipamento de cinema para exibição e filmagem, militantes para fazer discursos políticos, vagão biblioteca, etc. (2007, p. 11)

Mais que isso, conforme Villas Boas (2015), o Exército Vermelho teve um papel central no desenvolvimento de algumas formas teatrais. No processo de reconstruir os códigos militares era preciso encenar as situações que precisariam julgar no futuro. Por isso, essa experiência, dos processos de encenação, foi possível desenvolver os teatros tribunais, que são a gênese de algo que foi adaptado na América Latina com o Augusto Boal organizando e denominando como teatro fórum.

Iná Camargo Costa ao escrever “O repertório Formal do Agitprop” (2012), descreve os diversos tipos de AgitProp soviéticos desenvolvidos na década de 1970. Dessa forma, é identificado que as primeiras formas surgiram já na guerra civil e as últimas se desenvolveram na segunda metade da década de 1920, sem prejuízo dos conjuntos-intersecção. A autora descreve o teatro tribunal:

Pode-se citar também o processo de agitação, com exemplo, da encenação de um tribunal, no qual réu, promotor, defensor e juiz, fazem parte do elenco e

as testemunhas e o júri são convidados da plateia. O ponto de partida é um crime imaginário. A tarefa do promotor é especificá-lo, a do defensor é apresentar os argumentos em defesa do réu. A partir desse instante, começam as improvisações, que incluem a participação dos membros da plateia dispostos a figurar como testemunhas. Seu objetivo prioritário, inspirado na experiência de 1905, quando os soviets desempenharam funções de tribunal de pequenas causas, é o treinamento para participação do poder soviético, uma vez que a assistência é convidada a examinar casos, opinar sobre ações de interesse geral, a falar em público e a votar com conhecimento de causa (p. 171)

Assim, como o teatro jornal:

No Teatro Jornal, originalmente era apenas leitura de jornal em voz alta, dado o número elevado de analfabetos. Num segundo momento, atores profissionais passaram a realizar essas leituras. Finalmente, passou-se à forma mundialmente conhecida, na qual encena-se uma edição completa de jornal com todas as seções, do editorial à crônica literária (p. 172).

Além disso, a peça de agitação:

A peça de Agitação, eram em maioria, curtas (10 a 15 minutos) centradas num único tópico. Seus “personagens” são *funções sociais*. O figurino é constituído por uma roupa básica e adereços simples como chapéus e símbolos (de países, classes sociais, etc.). Normalmente dispensa adereços de cena ou usa no máximo bancos e objetos de fácil transporte. Por sua agilidade, esta forma se prestou basicamente à agitação de questões da ordem do dia. Servia para ilustrar proposta em debate ou para divulgar questões de urgência (p. 173).

Como também descreve sobre as peças dialéticas:

Iluminam *sem resolver* conflitos da vida privada, profissional ou política pelo critério da oposição velha (capitalismo) *versus* novo (socialismo). A ligação entre episódios se faz pela *lógica interna da situação*, não necessariamente em ordem cronológica. A cena se desenvolve através de antecipações e digressões – o resultado é uma montagem. Não interessa a psicologia, o foco são as contradições dos personagens. Após a apresentação, realizam-se debates. Seu objetivo é mais abertamente didático (no sentido de formação): trata-se de treinar e aprofundar a capacidade de pensar dialeticamente, examinando situações, condicionantes e contradições (p. 174).

Segundo Camargo (2012), as peças alegóricas, tem como objetivo transformar categorias, instituições, ou conceito em realidades práticas, isto é, um ser que possa ser personificado. Descrevendo que o “ator pode ser o Capitalismo, a Burguesia, o Proletariado, uma Doença, o Partido, o Sindicato [...]” (CAMARGO, 2012, p. 173), demonstrando uma íntima relação com as peças de agitação, principalmente relacionado às pautas e conteúdos do cotidiano, e por ter ser um teor de forma de intervenção.

De acordo com Villas Boas (2015), em um determinado momento da experiência revolucionária, sobretudo, depois de 1921, a função que o Agitprop cumpriu nos primeiros anos

passa a ser modificada com as transformações das condições reais da luta após vitória da instauração e consolidação da revolução. Então, é percebido que algumas formas estavam “estereotipadas”, e não cumpriam uma função diante da demanda. Daí, se começa a trabalhar com peças complexas.

Assim, seria a agitação uma forma de transmitir uma informação para muitas pessoas, e a propaganda, difundir muitas informações para poucas pessoas. O que não há é uma dicotomia entre essas duas coisas, mesmo que as suas definições as especifiquem, elas andam em conjunto, a agitação e a propaganda se completam. Por isso, o uso do termo AgitProp.

Iná Camargo Costa (1996) observa, de modo geral, as três fases do processo de surgimento ao amadurecimento do trabalho do AgitProp. Mas, aponta que no Brasil, o processo se daria de forma diferente:

[...] na primeira os intelectuais, artistas e estudantes, afinados com a perspectiva revolucionária, se organizam para atuar com meios e formas de AgitProp, visando diversos segmentos da classe trabalhadora; na segunda fase, esses segmentos se apropriam dos meios de produção das linguagens artísticas e técnicas utilizadas, e expandem em grande escala a ação de AgitProp; e, no terceiro momento, as experiências foram esmagadas pelo Estado. No caso brasileiro, passamos de primeiro momento ao terceiro, sem tempo para expansão e apropriação dos meios de produção pelas classes populares (p. 60).

Por isso, é importante se atentar ao que Costa (1996) alerta: que essa definição histórica é redefinida com as transformações sociais ao longo do tempo, sendo adaptadas conforme o momento histórico se apresenta aos militantes.

2.2 MISTICA: ARTE E PERFORMANCE

O uso da arte e da performance como estratégia de luta às opressões, é algo bastante encontrado nos movimentos latino-americanos. Aguiar (2019) aponta que a concepção de movimentos sociais no sentido popular, situa a performance como “o próprio campo e espaço de luta inerente aos movimentos sociais constituídos dentro da realidade latino-americana” (AGUIAR, 2019, p. 3).

Utilizando-se da arte, a ludicidade da mística é expressada através de músicas, poemas, danças, textos literários, teatro, etc. para Souza (2007) “a principal forma de manifestação dessa mística revolucionária é a encenação dramática” pois se aproximaria ao sentido mais perto do culto à memória de uma luta que carrega em sua história, os conflitos em combate as opressões, e traz em canções e festas, as celebrações de conquistas dos povos oprimidos, tanto as que de fato conseguiram, quanto as que tanto almejam.

Nesse sentido, segundo Scudeler (2018), a partir das experiências latino-americanas, podemos pensar o “Teatro Escambray”, nos anos 60, manifestado em Cuba. Durante a Revolução Cubana (1959), nos primeiros seis meses, havia um núcleo contra revolucionário na Serra Escambraye, por isso, foi enviado um grupo de teatro com a função de promover uma formação com a população.

Scudeler (2018) relata que esse grupo contra revolucionário se “disfarçava” como um núcleo de uma religião neopentecostal e operava de maneira contra a revolução na ilha. Através de ações, o grupo de teatro montou, por exemplo, uma adaptação da peça “Os Fuzis da Senhora Carrar” (1937) do Bertolt Brech, que foi criada para engajamento na Guerra Civil Espanhola.

De certo, o método do teatro Escambray funcionou de modo a partir da apresentação deles e existia depois um debate, um questionário e os participantes respondiam às questões, eles avaliação qual era a relação da peça com a comunidade e assim foram construindo uma experiência de consolidação do processo revolucionário na Serra, não só por meio da luta armada, mas também pelo um processo de educação popular é um instrumento poderoso, como afirma Scudeler:

A partir da premissa fundacional de que a comunicação a se estabelecer com os habitantes do Escambray não poderia ser unilateral e de que para que o teatro pudesse ser de verdade um feito vivo, um meio de comunicação necessário para aquelas pessoas, tinha que partir delas mesmas, de seus problemas, preocupações, inquietudes, anseios, angústias e necessidades, a abordagem inicial teve como foco: • investigar junto aos camponeses a sua realidade, até então desconhecida para os membros; participar ativamente de todas as atividades econômicas, sociais, artísticas e culturais das comunidades; descobrir, por meio de entrevistas, diálogos informais e convivência, quais eram as questões que os assolavam. (SCUDELER, 2018, p. 93).

Nesse sentido, Vilas Boas et al (2015) acredita que países que lutaram por independência, principalmente, que a população participou da construção da experiência nacional, tem na cultura política outra forma de sociabilidade e de se relacionar com determinadas estruturas de poder. De modo geral, são formas menos passivas, menos espectadoras, são formas mais ativas.

No Brasil, segundo Vilas Boas et al (2015) o golpe de 1964 produziu uma dissociação brutal entre as esferas da economia, da política, da cultura, e também da educação e comunicação. Essa dissociação entre as esferas da sociedade, produziu em nível acelerado, a mercantilização da produção cultural, dos bens simbólicos, então existiu uma dissociação dessas esferas entre a cultura e política e que vivemos a consequências desse processo.

O que ocorreu depois do golpe de 1964 com a cultura brasileira foi perpassado por perseguição política. Segundo Vilas Boas et al (2015), em algum momento a ditadura vendia a imagem que seria breve e passageira e instalaria a ordem democrática em breve. Por isso, ela não reprimiu todas as manifestações culturais, nem mesmo as universidades, sindicatos. Tanto que até 1965, mesmo Atos Institucionais, ainda existia manifestação cultural da classe média para classe média, mas depois do AI 5 restringe-se a tudo.

Nesse período, existe um processo de estabelecer as contradições da sociedade brasileira, nas questões nacionais, territoriais, latifúndios, e, conseqüentemente, surgem obras que vão colocar em evidência esses temas. Augusto Boal começa a realizar formas do teatro de agitação e propaganda, como uma reação. Ao não poder fazer um teatro convencional, foi preciso fazer o teatro jornal.

A ludicidade e a estética estão relacionadas com o princípio da afetividade, mas também da indignação. A experiência estética favorece a imaginação, clarifica e organiza a intuição, a percepção e a sensibilidade, desenvolvendo na pessoa a capacidade de se colocar no lugar do outro (RABÊLLO, 2009). Todos esses elementos são fundamentais para viver na sociedade atual. Nessa perspectiva, o estético perpassa todo o trabalho de uma forma educativa, despertando a criticidade, ora a sensibilidade, ora o despertar para novos olhares

Para Aguiar (2019) a performance aparece dentre estes elementos como uma ferramenta política de mobilização e transmissão, possuindo a capacidade de fortalecer a ação militante, gerando sentido para a concentração de corpos que ocupam espaços em prol do ativismo político. “O uso da categoria performance representou uma chave de leitura da mística do Movimento, no sentido de compreender a mobilização de corpos para a formação de um ativismo político e para a ação dos movimentos sociais” (AGUIAR, 2019, p. 8).

Aguiar (2019) aponta outro tópico que necessita salientar: o uso das tecnologias digitais na performance de movimentos sociais na contemporaneidade. a autora traz Dowbor para pensar em relação ao mundo em que vivemos. e Szwako (2013) partindo da experiência dos protestos da chamada “Jornadas de Junho” em 2013¹⁸. Sinalizando que o Movimento Passe Livre (MPL) - que caracterizou as Jornadas de Junho - potencializou o sentido de performance em protestos, utilizando-se de “metáforas dramatúrgicas” (p.03) nos atos contra o aumento de tarifas do transporte público.

Segundo Dowbor e Szwako:

¹⁸ Série de protestos simultâneos, ocorrido em junho de 2013, começando inicialmente com protestos contra o aumento de passagens dos transportes públicos

Nessa competição pela interpretação da plateia e por uma reação positiva do público, a performance dos movimentos visa transformar aquilo que é uma plateia desde sempre virtual (seja ela as autoridades estatais, a opinião pública ou quaisquer outras personagens da sociedade civil) em um público espectador cativo, um aliado. Para esse trabalho de convencimento e adesão, os movimentos dramatizam ações, forjando ou emprestando palcos e vitrines e encenando atos que dependem da cooperação entre seus protagonistas (os militantes) e do esforço deles para a perfeição de cada parte do seu espetáculo (a cenografia, a trilha sonora, o figurino) (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 44-45).

Por isso, observar os movimentos sociais a partir da lente do teatro permite perceber os “dramas nos quais protagonistas e antagonistas competem para afetar as interpretações do público a respeito das relações de poder em vários domínios” (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 44). O objetivo da provocação é incentivar os envolvidos para que pensem, questionem, pesquisem sobre suas ocupações sempre, pois, há sucessivas transformações em busca de outras ações que até então não tenham sido desenvolvidas como práticas no cotidiano.

CAPÍTULO III: CAMINHANDO ENTRE AS RUAS E AS REDES – PERFORMANCE E IDENTIDADE NO AGITPROP DO LEVANTE/PB

Como exposto, o Levante faz o movimento de transitar entre o campo e a cidade, com isso, acaba abrangendo múltiplas identidades juvenis. A partir deste pressuposto, o que interessa neste capítulo é entender quais as identidades juvenis são mobilizadas, e como elas são performadas através do AgitProp e da Mística do movimento. Começando o capítulo, pensando o papel histórico das ruas nas reivindicações sociais e caminhando para pensar a utilização das redes virtuais como ferramenta e espaço de disputa política.

3.1 “JÁ SEI PRA ONDE VOU, EU VOU SENTIR O CALOR DA RUA”

*Minha, tua
Onde a realidade é mais nua, crua.
Já sei pra onde vou eu vou pra rua, rua.
Vamo porque a luta continua.
A rua é divina.
A rua é de graça.
(Francisco, el Hombre)*

A rua enquanto espaço de reivindicação política é bastante conhecida. Quando estamos no meio da rua gritando e segurando nossos cartazes e bandeiras há sempre elementos já “carimbados” dos atos de rua, como por exemplo os motoristas em seus transportes buzinando pelo trânsito parado, os carros e motos que não querem respeitar a presença de pessoas na rua e tentam achar alguma brecha para passar dentre a aglomeração, tem aqueles que ficam nos estabelecimentos, casas e calçadas tirando foto, alguns gritos de apoio, outros gritos de indignação com o trânsito congestionado devido a um conglomerado de pessoas diversas reivindicando algo no meio da rua.

Desde 2018, com a campanha e ascensão de Bolsonaro à presidência, há uma interessante diferença entre os atos de movimentos de direita e movimentos de esquerda, e suas múltiplas bandeiras. Os movimentos de esquerda historicamente são conhecidos pela cor vermelha. O que vem acontecendo nos últimos seis anos, é a apropriação de símbolos nacionais para a estética direitista-bolsonarista brasileira, como as cores verde e amarelo e a bandeira do Brasil.

Mas, há uma diferença espacial que se configura nas cidades onde se fazem manifestações de rua, a diferença vai além da dicotomia que os próprios significados de direita e esquerda possuem. Pode-se perceber isso quando em João Pessoa/PB os atos de direita são realizados na orla da cidade, no bairro nobre de Cabo Branco, enquanto os atos de esquerda se

concretizam na área do centro, um bairro comercial e histórico. Em Campina Grande/PB acontece algo semelhante, os atos de direita se concentram em torno do Açude Velho, onde há padrões de vida mais altos, enquanto os de esquerda, na praça mais popular da cidade, no centro do comércio campinense.

Compreendo esses elementos como resultados do processo histórico de estratificação social que perpassa a construção das cidades, a divisão de classes se materializa no espaço urbano, Park (1916) aponta que o espaço físico espelharia o espaço social, provocando um distanciamento social com diferenciação nas atividades em cada parte da cidade e que os equipamentos sociais se tornam fundamentais nesse processo.

A rua é um espaço público visto como objetivo de circulação de pessoas, trabalhadores, mercadorias, serviços, e tá dentro do que pensemos como se vive, se habita na cidade, na rua a cidadania é reivindicada e materializada de diversas formas, por isso compreendo a rua enquanto um equipamento público.

Para além dessas dicotomias, há outras que saltam aos olhos, os atos de rua de direita geralmente são em carreatas, o que foi até um elemento interessante no ato do dia sete de setembro deste ano, que bolsonaristas em seus carros – que como sabemos, funcionam a base de gasolina – defenderam o governo em que o litro do combustível tem ficado cada vez mais caro, chegando a meados de sete reais.

Figura 1 – AgitProp no grito dos excluídos



Fonte: Google Fotos

Esse curioso elemento foi a base para o AgitProp que ficou estampado numa foto com grande repercussão nas redes sociais, no ato chamado “Grito dos Excluídos” que ocorre

anualmente no dia da independência do Brasil, uma faixa que, pintada sob a estética de preço de supermercado, trazia o trocadilho: 7 - o litro - de setembro.

Como aponta Nogueira e Gonçalves (2020), a rua é vista como “espaço racionalizado” a serviço de uma demanda produtiva, utilizada para garantir uma eficiência das práticas capitalistas, assim, podemos perceber nos centros urbanos, ruas cada vez mais carrocráticas, e seus movimentos muitas vezes ligadas a questões de trabalhos e serviços. Com isso, me lembro que a frase “Eu preciso ir pro trabalho, desocupem a rua!” é uma das que mais se ouve dentro dos automóveis quando se está ocupando uma rua em protesto.

As formas de segregação espacial estão presentes materialmente e simbolicamente, os muros (in)visíveis que dividem os espaços urbanos possuem diversas formas de condicionamento, como em classes, raça, gênero, e outros marcadores sociais da diferença. Essas diferenças são perceptíveis no espaço físico, com os tipos de transporte e moradia, mas também através de elementos como vestimenta, comportamento, e principalmente nas relações sociais (NOGUEIRA; GONÇALVES, 2010).

Percebe-se isso durante as manifestações de rua quando paramos para analisar a diferença do tratamento policial que se tem em diferentes atos, a repressão policial é muito mais presentes em atos compreendidos como de esquerda. Como aponta Wright Mills (1982), existe uma elite no poder, ela se caracteriza em três áreas, podendo ser econômica, política ou militar.

O poder político encarna em um espetáculo a forma de Estado e não realiza suas atividades em prol dos interesses da população, mas da minoria elitizada, o que podemos ver com a tranquilidade que são realizados os atos de direita, como neste ano de 2021, atos negacionistas aglomeraram pessoas sem máscara, e ainda assim não se tem notoriedade de alguma repressão.

Para Mills (1982), os três tipos de poder estão diretamente e totalmente ligados às decisões tomadas na área política que determinam as atividades econômicas e os programas militares, e, com o aumento e a centralização dessas áreas, vem também a ampliação das consequências de suas atividades. Os interesses de um grupo de empresas privadas influenciam na economia, nos eventos políticos e militares, e no aumento da repressão sob os que são subalternizados.

Não existe mais a separação das três áreas de poder segundo Mills (1982), de um lado a economia e do outro uma ordem política que possui um aparelho militar, o que há é uma ligação das três áreas que acentua e favorece as potências do capital. Assim, o incômodo que uma manifestação de rua proporciona está diretamente ligada à noção de atrapalhar a produtividade de mercado, como naquela frase popular “tempo é dinheiro”, parar o fluxo da rua para protestar

contra quem ou algo que está no poder político, possui ligação direta com a lógica de mercado, que impulsiona a repressão.

O que é mais difícil nos atos de direita, já que é possível compreender que, se os atos se concentram mais em áreas nobres, não há uma circulação comercial tão urgente, se pegarmos o exemplo da praia de Cabo Branco e o Açude Velho, são áreas de padrões de vida mais altos pois são voltadas a práticas recreativas e de lazer respectivamente de João Pessoa e Campina Grande. O acesso a esses espaços, mesmo que possibilitados de maneiras desiguais, é aberto, mas a moradia em torno deles é destinada a condições altíssimas de renda. Com isso, tem se tornado cada vez mais comum andar por esses locais e avistar bandeiras do Brasil na janela de prédios e casas.

Por outro lado, percebo uma outra vivência de rua nas cidades, são nas ruas de bairros comerciais, de bairros populares e periféricos, que se dão os encontros dos movimentos sociais de esquerda, quando há a panfletagem de atividades, a mobilização presencial, a colagem de lambes nas paredes

Para Delgado (2014), as ruas são uma instituição social pautada por relações essenciais para o funcionamento da sociedade como um todo. O autor defende a rua e os espaços públicos enquanto lugares de encontro, visto que são onde se une as experiências de dentro e fora, do próximo e do estranho, entre a casa, enquanto lar, e tudo que é alheio à experiência privada. A rua é, ou deveria ser, o lugar compartilhado, coletivo, público, de livre acesso

A necessidade de aproximação com as bases e o estreitamento do contato com a população sempre foram questões que regem os alicerces dos movimentos sociais. Atualmente, com o período pandêmico que enfrentamos, algumas mudanças foram impostas no uso de estratégias para o alcance dessa necessidade.

Partindo dessa questão, o processo de analisar a mobilização e engajamento de movimentos sociais deixam de protagonizar as ruas, os locais públicos e as chamadas presenciais, não limitando-se a analisar os sujeitos políticos apenas na relação classe-partido-Estado para agregar e dar visibilidade aos movimentos populares que emergem em outros setores da sociedade, ocorrendo nos bairros, e nas reivindicações por moradia, na realidade estudantil e agora, na disputa do campo virtual.

Nogueira (2021) coloca que a rua em algumas situações é transformada de dimensões de conflitos a território flexível, exemplifica o caso do carnaval, sendo a rua um espaço que em momentos discrimina o público LGBTQIA+, no carnaval, é tomada por uma diversidade de manifestações carnavalescas que abarcam esse público. Nogueira (2021) evidencia que naquele

momento carnavalesco, a rua é temporariamente apropriada por pessoas que em outras situações, não possuem tanta liberdade.

Ao pensar os atos políticos de rua, percebe-se que nestes momentos, a rua se transforma em território flexível, como no exemplo que a autora coloca, tanto no carnaval como em protestos, a rua é tomada pela união de corpos que “expressam sua existência plural no espaço público, demandam reconhecimento, exercitam liberdade, reivindicam uma vida que possa ser vivida” (NOGUEIRA, 2021, p. 49).

Assim, essa junção de corpos em intervenções urbanas possibilitam a vivência de diferentes relações sócio-espaciais não tão comum no cotidiano da rua, essa reunião para Butler (2018), é uma presença política que exercita uma demanda corporal, por um “conjunto de vidas mais visíveis” (BUTLER, 2018, p. 32).

3.2 “COMO ENTRAR NO LEVANTE?”: O AGITPROP E A MÍSTICA COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO MILITANTE

*O Levante Popular é um movimento que surgiu
Pra unir a juventude guerreira desse Brasil (2x)
Nós vamos pra rua, é pra lutar
Construindo no Brasil o projeto popular (2x)
Se é contra o MACHISMO, Levante vai!
Se é contra o RACISMO, Levante vai!
Contra a LGTBFOBIA, Levante vai!
De lencinho no pescoço e batucada de lata (2x)
Levante, levante, levante e lute!
Levante, levante, popular da juventude (2x)
(Cancioneiro “10 anos do Levante”)*

É muito comum que depois dos atos e protestos, algum jovem chegue em um militante e pergunte “como entrar no Levante?” e, a resposta corriqueira é que se convide para algum encontro ou reunião, pegue o contato desse jovem e adicione nas redes de comunicação. Durante os atos de rua, é uma prática que militantes levem algum conhecido ou que se encontre durante o ato, conhecidos na rua.

É costumeiro ver rostos novos segurando algum cartaz, alguma bandeira, pois há a prática de chamar as pessoas conhecidas presentes ali ao redor para se envolver com a militância naquele momento. E aqui tenho uma lembrança pessoal, quando estava em um ato com minha companheira e ela estando um pouco indisposta de participar, eu disse-a “se você não quer se encaminhar de nenhuma tarefa, então não caminhe perto de mim, pois com certeza estarei te delegando alguma atividade na correria do ato”.

O Levante é conhecido por chamar atenção durante os protestos, a produção de material de agitação e propaganda é uma das premissas da construção de um ato de rua. No encontro da construção desses materiais, temos um grande espaço de socialização dos jovens, se tornando um espaço convidativo para jovens interessados em adentrar o movimento.

Sobre o AgitProp no Levante, Oliveira (2019) destaca:

A Agitprop é a nossa maior marca: são as armas que escolhemos para dialogar com a sociedade e mostrar os desejos da juventude. Nossa agitação busca traduzir nossas ideias numa mensagem simples e que atinja muitas pessoas. Já a propaganda é mais profunda: se refere ao processo de espalhar a reflexão sobre a luta de classe para os jovens. Ações de agitação e de propaganda estão sempre interligadas. Como fazemos isso na prática? Com grafite, muralismo, teatro, batucada, ocupações de ruas e o que mais nossa criatividade permitir (OLIVEIRA, 2019).

Quando vamos para a rua com nossas bandeiras, nossos estandartes enfeitados, nossa batucada, esses símbolos significam uma chamada a identificação da juventude que está ali naquele ato, pois de alguma forma, se identifica com as pautas reivindicadas. Contemporaneamente, há mais formas de engajamento, como o uso das redes sociais, a publicação de fotos se tornou uma forma de existência.

A ida para um ato envolve a crença na visibilidade daquele protesto, postar nas redes sociais é uma forma de chamar atenção, então aliado aos nossos materiais de protesto temos também a produção de fotografias, os registros daquele ato. Nesses registros, podemos encontrar os militantes que estavam no momento, carregando aquelas bandeiras de luta. Assim, às vezes aquela pessoa que chegou no ato mas não conhecia o Levante de fato, e no momento se envolveu com os materiais e com a militância, quando vê que está em algum registro do movimento, tende a postar a foto em sua rede social, e isso gera uma propagação da participação, e da mensagem daquela imagem.

Singer (2011) analisa os jovens na contemporaneidade enquanto sujeitos com visões mais sensíveis às desigualdades sociais, que almejam em seus maiores desejos a possibilidade de sobrevivência em espaços mais dignos. Para Silva e Lehfeld (2012) essa posição é contrária à realidade atual de criminalização de manifestações sociais, políticas e culturais da juventude subalternizada por parte das classes hegemônicas.

Me recordo quando fui na segunda etapa da “Escola de Formação Emerson Pacheco”¹⁹, os espaços políticos de debate e análise conjuntura não significava para mim, uma novidade, pois já vivenciava isso em outros espaços de organização estudantil. O que me comoveu, me

¹⁹ Encontro do movimento destinado a estudo para formação política. Destinado a militantes, mas também aberto para quem queira conhecer o movimento.

chamou atenção de fato, foram as atividades místicas e de agitação naquele momento. Não se evidencia que devamos compreender o interesse político apenas como racional, de quem tem algum pensamento crítico, mas esse interesse também se aponta como um envolvimento emocional, de crença e de identificação. O Levante fala “conquistar mentes e corações”, isso demonstra que para o grupo, a política também se faz no campo afetivo.

Uma das coisas que tornam interessante o envolvimento no Levante é a possibilidade das diferentes formas de construção que o movimento possibilita à sua juventude. Quando se entra para algum coletivo ou organização, se entra no sentido de colaboração, de utilidade, então o sentido de “atarefar” um militante não é simplesmente pelo fato da delegação de demandas, mas, engloba a produção de sentimentos de pertencimento e identificação, nesse quesito, a batucada se constitui como um “cartão de visita” do movimento.

Nas pautas identitárias, o Levante traz setores que especificam algumas pautas, como setor de mulheres, o setor LGBT, o setor de negros e negras, e os setores que delegam tarefas que são chamados de coletivos. Como o coletivo de comunicação, o coletivo de agitprop que engloba as tarefas de mística, o coletivo de segurança, e a parte da secretaria, esses setores possuem pessoas específicas que pensam a organização dos espaços, mas permite que os militantes possam caminhar entre eles, não são sempre as mesmas pessoas que fazem, a uma rotatividade da participação nas tarefas, o que torna-se uma horizontalidade nos processos de construção do movimento.

3.3 “O LEVANTE POPULAR COMBINA COM VOCÊ!”: IDENTIDADES SUBALTERNAS ATRAVÉS DO SOM E DA IMAGEM

*“O levante popular combina com você (2x)
É pra mudar o brasil e fazer acontecer (2x)
Contra a privatização
Sem cortes na educação
Contra toda opressão...
Combina com você, você você”
(Cancioneiro “10 anos do Levante”)*

“O levante popular combina com você!” Essa frase cantada é bem conhecida entre os militantes do Levante Popular da Juventude, ela geralmente é destinada a alguém quando o movimento quer aproximar essa pessoa para a militância, ao conhecer tal pessoa, identifica que ela possivelmente possui características que combinam com o movimento.

O Levante tem como guarda-chuva o campo que abarca as juventudes, mas que dentro das suas juventudes, trazem as pautas chamadas de identitárias, como já foi exposto aqui, com os setores que estruturam o movimento. Mas, para pensar e caracterizar essas identidades que

o movimento cativa, trago neste ponto alguns elementos utilizados pelo levante para pensar como o discurso do movimento reivindicam tais identidades: o cancionero, a poesia e as fotografias.

Gonçalves (2015) ao pesquisar rodas de rimas e saraus poéticos nas ruas do Rio de Janeiro, salienta a importância de nos atentarmos para a não totalidade de compreensão quando descrevemos a performance no papel. Trazendo Zumthor (2010) para falar dessa “falsa reiterabilidade” que possui a poesia oral, ele diz que experimentou essa situação ao transcrever os versos das rimas na pesquisa, pois “não compreendia o motivo de aquela rima selecionada – e essa seleção envolvia a qualidade, beleza, repercussão –, no papel, parecer-me tão comum, vulgar. Vivi um estranhamento às avessas.” (Gonçalves, 2015, p. 03).

Ainda que as imagens e o meu relato façam um esforço de demonstrar o efeito visual, sonoro e místico dos símbolos carregados pelo movimento, a compreensão não será a mesma, pois a sensação também não será. Pois como fala Zumthor (2010), “a obra transmitida na performance, desenrolada no espaço, escapa, de certa maneira, ao tempo” (p. 275), afinal, enquanto oral, não seria jamais reiterável, e como aponta o autor, teríamos na mídia, a função de compensar essa insuficiência.

Porém, mesmo utilizando de registros midiáticos, não podemos excluir o espaço em que o ato foi feito, o calor humano entre as pessoas, o comportamento dos corpos em movimento, a própria percepção do movimento no ato, o coro da multidão, a sensação que dá quando a gente olha para trás do ato e ver que ainda há muitas pessoas percorrendo o mesmo caminho.

O sentimento de esperança, de pertencimento, de coletividade, de participação. Ainda que eu coloque aqui os versos das músicas, das poesias, e fale da batucada, não terá o mesmo sentido místico que o vivido presencialmente, pois não terá como sentir o som do batuque, o engajamento corporal, as letras cantadas em união naquele momento que tudo forjava o sentido.

3.3.1 O sonoro

O cancionero popular é um instrumento bastante utilizado pelo levante, ele funciona como ferramenta de organização e engajamento em um ato, trazendo as letras das músicas e gritos de guerra que soam nos protestos políticos. Geralmente, o cancionero do levante é composto por paródias, utilizando algumas músicas que estão em alta no momento, substituindo a letra por dizeres sobre a pauta política do ato. Além de músicas compostas por movimentos populares que historicamente utilizam as letras como símbolo de suas lutas.

Gomes (2019), ao utilizar alguns dos cancioneros do Levante, aponta a pedagogia Freireana como base dos métodos de luta do movimento. Assim, a forma como é usada a palavra


é um reflexo do que Freire aponta, a necessidade que os excluídos têm de “pronunciar-se a si e ao mundo” (GOMES, 2019, p. 116).

Os versos do cancionário nos convidam a um aprofundamento do diálogo com o Levante Popular da Juventude, o movimento como um todo; e com os seus jovens, como partes constitutivas deste todo, na tentativa de refletirmos sobre os sentidos múltiplos do encontro dessas palavras, do todo e de suas partes constitutivas, que refletem e refratam a vivência em movimento (GOMES, 2019, p. 116).

A maioria das produções dos cancionários são de responsabilidade do setor nacional do AgitProp, ou seja, usa-se o mesmo cancionário em diferentes lugares, de forma nacional. O cancionário, além de organizar o militante para acompanhar a batucada e o coro do movimento, é uma ferramenta de engajamento a partir do momento que é impresso e usado para distribuir para quem estiver no ato, e queira acompanhar os cantos e gritos, transforma-se em um material de visibilidade e divulgação.

Reúno aqui, alguns trechos retirados de cancionários coletados nas redes sociais do movimento, este da figura 2 foi elaborado para o uso no Conune de 2019, ele possui quatro partes, mas recortei esta pois traz três letras bastante tocadas e conhecidas no movimento, as que estão sob número 35, 36 e 37.

Figura 2 – Cancioneiro do Conune



30- VAI MALANDRA
TÁ JULGANDO, TÁ SEM PROVA
DIZ QUE LULA É LADRÃO
NÃO É NÃO
TÁ PEDINDO, SE PREPARA
VOU LANÇAR A REAÇÃO

CÊ AGUENTA, TÁ COM MEDO
SE ESCONDENDO DO POVÃO

[GLOBO MENTINDO DE NOVO
ENGANANDO O POVO
SEMPRE DESSE JEITO
TRABALHADOR SE LIGOU
E TÁ INDO PRA LUTA, LUTA, LUTA, LUTA 2X]

[NÃO VAMOS ACEITAR
BRASIL VAI PARAR 2X]

31- BAILE DE FAVELA
O POVO TÁ NA RUA, PELA DEMOCRACIA
DEFENDENDO LULA, PELA DEMOCRACIA
QUEREMOS DIREITOS, PELA DEMOCRACIA
MUDAR NOSSO PAÍS, É SÓ COM LUTA TODO DIA

32- CACHAÇA NÃO É ÁGUA
ELES PENSAM QUE O POVO É BOBO
O POVO NÃO É BOBO NÃO
ELES QUEREM CONDENAR O LULA
PRA ENTREGAR TODA A NAÇÃO

33- NA MACIOTA
CONTRA AS REFORMAS
MULHER NA RUA
PRA DEFENDER OS DIREITOS DO POVO
A PREVIDÊNCIA, LEIS TRABALHISTAS
MULHER QUE LUTA A REALIDADE MUDA

34- CANTO DE RESISTÊNCIA
OS ESTUDANTES SE LEVANTAM
GRITANDO UM CANTO DE RESISTÊNCIA
NOSSA AULA É NA RUA
MAIS UMA VEZ MARCAMOS PRESENÇA

NOSSAS ESCOLAS NÃO SÃO PRISÕES
NOSSA LEI NÃO É A MORDAÇA
ENRAIZANDO A NOSSA VOZ
EM CADA RUA EM CADA PRAÇA

SE O NOSSO FUTURO QUEREM ROUBAR
NOS IREMOS NOS LEVANTAR

35- FILHAS DE DANDARA
SOMOS AS FILHAS DE DANDARA
FILHAS DE FRIDA E PAGU
LUTANDO PELA PÁTRIA FEMINISTA
COMBATENDO O MACHISMO ATÉ VENCER
SEM MULHER NÃO HÁ SOCIALISMO
E AVANÇAR NO FEMINISMO
É NECESSÁRIO PARA A REVOLUÇÃO
SEM MULHER NÃO HÁ SOCIALISMO
E AVANÇAR NO FEMINISMO
É NECESSÁRIO PARA A REVOLUÇÃO

36- NEGRO NAGÔ
EU VOU TOCAR MINHA VIOLA
EU SOU UM NEGRO CANTADOR
O NEGRO CANTA DEITA E ROLA
LÁ NA SENZALA DO SENHOR
[DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ 4X]

A CULPA É DA ABOLIÇÃO
QUE VEIO E NÃO O LIBERTOU
[DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ 4X]

VOU BOTAR FOGO NO ENGENHO
AONDE O NEGRO APANHOU
E COM GOLPE DE CAPOEIRA
QUEBRAR AS PERNAS DO SENHOR
[DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ 4X]

EU QUERO A UNE COLORIDA
E CHEIA DE BIXA DOUTORA
[DANÇA AÍ BIXA DOUTORA 4X]

4

EU QUERO A UNE COLORIDA
E CHEIA DE SAPA DOUTORA
[DANÇA AÍ SAPA DOUTORA 4X]

OS ESTUDANTES TEM UM LADO
O LADO DO TRABALHADOR
DANÇA AÍ TRABALHADORA

37- RABETÃO
BI, GAY, TRANS E SAPATAO
TÁO TUDO ORGANIZADA,
PRA FAZER REVOLUÇÃO


38- LUCRO
TIREM AS BARRAGENS DA MINHA ÁREA
NÃO CONSIGO RESPIRAR
AS VITIMAS TÃO SOTERRADAS
NÃO PODEMOS RESGATAR
A VALE NUNCA É CULPADA
NÃO PODEMOS NOS CALAR
SUA GANANCIA SEMPRE MATA

EU FAÇO LUTA POR CADA VIDA ATINGIDA
E ESPERAR NÃO FAZ JUSTIÇA
SÓ A LUTA MUDA A VIDA
E A SAÍDA É COLETIVA

SE LIGA VOCÊ, SE LIGA
BRUMADINHO VAI TER JUSTIÇA
SE LIGA, VOCÊ, SE LIGA

LUCRO
A VALE SÓ QUER LUCRO
E O POVO QUER FUTURO

#UNIVERSIDADE RESISTÊNCIA
#LEVANTENOCONUNE



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A música 35 fala sobre a pauta feminista do movimento. Há um destaque em qual a linha feminista que o movimento corresponde, dentro da teoria socialista. Trazendo alguns nomes de mulheres importantes para a base do movimento feminista no Levante, começando pelo nome de Dandara - mulher importante na resistência quilombola brasileira - podemos reconhecer uma interseccionalidade. Essa música é muito tocada pelas mulheres militantes nos atos.

Já o número 37 é um grito de guerra, falado de uma forma cantada porém breve, nesse grito pode-se perceber a pauta LGBT como central, e como o processo revolucionário proposto para essa organização envolve as pautas identitárias, esse grito é bastante usado em qualquer ato justamente por trazer o elemento da revolução e ele também estampa outros materiais, como algumas blusas do movimento.

A música 36 é quase um carimbo, confirmado em todo ato, além da música, há também a coreografia dela que muitos militantes fazem enquanto cantam, ela corresponde a duas pautas importantes do movimento, a questões voltadas à negritude, a LGBTs e a classe trabalhadora.

Pode-se dizer que essa música expressa também um símbolo do discurso que critica a colonialidade, ao passo que fala de efeitos e sequelas da colonização, como a escravidão, trazendo o ato de se libertar dessas amarras. Ao pensar nesse projeto colonial moderno, a ideia de raça é fundamental na construção do poder demarcado no lugar de discurso.

Como Gonzales (1980) bem pontua em sua longa epígrafe, os negros e negras enquanto um objeto do discurso do outro, sendo “subalternizados” pois foram postos na posição da escuta, da subordinação e não do protagonismo de fala e atuação. Essa subalternização no discurso do outro, é resultante de um elemento pontuado pela autora: a falsa ideia de democracia racial forjada na realidade brasileira.

Originalmente, essa música possui a letra voltada para os negros e negras, mas depois de uma adaptação, abarca a diversidade na universidade. Tanto da diversidade sexual e de gênero quanto do acesso à universidade por parte de estudantes oriundos da classe trabalhadora e que se encontram em condições de trabalho.

Portanto é uma música que revela bem o discurso do levante enquanto a pauta estudantil de acesso à universidade, que se faz central, fazendo uma leitura de que a falta de diversidade dentro das nossas universidades são também sequelas dos nossos processos de colonização. Aqui é possível perceber que há uma relação territorial e histórica dos elementos que forjam a identidade da juventude negra e periférica que se mobiliza no Levante.

Morais (2020) coloca que a noção que o sujeito tem sobre si carrega determinações geopolíticas, como aponta Spivak em pensar a subalternidade “que pertencem aos exploradores

da divisão internacional do trabalho” (p. 83). Lehfeld e Silva (2012) discorre que as dificuldades da juventude subalterna em obter visibilidade na sociedade capitalista contemporânea, contribuem na busca por estratégias para conquistarem o pertencimento social que tanto almejam, permeando suas identidades.

No cancionário de comemoração aos 10 anos do Levante, encontram-se músicas já mencionadas no cancionário anterior, mas também outras que marcam o movimento. Esse cancionário traz um compilado das principais canções mais conhecidas do movimento. As músicas número 1, 2 e 3 fazem referência direta às justificativas da existência do movimento e procura gerar identificação nos ouvintes.

A número 1 é mais específica aos próprios militantes, invocando que o movimento cresce em seus acampamentos. Os acampamentos do Levante são os encontros dos militantes do movimento, acontecem a nível estadual e nacional, que ocorrem geralmente no intervalo de quatro anos. Oliveira (2019) ao pesquisar a estrutura organizacional do Levante, aponta que é no acampamento que são definidas as principais coordenações e pautas, se constituindo as maiores instâncias de deliberação do movimento.

Figura 3 – Cancioneiro de 10 anos do Levante

CANCIONEIRO 10 ANOS DO LEVANTE

1. ARROCHA DA JUVENTUDE

REVOLUÇÃO NO CORAÇÃO, E NA COMUNIDADE
O LEVANTE TE CONVIDA PRA MUDAR A REALIDADE - 2X1

EI, SE LIGA, ACAMPAMENTO NÃO É TUDO
É O PONTO DE PARTIDA

TELE MUDA A VIDA, MUDOU A MINHA VIDA 2X1

E 180, 180, 360, 180, 180, 360

LE JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR, CONSTRÓI O PODER POPULAR
2X1

ISE A JUVENTUDE SE DEDICA, A LUTA MULTIPLICA 2X1

ISE A JUVENTUDE É A ARMA, VOCÊ É A MUNICÃO
A LUTA É NECESSÁRIA PRA FAZER REVOLUÇÃO - 2X1

ARROCHA, ARROCHA COM ALEGRIA
CUIDANDO DA TERRA COM AGROECOLOGIA

2. ARROCHA DO LEVANTE

O LEVANTE POPULAR É UM MOVIMENTO QUE SURTIU
PRA UNIR A JUVENTUDE GUERREIRA DESSE BRASIL - 2X1

DNÓS VAMOS PRA RUA, É PRA LUTAR CONSTRUINDO NO
BRASIL O PROJETO POPULAR 2X1

SE É CONTRA O MACHISMO, LEVANTE VAI!
SE É CONTRA O RACISMO, LEVANTE VAI!
CONTRA A LGBTFOBIA, LEVANTE VAI!
DE LENCINHO NO PESCOÇO E BATUCADA DE LATA 2X1

LELEVANTE, LEVANTE, LEVANTE, LEVANTE E LUTE!
LEVANTE, LEVANTE, LEVANTE, POPULAR DA JUVENTUDE
2X1

ICHÃO CHÃO CHÃO QUEM QUER A REVOLUÇÃO! - 2X1

3. COMBINA COM VOCÊ

O LEVANTE POPULAR COMBINA COM VOCÊ - 2X1
TÉ PRA MUDAR O BRASIL E FAZER ACONTECER - 2X1

CONTRA A PRIVATIZAÇÃO
SEM CORTES NA EDUCAÇÃO
CONTRA TODA OPRESSÃO...
COMBINA COM VOCÊ, VOCÊ VOCÊ

4. FUNK DA CRISE

TA CRISE É DOS RICOS E OS POBRE AQUI SE FODE
NO PODER, SÓ TEM PLAYBOY 2X1

ÔÔÔ A JUVENTUDE CHEGOU
ORGANIZADA NO LEVANTE
JUNTO COM O TRABALHADOR

ÔÔÔ A JUVENTUDE CHEGOU
É NO CAMPO E NA CIDADE
VAMO METER O TERROR!

AGORA VIROU MODA CRISE INTERNACIONAL
DEMITINDO TODO MUNDO PRA PLAYBOY NÃO PASSAR MAL - 2X1

LE O TRABALHADOR QUE SE FERRA TODO DIA
CHEGA NO FIM DO MÊS E A PANELA TÁ VAZIA - 2X1

LE O(CA) JOVEM NA CIDADE ESTUDANTE COISA E TAL
TRABALHANDO NOITE E DIA ESCRAVO(CA) DO CAPITAL - 2X1

5. EU VOU FALAR PRA VOCÊ

EU VOU FALAR PRA VOCÊ
VOU LUTAR PRA VALER
JE O CAMPO E A CIDADE ESTÃO AÍ PRA QUE
É PRA GENTE MOSTRAR O PROJETO POPULAR, POPULAR, POPULAR
FEMINISTA E POPULAR, POPULAR, POPULAR
COLORIDO E POPULAR, POPULAR, POPULAR
ANTIRRACISTA E POPULAR, POPULAR, POPULAR

6. ESSA LUTA É NOSSA

ESSA LUTA É NOSSA, ESSA LUTA É DO POVO
E SÓ LUTANDO QUE CONSTRÓI UM BRASIL NOVO. 2X1

ISÃO 600 ANOS DE MISÉRIA E EXPLORAÇÃO
E O NOSSO POVO SEM SAÚDE E EDUCAÇÃO - 2X1

ITRABALHA TANTO E NÃO TEM O QUE COMER
ESSE É O PROJETO DE QUEM TÁ LÁ NO PODER - 2X1

ITEM QUE TER SAÚDE EM TODA A SOCIEDADE
E OS MOVIMENTOS MOSTRANDO A REALIDADE - 2X1

7. PARÓDIA - AQUELE 1%

EU ABRO OS DADOS QUE ESTÃO DISPONÍVEIS NA INTERNET
ANDO NA RUA REPARANDO QUEM ME PEDE
COMIDA, ESMOLA OU ME VENDENDO CHICLETE
O MEU PROBLEMA SEMPRE FOI ENXERGAR CONTRADIÇÃO

LIGO NO OUTRO DIA NO JORNAL DA MANHÃ
VIOLÊNCIA, INJUSTIÇA, FALTA DE EDUCAÇÃO
VAMOS LIGAR OS PONTOS, ESSA CRISE TEM UM JEITO
EXPOR DO CAPITALISMO, O SEU MAIOR DEFEITO

TA EXPLORANDO TODO MUNDO
99% POBRE, QUEBRADO
MAS AQUELE 1% É BILIONÁRIO
AQUELE 1% É BILIONÁRIO
SAFADO E SÓ TE ROUBA

8. PARÓDIA - VOU DESAFIAR VOCÊ

JUVENTUDE QUER VIVER
QUER EMPREGO E QUER ESTUDAR
QUER CULTURA, ESPORTE E LAZER
E O MUNDO TRANSFORMAR
JÁ CHEGA DE SOFRER
A PM NÃO DESCANSA
E NA QUEBRADA É PRETO E POBRE QUE DANÇA

**8. NEGO NAGÔ (SAMBA
REGGAE)**

EU VOU TOCAR MINHA VIOLA, EU SOU UM NEGRO CANTADOR,
O NEGRO CANTA DEITA E ROLA, LÁ NA SENZALA DO SENHOR.

DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ (4X)

TEM QUE ACABAR COM ESTA HISTÓRIA DE NEGRO SER
INFERIOR,
O NEGRO É GENTE E QUER ESCOLA, QUER DANÇAR SAMBA E
SER DOUTOR.

DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ (4X)

O NEGRO MORA EM PALAFITA, NÃO É CULPA DELE NÃO
SENHOR,
A CULPA É DA ABOLIÇÃO QUE VEIO E NÃO O LIBERTO.

DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ (4X)

VOU BOTAR FOGO NO ENGENHO AONDE O NEGRO APANHOU,
O NEGRO É GENTE COMO O OUTRO, QUER TER CARINHO E TER
AMOR.

DANÇA AÍ NEGRO NAGÔ (4X)

@levantepopular

@levantedajuventude

/levantepopulardajuventude

Levante Popular da Juventude

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As músicas 2 e 3 caracterizam o perfil da juventude que podem se identificar no movimento, colocando-se na posição contrária às opressões, nominando Racismo, Machismo e Lgbtfobia, fazendo convocação a reação dos jovens frente a essas desigualdades. Compreende-se o “levante e vem” e “combina com você” uma produção de identificação-reação, que possui como resultado esperado, despertar nos jovens ouvintes o engajamento no movimento.

Os movimentos sociais tem se configurado enquanto espaço de uma educação da “fala” em seu sentido político, segundo Castro (2011) a busca por se tornar mais visível na vida social tem gerado uma maior visibilidade para a juventude, sendo produzida a partir de algumas mudanças recentes, emanadas da necessidade da “fala” desses sujeitos, como no slogan “Levante suas bandeiras!!”, exemplificado pela autora.

Ao analisar o devir político dos discursos juvenis, Castro (2011), no sentido de perceber se essas falas acusam situações de opressão sofrida pelos próprios jovens, essas falas podem indicar reposicionamentos de colocações contra o discurso hegemônico:

Neste sentido, as falas juvenis promoveriam, desse ponto singular em que os jovens estão, deslocamentos contra-hegemônicos, pelo fato de articularem novas linguagens para a verificação da igualdade e da justiça. Em outras palavras, os jovens falam (enquanto sujeitos políticos) na condição de, a partir de seu lugar singular na sociedade, poderem dizer/falar de alguma injustiça que, mesmo sofrida mais por eles do que pelos outros, nos concerne a todos, ainda que nem todos a experienciam em igual intensidade (CASTRO, 2011, p. 301).

Um elemento bastante presente nos discursos do Levante, é o “Projeto Popular” que aparecem nas músicas 2 e 5, se referem ao modelo de projeto político que o movimento defende, Oliveira (2019) em sua tese, entrevista jovens militantes e coloca que o projeto é “voltado para a expansão da democracia, que se expressa através da criação de espaços públicos e da crescente participação da sociedade civil na tomada de decisão de políticas públicas [...] onde a população possa deliberar sobre assuntos de relevância para o Estado” (p. 116), idéia compartilhada e construída em conjunto com outros movimentos que configuram a que denominam “campo popular” - movimentos como MST, MAB, PJR, etc. fazem parte.

Algumas das canções possuem melodia própria, mas grande parte é composta utilizando paródias. As paródias são gêneros de linguagem muito utilizadas de forma humorística, e também como importante recurso pedagógico para condensar e fixar uma informação. Ao fazer relação com músicas conhecidas, facilita a propagação da mensagem a ser passada, Xavier (2014) ao instruir a elaboração de paródias com seus alunos observou que

havia “na letra parodiada pelos próprios alunos, o desejo de se expressarem, o qual, muitas vezes, não é atendido”.

Carlina, jovem militante do Levante no estado do Ceará, entrevistada por Oliveira (2019) coloca que se utilizam das “paródias mais politizadas” (p. 141) para agregar as pessoas ao redor de acordo com o contexto, mas que as letras não deixem de passar o discurso político que o movimento segue, então a jovem diz que as estratégias vão se adequando para “fazer uma construção política que seja politizada e que não perca o caráter da nossa ideologia que é uma ideologia marxista que traz todo esse histórico materialista, mas sem ser uma coisa muito fechada” (OLIVEIRA, 2019, p. 141).


A fala da jovem mencionada acima, é importante para compreender que o movimento carrega uma linha teórica marxista e defende sua prática de forma pedagógica. Oliveira (2019) ao apontar que o movimento toma como perspectiva teórica o materialismo histórico dialético, analisa a compreensão que o movimento tem sobre a matriz teórica adotada, coloca que “Marx e Engels evidenciam que o pressuposto fundamental das suas análises é o mundo real, o concreto, e é a partir deste que abstraem e elaboram as categorias correspondentes” (OLIVEIRA, 2019, p. 141).

Na canção 7, percebe-se uma letra que fala sobre a violência policial contra pretos e pobres, bastante presente na vida de jovens condicionados a essa realidade, herança colonial que é citada na letra da música 6 ao dizer “500 anos de miséria e exploração”. A subalternização que são condicionadas os corpos dos povos colonizados atravessam os processos de construção identitária e formação de subjetividade, essa experiência é vivenciada no corpo através das opressões (CARVALHO, 2017).

Nesta compreensão, se caracteriza a justificativa de um movimento marxista que aborde dentro da luta de classes, pautas identitárias. Fazendo a relação entre a opressão da classe trabalhadora e seus oprimidos, que possuem diferentes desigualdades dentro do sistema capitalista hetero-patriarcal, pois são categorias que se apresentam como latentes no mundo contemporâneo, cujos esses jovens militantes buscam a sua transformação, evidencia-se isso nas músicas, 4, 6, 7 e 8.

Figura 4 – Cancioneiro do #29M

CANCIONEIRO #29M - LEVANTE POR FORA BOLSONARO

<p>1. GRITOS</p> <p>Ai ai ai Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai Empurra o Bozo que ele cai que ele cai!</p> <p>Trabalhador se engane não O Bolsonaro não vacina o povão</p> <p>Eu to boladão Não quero genocida comandando essa nação!</p> <p>Eu não me engano O Bolsonaro é miliciano E GENOCIDA!</p>	<p>5. VEM JUVENTUDE!</p> <p>Vem juventude, lutar contra Bolsonaro Ir para as ruas é a única opção Vem estudante lutar pela educação Pela saúde da população</p> <p>6. PELO POVO, NÓS TAMO NA RUA (PARÓDIA BAILE DE FAVELA)</p> <p>Pelo povo, nós tamo na rua Vem também que essa luta é sua Bozo é genocida! Negou 11 vacinas Fora Bolsonaro e tchau pra sua cloroquina</p>	<p>Você tem uma opção Só uma opção É Fora Bolsonaro Sem arminha na mão</p> <p>Você tem uma opção Só uma opção É Fora Bolsonaro O SUS é do povão</p> <p>9. PARÓDIA - PARADO NO BAILÃO</p> <p>Eu quero vacinação (Vacinação) O SUS é do povão (4x)</p>	<p>Ele não é louco, é sem coração Nega a ciência e a educação Falta arroz, o feijão e o pão Hoje o povo vai fazer pressão</p> <p>Ela grita para cidade inteira E sabe o perigo O Bolsonaro ta fazendo um genocídio</p>
<p>2. PARÓDIA PIRANHA TAMBÉM AMA</p> <p>O povo quer vacina, o povo quer escola o vírus é quem ganha se voce ignora Bolsonaro genocida, gosta de cloroquina o povo tá na rua, lutando por vida</p>	<p>7. PARÓDIA - LINDA BELA</p> <p>Você existe, eu vou vacinar Uma furada que jamais vou esquecer Você existe, eu vou vacinar Meu braço vai ser só seu</p>	<p>10. PARÓDIA - ESPIRRA O LANÇA</p> <p>Entra na dança Pela vida eu vou lutar Entra na dança Fora Bolsonaro já</p>	
<p>3. O BOLSONARO VAI GANHAR</p> <p>O Bolsonaro vai ganhar Uma passagem pra sair desse lugar Não é de carro nem de trem nem de avião É algemado, no camburão Eita Bozo ladrão!</p>	<p>Já faz muito tempo Que eu quero vacinar Por isso eu vou lutar por ela Já faz muito tempo Que eu quero vacinar Por isso não desisto dela</p>	<p>11. FUNK</p> <p>O arroz tá caro O feijão tá caro Botijão tá caro E o culpado é o Bolsonaro</p>	
<p>4. PARÓDIA - ELA NÃO ANDA, ELA DESFILA</p> <p>Ele é corrupto e genocida Ele mente, ele é fascista É rachadinha, laranja e cloroquina Bolsonaro é anti-povo e não compra vacina!</p>	<p>8. PARÓDIA - AMOR OU LITRÃO</p> <p>E ai, qual vai ser? Agora tu vai ter que escolher A cura ou Bolsonaro Só um dos dois vai ter (2x)</p>	<p>12. PARÓDIA - ESQUEMA PREFERIDO</p> <p>Tá vendo ai, o povo ta falando Que quer a vacina, faz mais de um ano Quer trabalhar, não ta encontrando</p>	

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Esse cancionário está publicado na página do movimento no Facebook²⁰, foi utilizado para o ato intitulado “29M FORA BOLSONARO”, que consistiu em protestos por todo o Brasil contra o governo Bolsonaro no dia 29 de maio de 2021. Ele evidencia em suas letras o discurso do Levante no período da pandemia do Covid-19 no Brasil sob o governo Bolsonaro.

Durante os anos mais graves da pandemia, 2020 e 2021, o levante utilizou-se da campanha de luta com a frase “Vida, Pão, Vacina e Educação” construída pelas entidades de representação estudantil, UNE, UBES²¹ e ANPG²², que tratarei com imagens no próximo tópico. Porém, já conseguimos entender esse discurso nas letras do cancionário, com músicas voltadas para a necessidade da vacinação, da defesa do Sistema Único de Saúde - SUS, da alta nos preços de alimentos e da valorização da vida e da educação.

É interessante perceber algumas letras que demarcam o posicionamento do movimento no enfrentamento ao governo Bolsonaro, como a utilização do discurso de genocídio da população na pandemia, as músicas 1, 2, 3, 4, 6 e 12 especificam essa postura. Além de chamar

²⁰ Para saber mais, acesse: <https://m.facebook.com/levantepopulardajuventude/>

²¹ União Brasileira de Estudantes Secundaristas

²² Associação Nacional de Pós-Graduandos

o presidente de genocida explicitamente, em algumas letras é possível entender uma forma de explicação do motivo do uso do termo, como: “é rachadinha, laranja e coloriquina, Bolsonaro não compra vacina” (nº 4); “Bozo é genocida, negou 11 vezes a vacina” (nº 6); “Ele não é louco e sem coração, nega a ciência e a educação [...] Bolsonaro ta fazendo um genocídio” (nº 12).

Nas músicas 5 e 6, há um chamamento da população para os atos de rua, e justificativas de tais atos, visto que naquele momento, os atos ainda eram temidos pela transmissão da Covid-19 e até mesmo dentro dos militantes do campo da esquerda, havia diferentes opiniões acerca de participarem ou não, devido a aglomeração.

Uma experiência relevante para apontar aqui, é a dificuldade que se tinha para cantar e gritar durante os atos da pandemia, utilizando máscara. Por vezes, não conseguimos acompanhar o cancionero, cantar as músicas de forma animada, pelo cansaço acarretado pelo uso da máscara, que abafava a voz e a respiração. Desta forma, é possível pensar como a pandemia do covid-19 afetou também, essa técnica da estratégia militante.

Porém, além de cantado, o cancionero é entregue de forma impressa para as pessoas participantes no ato, e ao agitar e propagar essas letras, percebe-se que o AgitProp não procura apenas a “animação pela animação” mas sim, a indignação e o engajamento, com letras que transmitem de formas resumidas, as mensagens que sinalizam os discursos e posicionamentos do movimento.

3.3.2 A imagem

Pode-se também perceber o discurso do Levante através da imagem, tanto a imagem de seus militantes, como a imagem exposta em suas redes sociais. Para Soares e Ferreira (2017) sabe-se que a noção de discurso não se aplica somente a textos verbais, como os escritos ou falados. Ao discutirem metodologicamente o uso da imagem na análise de discurso, salientam que “o uso da imagem em discursos sociais dificilmente acontece de maneira isolada, sem relação direta com o texto verbal” (SOARES; FERREIRA, 2017, p. 178).

É possível perceber o discurso do Levante em diversos ângulos, e como o movimento faz para deixá-lo explícito em sua performance militante, nas estratégias utilizadas, através não somente das falas ao microfone, mas nas letras das músicas, nas performances visuais, nos corpos-bandeiras, que podemos ver nas imagens capturadas pelo próprio grupo.

Para fazer uma análise acerca das imagens do movimento, peguei as fotografias postadas no *Instagram*²³ do Levante. Como já pontuado, essas fotografias são postadas pelo coletivo de

²³ Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos

comunicação, nesse caso, o coletivo estadual da Paraíba, como também, as redes sociais são de responsabilidade do mesmo.

É interessante pontuar que, mesmo que haja uma horizontalidade no acesso a esses espaços de organização e uma rotatividade na participação, sempre é buscado que estejam nessas funções pessoas que possuam envolvimento com a área, até para que possam instruir e orientar os militantes que se envolvem em tais tarefas.

Portanto, é característico perceber no movimento, que as fotografias possuem majoritariamente, autoria de estudantes da área de comunicação e/ou fotógrafos independentes. A performance que aqui discuto, tenta se colocar em duas partes: o convite e a propagação através dos registros e das redes sociais.

O sentimento místico através dos atos presenciais, e minha tentativa aqui de transpassar o sentimento através das fotografias. Mas como já descrito, esses momentos possuem outros atores não humanos, o papel social dos objetos, dos símbolos e enfeites, emergem sentidos que juntos produzem essa performance.

Figura 5 – Desenhando Daiane Araújo



Fonte: minha autoria, baseado na foto de Janine Medeiros (2021)

O militante pode ser visto como um ator-rede, como visto em meu desenho na figura 5, a militante Daiane Araújo. A blusa do Levante na versão de cor branca, turbante no cabelo, punho erguido levantando a bandeira, que em azul, simboliza a UNE. Para ir a um ato, não se escolhe qualquer roupa, o militante escolhe a que mais representa aquele momento. Se tem uma blusa do movimento ou se não, busca outros elementos, a cor, alguma frase ou estampa. Se ele tem um boné guardado, que tem a ver com o movimento, com aquela pauta, ele vai usar naquele dia.

Se tem um lenço que tem alguma simbologia, ele vai tentar usar naquele dia, como podemos ver na figura 6, o lenço do MST, em versão de arco-íris, simbolizando a luta LGBT no movimento. Podemos perceber uma vasta opções de adereços hoje em dia, desde botons até bolsas, e ir até mais a fundo, podemos pensar no cabelo da militância, no estilo da maquiagem, no estilo da roupa.

Figura 6 – Militante com lenço colorido do MST



Fonte: Liége e Alves (2021)

Certa vez em um ato de rua, uma amiga próxima me disse em tom de brincadeira: "para entrar no levante, a menina tem que ter o cabelo curto", quando eu olhei para frente e percebi que ela falou isso pois estava vendo a batucada, composta majoritariamente por mulheres naquele momento, que possuíam o cabelo curto. Não vou entrar numa discussão acerca do padrão de capilaridade condicionado ao gênero feminino, mas é de entendimento na sociedade que há padrões de beleza femininos e masculinos, como o do cabelo grande destinado a imagem da mulher.

Oliveira (2019) ao descrever suas primeiras impressões ao ir em um acampamento nacional do Levante, diz:

Eu vi jovens de todas as cores, preto, branco, pardo, amarelo, caboclo, indígena; de todas as orientações sexuais, homo, hetero, bissexuais; de todos os lugares, sertão, cidade, do norte, sul, nordeste, sudeste, centro-oeste. Vi jovens de muitos sotaques; jovens altos, baixos, magros, gordos, estilosos, hippies, deslocados; eu vi jovens coloridos, de cabelos coloridos, vermelho, azul, preto e amarelo, cabelos longos, curtos, sem cabelo. De cabelo liso, cacheado (OLIVEIRA, 2019, p. 36).

É possível fazer uma reflexão acerca dos espaços que encontramos a maior diferença de um padrão, é importante para pensar a representação, a mensagem que essa imagem passa. Há outras nuances, como outra especificação de padrão de cabelo, o liso. E podemos perceber uma maior pluralidade de imagens, como os cabelos crespos e cacheados, os cabelos coloridos, descoloridos, usados com maior liberdade. Assim, essa observação se faz importante para evidenciar um dos discursos do Levante, o da diversidade, e que imagem de juventude o movimento passa.

Figura 7 – Batucada do Levante Popular da Juventude



Fonte: Liége (2021)

Roland Barthes (1990) estuda o uso da fotografia em circulação nos meios de comunicação de massa, contemplando a interação entre texto verbal e a fotografia, ele estabelece três aspectos de significação: 1) as mensagens verbais, 2) denotativa e 3) conotativa. O aspecto número 1, de mensagens verbais, contempla o tipo de imagem mais comum aos movimentos sociais, como explica Soares e Ferreira (2017):

[...] temos os elementos linguísticos, que podem ser de dois tipos: internos à imagem (uma faixa trazendo palavras de ordem em uma fotografia de manifestantes grevista ou o nome da marca de um produto em uma fotografia publicitária, por exemplo) ou externos à fotografia (legenda, manchete ou o próprio artigo, no caso de fotojornalismo; título, corpo de texto ou slogan, no caso da publicidade) (BARTHES, 1990, p. 180).

As fotografias do Levante em dia de ato, trazem múltiplas linguagens, verbais e não verbais: ao mesmo tempo que podemos perceber mensagens na linguagem corporal, artística, performática, também podemos vê-la explícita em cartazes. O cartaz é um dos elementos históricos de recurso do AgitProp, sendo uma característica dos atos de rua, ele traz de maneira mais direta o discurso daquele movimento. Barthes (1990) indica que a imagem imediatamente passa uma primeira mensagem, salienta que essa primeira mensagem possui elementos linguísticos, como legendas, frases e letreros.

Figura 8 – Ato pela descriminalização do aborto



Fonte: Cavalcante (2020)

Na figura 8, podemos perceber o assunto pautado no protesto fotografado. Nos dois cartazes há frases que falam sobre a realização de abortos no Brasil, interessante salientar que são dados estatísticos escritos. Além dos cartazes, há uma caracterização que enfatiza a mensagem: às mulheres pintadas com tinta vermelha, em alusão a manchas de sangue.

Essa foto de 28 setembro de 2020, retrata o ato em alusão à data que marca o dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização e Legalização do Aborto, tido por movimentos sociais como dia de luta em defesa da vida das mulheres, e traz uma das pautas do movimento feminista, a descriminalização e legalização do aborto, que por ser feito de forma clandestina, coloca em risco de morte pessoas que engravidam.

Nesse protesto houve a presença de performances visuais que uniam o verbal e o não-verbal. No Teatro do Oprimido, há a categoria “teatro-imagem”, quando o aspecto teatral não possui fala verbal, mas a fala visual, podendo conter escritos, é o caso do que foi realizado neste

ato. Na figura 9 visualizamos uma mulher no chão, como se estivesse desacordada e manchada de sangue, com mãos vermelhas na região da boca, simbolizando que foi silenciada de forma violenta, e ao redor, cartazes com frases sobre o aborto.

Figura 9 – Performance no ato pela descriminalização do aborto



Fonte: Cavalcante (2020)

Essa cena é congelada e enfatizada pela fotografia, que captou o momento e divulgou a mensagem na rede social. Zumthor (2010) aponta a mídia como instrumento de auxílio em uma tentativa de reiterabilidade da performance, mesmo que não seja capaz de transmitir por completo o momento, ela eterniza o registro.

Os símbolos e as performances já foram pontuados aqui como corriqueiras ferramentas utilizadas para o AgitProp do Levante. A mensagem do movimento é sempre procurada a ser passada em várias linguagens e, além da transmissão, o engajamento. Se faz exemplo as fotografias abaixo de um protesto no período da pandemia, em reivindicação por melhores medidas a serem tomadas pelo governo Bolsonaro.

Figura 10 – Pau de fita e batucada no #19J



Fonte: Liége (2021)

Figura 11 – Frases no pau de fita no ato do #19J



Fonte: Liége (2021)

Nas figuras 10 e 11, há a presença da batucada, atrás tem cartazes com frases sobre a fome e as mortes durante a pandemia, militantes usando máscaras e apetrechos de proteção ao vírus, mas há também um elemento visual que compõe o contexto do protesto: símbolos juninos.

Em maior centralidade, vemos o “pau de fita”, no qual, na imagem, sou eu o segurando. O pau de fita é uma dança folclórica, bastante comum na época de São João, ele foi utilizado no protesto com suas fitas contendo frases de efeito, em alusão ao período que foi realizado o ato, em 19 de junho de 2021 - chamado de #19J - mês que é celebrado as festividades de São João, e a importância desse período para história, cultura e economia da cidade de Campina Grande/PB, onde foi realizado o ato desse registro.

Considerada uma cidade símbolo para o São João, por ser famosa pelas festividades juninas que duram cerca de 30 dias de forma gratuita, os moradores campinenses sentiram muito o impacto da ausência da comemoração anual de São João em dois anos consecutivos de pandemia, seja no comércio local, seja no campo afetivo cultural.

Mas, o uso desse símbolo e de outros símbolos juninos presentes, como as bandeirolas, os tecidos de chita e os coloridos juninos, evidenciam a mensagem do movimento que interliga o impacto da pandemia na cidade e a insatisfação com as medidas que não foram tomadas pelo governo Bolsonaro, como o negacionismo a ciência, o atraso de vacinas e a má gestão de crise. Além disso, analiso como uma estratégia de engajamento pelo campo afetivo da recordação e do pertencimento, cultural e econômico.

Nos registros dos atos de protesto na pandemia, houve muita utilização de performances visuais, como mostra na figura 12, com o apelo às imagens das pessoas que morreram em decorrência da Covid-19. A chamada “intervenção memorial” ganhou bastante evidência nas redes sociais, e durante o ato de rua, houve muita aderência das pessoas indo segurar as imagens.

Figura 12 – "Intervenção memorial"



Fonte: Moura (2021)

Tanto as imagens das pessoas que faleceram do Covid-19 como a da mulher que simboliza uma morte causada por um aborto clandestino, podem ser relacionadas com a noção da Butler (2015), que vida precária se concebe numa visão pública, através da performatividade, o ato que faz o corpo aparecer.

Muito utilizada para representar o discurso contra Bolsonaro e as polêmicas do seu governo, a satirização foi bastante utilizada nas performances em protestos, como a denúncia envolvendo propina de uma dose de vacina por US\$ 1 dólar²⁴ e a fala do presidente em questionar a vacina e não se responsabilizar pela garantia da aplicação, ao dizer “se você virar um jacaré, é problema seu”²⁵, contribuindo para o negacionismo da ciência.

²⁴ Mais informações: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57683689>.

²⁵ Frase falada pelo presidente Bolsonaro. Para saber mais, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>.

Figura 13 – Sátira de Bolsonaro no ato #24J



Fonte: Pradan e Alves (2021)

Na figura 13, no ato de 24 de julho de 2021 (#24J), o militante incorporando Bolsonaro está cheio de dinheiro nos bolsos, sua faixa presidencial está com manchas vermelhas, simbolizando o sangue da população que morreu por Covid-19, e na intervenção ele é atacado por duas armas, que simbolizam a educação através de um lápis e a vacina através de uma seringa.

Para Freire (2004), não se pode ler passivamente uma sátira, ela carregaria sempre a presunção de uma visão crítica, segundo Bosi (1977), apenas visualizando o contexto “pode explicitar se a sátira é de viés conservador/nostálgico ou se é um sonho do que ainda pode acontecer e, nesse último caso, tornar-se revolucionária” (BOSI, 1977, p. 161).

Fica evidente que o discurso a ser passado é de propagar uma mensagem de que os meios para se contrapor ao governo Bolsonaro é lutando por vacina e educação, dois elementos bastante atacados durante seu governo. Como dito anteriormente, essa performance engloba a campanha “Vida, Pão, Vacina e Educação”, ela foi colocada em prática em diversas formas, desde a forma sonora que já foi apresentado aqui, como nas formas visuais e midiáticas.

Figura 15 – Projeção na fachada do Prédio da Dataprev



Fonte: Liége (2021)

Figura 14 – Muralismo em Campina Grande/PB



Fonte: Liége (2021)

Figura 16 – Lambe-lambe em João Pessoa



Fonte: Moura (2021)

Na figura 13, vemos a projeção da campanha em um prédio na região da Lagoa, em João Pessoa/PB, as projeções como forma de manifestação ganharam muita visibilidade durante a pandemia, por ser uma forma de protestar, sem sair de casa, somada também aos painéis²⁶. Nas figuras 14 e 15, vemos a utilização do muralismo na cidade de Campina Grande/PB e a colagem de lambes em João Pessoa/PB, respectivamente. Essas formas de propagação são historicamente utilizadas como forma de protesto.

Oliveira (2019) coloca que essas formas de propagação são um dos eixos formativos do movimento, estão relacionados a “articulação entre a teoria e a prática, que nesses espaços se expressa no próprio fazer, no aprender a confeccionar o material da agitação e propaganda, nos cartazes, muralismo, grafite entre outras que servem para as intervenções de rua/atos” (OLIVEIRA, 2019, p. 179).

Gostaria de pontuar aqui algo que acho importante, voltando a figura 13, a militante vestida de Bolsonaro sou eu. A percepção do militante na intervenção, e neste caso, a militante também pesquisadora, pois não tenho como ser sujeita dupla, eu coexisto nessas duas esferas do mesmo objeto aqui discutido. Essa intervenção vestida de Bolsonaro, me fez perceber a relação com as pessoas na rua de forma diferente, mas intensa.

Primeiro, me senti no teatro, encarnei uma encenação, gargalhava alto, sacudia o dinheiro para demonstrar deboche. Naquele momento, não era eu, era o Bolsonaro e seus

²⁶ Forma de protesto batendo utensílios de cozinha como caçarolas, panelas, frigideiras.

problemas explícitos, então as pessoas passavam e o xingavam, pediam para tirar foto, brincavam de simular agressões, e eu por muitas vezes, realmente fiquei com medo de ser agredida, não por quem concorda com a sátira, mas por quem o apoia.

Durante qualquer ato, já ficava bem receosa de acontecer alguma coisa contra os militantes. Uma vez em 2021, Campina Grande/PB, um carro que não respeitou o tempo de ficar parado esperando, avançou no meio dos militantes, felizmente não atingiu ninguém pois ele passou em meio a um vácuo entre um grupo e outro de pessoas, mas, uma menina gritou e tentou bater no carro enquanto ele passava. Esse carro parou, o motorista desceu, era um policial fardado, muito enfurecido gritando com a jovem, gelei, meus companheiros gelaram, e a menina não recuava, respondia ele na altura da voz, tudo acabou quando uma passageira desse carro desce, provavelmente esposa do Policial, e o convence a parar com aquilo e ir embora.

Sempre é orientado aos militantes do Levante que “militante bom, é militante vivo”, isso permeia a forma como se entende a responsabilidade do movimento com sua militância, em tentar, dentro do possível, cuidar uns dos outros, para que não nos coloquemos em perigo, tentar sempre uma redução de danos em situações não muito seguras.

Mas aquela moça da discussão com o policial do carro, não era militante organizada, não sabe-se como ela pensava em relação a situação. Então, um ato abrange muitas questões, pois não estamos apenas com quem é organizado, mas com pessoas diversas, que por vezes é a primeira vez que participam. Emergem situações que nem sempre estamos preparados para saber como mediar, interferir.

Para finalizar esse ponto, com as músicas e imagens expostas aqui, percebe-se que se expressando em diferentes formas textuais, a teoria e a prática no Levante caminham simultaneamente, gerando o sentido da práxis Freireana (FREIRE, 2013) que o movimento se baseia.

A performance militante do Levante envolve um conjunto de estratégias pedagógicas, Oliveira (2019) coloca que seria uma “pedagogia da sedução”, caracterizada:

[...] por um jogo performativo que envolve o corpo, músicas, a batucada, a teatralidade, danças, símbolos, indumentárias que dramatizam as cenas juvenis nos espaços públicos, recobertos pela mística, pelas memórias de tantos outros lutadores/ancestrais e pelos ritos de passagens entre a condição juvenil e a construção do ser jovem militante (OLIVEIRA, 2019, p. 217).

Ao discorrer sobre os sentidos produzidos por essa pedagogia da sedução, a autora coloca que são nas práticas culturais que ela ganha significado. A cultura política juvenil construída no Levante se revela como “espaço em que os sonhos e os desejos pessoais dos

jovens se conectam com suas lutas e ganham força no coletivo, porque o desejo de mudança é uma construção coletiva, em conjunto” (OLIVEIRA, 2019, p. 40).

Ao possuir este espaço, os jovens expressam esses sentidos nas técnicas de comunicação e linguagem, para a autora (OLIVEIRA, 2019) o processo de sedução que emerge nas práticas artísticas e cultural do movimento consegue o objetivo de “atrair, convencer e despertar o interesse dos/das jovens para a cena política juvenil” (p. 31).

E aqui, ponto que esse processo sedutor, não produz apenas para fora, mas para dentro também, ao passo que o objetivo é atrair jovens alheios ao movimento, ele constrói simultaneamente um processo educacional em seus militantes (ARAÚJO, 2019).

Bianca Araújo, comunicóloga e militante do Levante na Paraíba, autora de boa parte das fotografias utilizadas nesta pesquisa, coloca que o movimento possui filosofias, metodologias e práticas educacionais. Pois, incorpora características essenciais a educação como “planejamento participativo e a gestão comunitária dos processos e mídias” (ALMEIDA, 2016, p. 32).

3.4 NAS REDES COM O LEVANTE: “SALVA, CURTE, COMENTA E COMPARTILHA!”

Em 2019, Jaiane Oliveira, em sua tese de doutorado, ao pesquisar as formas organizacionais do Levante, menciona que das redes sociais mais utilizadas, a principal era o *Facebook*²⁷ para “compartilhar seus eventos, atividades, convocar os/as jovens para os atos e realizar denúncia” (OLIVEIRA, 2019, p. 82).

Em 2022, realizando essa pesquisa, evidencia-se que o movimento não só continua com esse objetivo comunicativo nas redes sociais, como ampliou suas técnicas e estratégias nos usos das redes sociais, mas o *Instagram* se revela como rede social principal. Acompanhando a mudança que se tem com o passar dos anos no Brasil, com o aumento no uso do *Instagram* e o público do *Facebook* sendo concentrado em pessoas mais velhas.

No tópico anterior, expus imagens expostas na página do *Instagram* do movimento, discorri estratégias visuais e sonoras do Levante, evidenciou que as fotografias se configuram como ferramenta do AgitProp, no objetivo de propagação e engajamento, e para isso, as redes sociais se mostram como principal veículo de transmissão, mas, adendo, que não somente veículo, mas também criadora de uma experiência e cultura própria.

Segundo Ferreira (2017):

²⁷ Facebook é uma rede social de compartilhamento do cotidiano

As experiências sociais e os símbolos culturais que modelam as vidas e as identidades juvenis contemporâneas não são apenas mediados pela palavra, em conversas presenciais, face a face. Essas experiências e símbolos são também, hoje mais do que nunca, compartilhados através de imagens e em meios sociais de grande amplitude, como o ciberespaço (FERREIRA, 2017, p. 22).

Oliveira (2019) coloca que não é possível pesquisar juventudes e não se ater ao papel das redes sociais na cultura juvenil. Ela enxerga que as redes para o Levante, são não apenas uma possibilidade de conexão, mas de manutenção do movimento, porque se revelam como um meio de “narratividade, expressividade e liberdade juvenil”.

Escrever sobre movimentos sociais em meio às restrições da pandemia do novo coronavírus entre 2020 e 2022 foi desafiador, no sentido de pensar e refletir sobre os desafios enfrentados e as estratégias usadas por esse setor no período de isolamento social. A suspensão das atividades acadêmicas presenciais, como uma das medidas adotadas durante o período, retirou o campo da instituição de ensino como *locus* de mobilização presencial, e consequentemente, a possibilidade de uma atuação mais próxima junto ao corpo estudantil.

Nesse contexto, os movimentos sociais, que historicamente utilizam a rua como palco de reivindicação, adaptam suas estratégias para os espaços virtuais. Devido a isso, trago um apanhado de discussões fruto de um ensaio teórico/reflexivo proveniente de pesquisas que realizei sobre os movimentos sociais (DIAS; MENDES, 2021). Ao mesmo tempo em que os movimentos estudantis se adaptam a novas atuações, propus a abordar os aspectos socioantropológicos a respeito das estratégias empregadas por esse setor em período de isolamento.

3.4.1 O ato virtual #adiaenem

A necessidade de aproximação com as bases e o estreitamento do contato com a população sempre foram questões que regem os alicerces dos movimentos sociais. Com o período atípico que enfrentamos, algumas mudanças foram impostas no uso de estratégias para o alcance dessa necessidade.

Partindo dessa questão, o processo de analisar a mobilização e engajamento de movimentos sociais deixaram de protagonizar apenas as ruas, os locais públicos e as chamadas presenciais, não limitando-se a analisar os sujeitos políticos apenas na relação classe-partido-Estado, para agregar e dar visibilidade aos movimentos populares que emergem em outros setores da sociedade, ocorrendo nos bairros, e nas reivindicações por moradia, na realidade estudantil e agora, na disputa do campo virtual.

Os ciclos dos movimentos estudantis são reorganizados de acordo com as distinções geracionais de cada época, atuando diretamente nas formas de organização, meios de ação e estratégias utilizadas. As manifestações de julho de 2013 no Brasil sinalizaram para importância que a *internet* está desempenhando na contemporaneidade, principalmente, por ser um novo caminho para participação popular na política dos jovens. Nesse sentido, Castells (2017) afirma que a *internet* passa por uma transformação, deixando de ser apenas um instrumento, e passa a incorporar o cenário político de maneira central, afetando o próprio jogo político.

O *ciberativismo* propõe uma mudança no senso de percepção em relação aos espaços virtuais, transformando-o em um espaço de luta e resistência. Os canais históricos de luta, como a rua, são reintroduzidos para os espaços virtuais com a emergência de novas estratégias e atores nesses contextos. Inaugurando um momento na história dos movimentos sociais brasileiros atravessados pelos aspectos físico e virtual. Por isso, *ciberespaços* como meio de organização são marcas fundamentais dos movimentos sociais contemporâneos.

A UNE marca a organização do movimento estudantil com sua criação em 1938 e atua como papel fundamental nas ações de movimentos sociais brasileiros nas lutas históricas em prol da educação. Mais recentemente, em 2019, a entidade encabeçou uma sequência de atos de rua contra algumas medidas tomadas no governo Bolsonaro, como o corte orçamentário de 30% nas instituições federais de ensino superior do país, chamada de “Tsunami da Educação”. Essa campanha já contava com o uso das *hashtags*²⁸ para nomear e chamar atenção para os dias de ação, #15M (15 de maio) #30M (30 de maio) #13A (13 de agosto).

Ainda nesse contexto, com as aulas presenciais suspensas e a carência de acessibilidade a alguns meios virtuais por parte da população menos favorecida de recursos, o Ministério da Educação deu início as inscrições do Enem²⁹ edição 2020, sem o debate sobre o adiamento da prova. Esse cenário fez com que a UNE aderisse à utilização dos atos virtuais como forma de resistência, dentre elas, a promoção do ato virtual no dia 15 de Maio de 2020, em menção há um ano do ato de rua #15M realizado nacionalmente.

Com a *hashtag* #AdiaEnem, a UNE convocou outras entidades estudantis e movimentos sociais a participarem de um *twittaço*³⁰, o que levou o assunto aos *trending topics*³¹ do *Twitter*. Usando como meio de divulgação e mobilização para essa data, a entidade vem se utilizando

²⁸ A *hashtag* é caracterizada pelo símbolo “#” e um termo posterior, o uso dessa ferramenta possibilita que as publicações em redes sociais que usem uma mesma *hashtag* possam ser mais facilmente encontradas.

²⁹ Exame Nacional do Ensino Médio.

³⁰ Termo dado às manifestações ocorridas dentro da rede social *Twitter* com a utilização da *hashtags* como marcador do tópico.

³¹ Termo em inglês que se refere aos tópicos que estão em tendência no *Twitter*.

da rede social *Instagram*, onde as pessoas que aderiram a esse ato, produziam conteúdo em forma de *posts* em seus perfis virtuais, com fotos pessoais segurando uma plaquinha escrita #AdiaEnem e *cards* de divulgação elaborados pela campanha.

Partindo de dentro de um movimento social que compõe a UNE, com a participação direta na mobilização do ato de rua do #15M em 2019, e no ato virtual #AdiaEnem, por meio do movimento Levante Popular da Juventude na Paraíba, percebe-se as mudanças estratégicas tomadas para que a juventude engajada nesse movimento aderisse ao ato e não se dispersasse.

Na ausência da mobilização presencial, o Levante conseguiu adaptar-se ao campo virtual, utilizando-se de Núcleos de Base³² intercalados por horários – onde os militantes participavam de acordo com sua disponibilidade de horário – cada um de sua casa, mas conectados via redes sociais de comunicação, unificando sua militância para a participação no ato virtual de 15 de maio.

Com o #AdiaEnem no topo dos assuntos mais comentados do *twitter*, o resultado entre os participantes do ato virtual se assemelha às mobilizações de rua, ao perceber que a mobilização surtiu efeitos positivos tendo em vista que o engajamento promoveu uma sensação de participação coletiva, algo chamado pelo movimento de “em casa, mas em movimento”. Sensação intensificada com a divulgação da nota do Ministério da Educação, dias após ao ato virtual, decidindo adiar o Enem 2020, atendendo as manifestações da sociedade e do Poder Legislativo.

Partindo de caminhos que compõe em sua base movimentos da Via Campesina, como o MST, o Levante carrega em sua poética de luta a disputa de mentes e corações, adotada nesse período de pandemia através do projeto “Articulação de Redes” em conjunto com outros movimentos do mesmo campo.

Dentro do vasto setor dos movimentos sociais, muitos têm recorrido à utilização das *lives*³³ como ferramenta de promoção de conteúdo. A comunicação através dos eventos presenciais como mesas redondas, debates e palestras, intensificaram a exposição através do campo virtual. O que se percebeu é que esse campo se tornou o principal meio de disputa durante o isolamento social – dentre tantos outros perfis virtuais que se aglomeram em transmissões ao vivo – ele exerce uma centralidade, e não mais apenas uma das variadas ferramentas utilizadas para propagação.

Um fato se mostra evidente: a juventude ao usar as redes para uma posição de crítica às medidas impostas pelo Governo, transforma o *ciberespaço* em um espaço de debate. Segundo

³² Método Josué de Castro de organização de núcleos de participação utilizado pelo Movimento Sem Terra.

³³ Termo em inglês que significa, no contexto digital, "ao vivo".

Santos e Unger (2017) faz-se a utilização das *hashtags* para denúncia no contexto da atmosfera indireta, que é própria das redes e que também as extrapola, enriquecendo a produção e trocas de saberes realizadas nesses e além deles. Para Silveira (2013), o *ciberespaço* possibilita que um sujeito conectado, nesse caso, a juventude, conte a própria história. O ambiente virtual faz-se propício para o compartilhamento das narrativas na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRILHANDO CAMINHOS DIFÍCEIS, MAS ESPERANÇOSOS

*“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;
 porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
 E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
 Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,
 esperançar é construir, esperançar é não desistir!
 Esperançar é levar adiante,
 esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.”*
 (PAULO FREIRE)

Gostaria de começar estas considerações finais apontando alguns elementos importantes que me atravessaram, e consequentemente atravessaram esta pesquisa: a pandemia do Covid-19 e o meu deslocamento de categoria social.

Quando comecei o mestrado ainda não havia a pandemia da Covid-19, saí de minha cidade Cabedelo/PB, onde residia desde criança com minha família, para morar em Campina Grande/PB e poder fazer o mestrado em Ciências Sociais na UFCG, que era cursado presencialmente.

Estou apontando isso, pois quando passei para o mestrado no PPGCS/UFCG, não havia pandemia. E, após duas semanas que começaram as aulas presenciais, chegou a pandemia no Brasil, e as restrições com o isolamento social, minhas aulas passaram a acontecer remotamente e eu já não tinha mais como desfazer a mudança e voltar para minha cidade, isto me afetou psicologicamente, mas felizmente consegui encontrar outros caminhos.

Começo com este relato, pois foi desde esses acontecimentos que as afetações na minha pesquisa aconteceram, para além das afetações psíquicas-sociais que afetaram e ainda afetam a população acerca da pandemia do Covid-19, eu tinha um projeto de pesquisa para ser posto em prática, e com a necessidade do isolamento social, não seria possível executá-lo daquela forma.

Neste projeto eu continuaria com meu objeto de pesquisa que tinha como alvo e já vinha produzindo pesquisas desde a graduação, que é a temática do Teatro do Oprimido, Juventude e Movimentos Sociais. Fiquei na espera de uma melhora da pandemia, um possível fim do isolamento, mas ao decorrer de 2020 e início de 2021, não aconteceu. Então, chegando mais ou menos a metade de 2021 começaram os atos e protestos de Movimentos Sociais de volta à rua e eu vi naqueles acontecimentos, um bom campo de pesquisa.

Nesta pesquisa, entendo a performance como estratégia política de luta dos movimentos sociais contemporâneos, resgatando o papel histórico da rua como espaço de ocupação e visibilidade de reivindicações. Para isso, fiz um recorte no Levante Popular da Juventude na

Paraíba, focando na atuação do movimento em Campina Grande/PB, coletando informações em seus canais de comunicação.

Essa dissertação é resultado de uma turma de alunos acometida pela pandemia, a primeira a ser cursada totalmente em formato remoto pelo PPGCS/UFCG, o que nos trouxe muitas dificuldades de adaptação e aprendizagem.

Mas, ao ser representante discente do mestrado no colegiado do programa durante 2020 e 2021, organizei atividades remotas para os discentes. Com essas atividades percebi como as redes sociais se tornaram, na pandemia, a única forma de sociabilidade, mas também uma possibilidade de produção de conhecimento.

Por isso, ao estar realizando esta pesquisa, foi-me imposto pelo contexto, a necessidade de me atentar para o uso das redes virtuais nos movimentos sociais. Assim, trouxe neste trabalho, um ensaio teórico-reflexivo acerca da forma de organização militante nas redes sociais, e no último capítulo, descrevo especificamente, o ato virtual #AdiaEnem.

Outro fator a ser pontuado é a minha mudança de categoria social. Em 2022, assumi um novo papel social: o de professora de ensino médio. E de repente, eu que pesquiso juventudes, e me entendia nessa categoria social, me deparei com em torno de 500 jovens sendo meus alunos.

Caiu no meu colo a realidade educacional de uma escola pública do sertão nordestino, com os problemas que já existiam, e agora aprofundados pela pandemia do Covid-19. Assim, compreendi como aponta Oliveira (2019) que “os papéis sociais também demarcam nossa condição, ainda que tenhamos a mesma faixa etária que outros sujeitos de nosso entorno” (p. 18).

Ao me deparar com essa realidade - que não me era desconhecida, mas eu ocupava outro papel dentro dela - e refletir sobre isso com o que foi exposto nesta pesquisa, considero que: a educação é uma das principais pautas que se evidenciam no AgitProp da juventude levantina, mas, não qualquer tipo de educação, pois a realidade educacional se configura também como uma das reivindicações de mudança.

Pensando nos movimentos sociais, através das juventudes subalternizadas, se faz necessário salientar a busca dos jovens por espaços de fala e aparição, como um processo de rompimento com a forma tradicional de educação. No movimento que o Levante faz, vindo do campo para disputar a zona urbana, percebe-se que dentro das pautas presentes em seu discurso, há uma bandeira de luta que marca seu começo e que atravessa as outras pautas ao longo dos anos: o acesso à educação cidadã.

Jovens subalternizados que se engajam politicamente encontram na performance militante um espaço de "fala", em contrapartida aos espaços que os calam. Portanto, fica-me evidente que as experiências vividas por esses jovens, configuram os movimentos sociais enquanto construtores de uma educação para o não silenciamento.

O conceito de movimentos sociais, como campo de estudos para as Ciências Sociais, se tornou mecanismo para compreender os indivíduos através das relações sociais que o compõem. Nas disparidades entre os grupos e seus conflitos, se faz importante investigar as razões pelas quais os indivíduos e os grupos tentam quebrar as regras normativas de funcionamento das sociedades, ou quando criam movimentos para questionar a legitimidade dessas mesmas regras (GOHN, 2011).

Segundo Souza (2004) para poder formular uma reflexão sobre a sociedade atual se faz importante abordar a juventude em seu cotidiano, “se a sociedade contemporânea gera demandas amplas e complexas, não oferece os meios para a inserção dos jovens, que fazem, das práticas culturais, formas de expressão, convivência e, por que não, bandeiras de lutas” (SOUZA, 2004, p. 47).

Ao discutir juventudes nesta pesquisa, apresenta-se que aos corpos jovens são condicionadas diferentes formas de expectativas e comportamentos, enquanto se espera o vigor como um elemento de um corpo jovem, é também imposto sobre estes corpos o dever da obediência, de uma educação bancária (FREIRE, 1996).

Sob a regência da nossa estrutura escolar tradicional, e sob o teto da sociedade patriarcal, as juventudes perpassam momentos de sociabilidade e aprendizagem que caracterizam suas formas de como ser/ver/pensar/estar no mundo, sobre outros e sobre si mesmo.

É analisando essas formas de ser/ver/pensar/estar no mundo através do AgitProp no Levante/PB que compreendo os movimentos sociais como facilitadores de um espaço de “fala” de uma juventude subalternizada. Como podemos perceber essas "falas"? através da performance militante, no discurso das músicas e das imagens que a expressam.

Uma educação para o não silenciamento: movimentos sociais enquanto espaço de “fala” de uma juventude subalternizada

Para pensar as motivações que permeiam essa bandeira de luta, proponho nestas considerações finais, abrir caminhos para uma discussão pertinente: há diversas formas de condicionamentos das juventudes brasileiras, uma das formas que a juventude subalternizada na sociedade capitalista está condicionada, são às dificuldades de acesso a recursos que propiciem uma educação cidadã garantida pelo Estado.

A escola se constitui enquanto espaço de socialização de jovens, mas a natureza da função social da escola, executada a partir do estado nacional desde o final dos anos 80, estabeleceu o paradigma da escola como “fator de redução dos riscos sociais”, alijando a escola de seu papel essencial de *locus* de processos de socialização cultural (ALGEBAILLE, 2009).

Emerge como paisagem expressiva do modelo contemporâneo vigente na educação pública brasileira, um conflituoso universo de violência, autoritarismos, preconceitos, bullyings, dentre outros ruidosos problemas gerados por um espaço que tenta muito mais controlar do que libertar.

Bento (2011) ao argumentar sobre o papel da escola como um espaço que reproduz, historicamente, a naturalização de relações sociais hegemônicas, atenta-se a lembrar que “a escola não é uma ilha” (BENTO, 2011) e, nesse sentido, reflete que dentro dos muros da sala de aula e no processo de ensino-aprendizagem os preconceitos da sociedade em geral são reproduzidos.

A falta de debate e de diálogo na escola sobre os conflitos provenientes da diversidade, alinhada à ausência de espaços que contribuam para percepção dos estudantes sobre seus direitos, faz com que essa instituição se apresenta como incapaz para “[...] lidar com a diferença e a pluralidade” (BENTO, 2011, p. 555).

É possível compreender que, a falta de acesso a uma educação que pautar a construção de uma sociedade em que os jovens sejam valorizados, como seres humanos em sua plenitude, e a aprendizagem ocorra de fato de maneira significativa - diferentemente de uma educação tão somente abstrata que discorre sobre sujeitos neutros e apolíticos - pode produzir um silenciamento político das juventudes.

O que por outro lado, os jovens, ao reconhecer essa condição, poderiam produzir práticas de resistência, o antropólogo Pereira et. al. (2014, p. 2) afirma que:

Os jovens têm um anseio muito grande por visibilidade e expressão. Infere-se que as dificuldades da juventude subalterna em obter visibilidade na sociedade capitalista contemporânea contribuem na busca por estratégias para conquistarem o pertencimento social que tanto almejam, configurando assim suas identidades.

Debater um problema para além da informação, contextualizá-lo e problematizá-lo, passar a tratá-lo como algo que faz parte daquele espaço, que emerge naquelas relações, que se configura enquanto prática juvenil. A partir de uma situação, pensar “como agir?” e, a partir desse incômodo, provocar uma reação.

Segundo Cunha e Rower (2014), ao provocar a desestabilização do papel do sujeito e a rearticulação de uma reflexão acerca de sua posição, o estranhamento e a desnaturalização se

configuram enquanto atos pedagógicos, visando uma ampliação da concepção de mundo e expandindo horizontes sobre si mesmo nas relações sociais.

Um outro aspecto da educação é importante ser destacado, a educação enquanto campo de estudo da antropologia, e aqui, volto a Lave (2015) e sua contribuição à antropologia da educação e da antropologia sociocultural em geral, quando apresenta aprendizagem como processo intrínseco à produção cultural, apontando que “as coisas são constituídas por, e constituídas como, as suas relações; e assim, produção cultural é aprendizagem que é produção cultural” (p.40).

Lave (2015) nos questiona a pensar como compreender cultura e aprendizagem como instâncias produtoras delas próprias na prática, ao dizer que ao passo que muito sabemos o que as pessoas sabem, pouco sabemos como elas aprendem, a aprendizagem estaria diretamente relacionada às coerências e incoerências da vida cotidiana, e o aprender por meio do fazer, seria uma aprendizagem como parte das práticas sociais.

A resposta não poderá ser como indivíduos engajados em atividades mentais adquirem cultura, ou como a cultura é transmitida aos indivíduos. Ao contrário, as mudanças nas práticas são processos culturais, coletivos, pessoais, situados e historicamente constituídos. Ana Gomes et al. (2012) expressaram esse deslocamento de ponto de vista quando argumentam que, enquanto nós sabemos com certeza o que as pessoas aprendem, sabemos muito pouco sobre como elas aprendem (LAVE, 2015, p. 3).

Nesta perspectiva teórica de Lave (2015), Wenger-Trayner et al (2015) compreende a aprendizagem para além de adquirir conhecimentos, mas como um processo que torna uma pessoa “que habita dentro do cenário com uma identidade cuja construção dinâmica reflete sobre nossas trajetórias naquele cenário” (WEGNER-TRAYNER, 2015, p. 19). Assim, a aprendizagem é um entendimento social, histórico-cultural de “identificação e des-identificação”, assim, o que se aprende é também corporificado (LAVE, 2015).

Desenvolvi pesquisas acerca do movimento de ocupação das escolas públicas em 2016, e ao fazer um recorte sobre o conteúdo mobilizado pelos estudantes ocupantes, evidenciou-se o cunho transgressor ao currículo da educação básica tradicional, que o movimento possuiu (DIAS; MENDES, 2021), como também a promoção de uma aprendizagem na prática.

Para Boutin e Flach (2017) os aprendizados construídos nas vivências em movimento sociais “promovem experiências que ultrapassam os currículos escolares, pois nascem da conscientização dos sujeitos sobre a urgência em superar o capitalismo e as desigualdades nele presentes” (BOUTIN; FLACH, 2017, p. 437). Evidenciando sobre o cunho educativo que possui o movimento estudantil para a formação em diversos aspectos sociais da juventude, com

propósitos de uma educação para a emancipação humana, objetivando a transformação da realidade, conforme Boutin e Flash:

É dessa forma que uma proposta de educação que pretenda romper com a lógica vigente se faz urgente no atual contexto e é nesse sentido que os movimentos sociais surgem como alternativas que além de contribuírem para a o atendimento das demandas coletivas também são meios que agregam em si potencialidades educativas. Com base nessa perspectiva e de posse do entendimento de que o pressuposto fundamental para uma formação que contribua para a emancipação humana é a aquisição da consciência sobre as contradições que permeiam o funcionamento e a estrutura da sociedade capitalista, ressaltamos as contribuições do movimento de ocupação das escolas públicas (BOUTIN; FLACH, 2017, p. 441).

Na introdução desta dissertação, apresento que aproximação com a temática específica desta pesquisa, deriva de minha trajetória pessoal e formação escolar com a prática de T.O. enquanto uma metodologia muito usada como AgitProp, e carrega em si o sentido místico em grupos, ações, organizações e movimentos sociais que pretendem discutir a realidade e reivindicar pautas.

Neste trabalho, também é abordada a promoção cultural que está presente no uso da performance. Na apropriação da arte, com sua potencialidade na formação crítica e política, as origens do AgitProp traz o teatro como uma lente para enxergar as questões sociais abordadas, e é igualmente usado enquanto método didático, na medida em que fomenta a construção do que é preciso discutir.

Descrevi um pouco o processo que o T.O. apresenta em sua metodologia, o de espectador para “*espect-ator*”. Enxergando sob a lente do Teatro, se associarmos ao processo do jovem que se engaja politicamente, podemos usar o termo “*espect-ator*” para pensar além da encenação, mas como uma performance coletiva:

Reúne-se então, diversas vozes. As dos próprios indivíduos envolvidos, da representação política, do público que entra em contato em atos e protestos. Somadas coletivamente, essas falas — e aqui inclui-se a comunicação não verbal, imagética e também corporal — ecoam como um vazamento de gás, provocando uma combustão, uma queima de substâncias ali presentes. Durante esse processo de combustão são formados diversos produtos resultantes da mistura de combinações na queima desse gás, que se continha no interior de si.

Associando metaforicamente, esse vazamento de gás é algo que Jota Mombaça chama de “linhas-de-fuga”, ao correlacionar a fala do subalterno a um ruído e não como som audível, “as falas subalternas, para a escuta dominante, vibram como os infra e ultra sons para a escuta humana, fora do campo de audibilidade” (MOMBAÇA, 2015).

Ao descolonizar essa escuta, o ruído passa a ser considerado. Na minha associação as

vozes que ecoam, os resultados produzidos nessa combustão, materializado no processo dessas falas e atuações, nesse misto de elementos que envolvem o jovem, deixando de apenas reproduzir e passando a produzir, dão combustível para mudanças e transformações.

A resistência se expressa através de uma pedagogia das práticas juvenis, em que acionam sua dimensão simbólica e corporal mediante a teatralidade, a musicalidade, as paródias, as coreografias. Todos esses repertórios entram em cena quando os/as jovens realizam as atividades de rua, os saraus e os escrachos. São nos espaços culturais produzidos pelos jovens e mediatizados pelas místicas que essa pedagogia da sedução ganha significado. Esse terreno se revela como espaço em que os sonhos e os desejos pessoais dos jovens se conectam com suas lutas e ganham força no coletivo, porque o desejo de mudança é uma construção coletiva, em conjunto.

Compreendo que a prática da teoria decolonial é uma forma de resistência, pautar uma existência epistêmica invisibilizada ao decorrer do processo histórico de colonização dos povos subalternizados, pela raça, cor, etnia, e como destacado por Gonzales, também pelo gênero e sexismo que são forjados a partir da demarcação do ser abstrato e universal dominante.

Pensar a decolonialidade como prática de resistência, é também entender enquanto prática política. Assim, penso que o conhecimento produzido por povos historicamente colonizados, não teriam como, serem de outra forma, que não fossem políticos e colocá-los como menos legítimos academicamente é uma das ferramentas da colonização moderna.

A compreensão que as mudanças não são imediatas, contribuem para entender os movimentos sociais enquanto espaços de construções identitárias e suas posições frente a realidade, para Simionatto (2009) historicamente os grupos subalternos se produzem em posições de defesa e estado de alerta. Mas, podemos compreender esse processo de construção como um espaço de educação, que mobiliza questões como participação, cidadania e o sentido político da educação (GOHN, 2016):

Esses movimentos são fontes e agências de produção de saberes. [...] no próprio movimento social, dado caráter educativo de suas ações na sociedade, e no interior dos movimentos, pelas aprendizagens adquiridas pelos participantes e pelos projetos socioeducativos formulados e desenvolvidos pelos próprios movimentos, a exemplo do MST (GOHN, 2016, p. 10).

A relação entre educação e movimentos sociais está em pensar o conhecimento científico atrelado às experiências, em meu interesse específico, as que possam reeducar nosso corpo, nossa forma de pensar na sociedade brasileira e no mundo, é preciso pensar o processo educativo como não acabado, em constante (trans)formação através das experiências, como a “aprendizagem ao longo da vida” (ALHEIT; DAUSIEN, 2006).

Os conflitos rodeiam os espaços de sociabilidade, quando uma condição hegemônica é

imposta, tais conflitos tomam a forma de opressões. O posicionamento frente a esses conflitos e opressões, carregam temáticas que precisam ser abordadas, esse posicionamento é sobretudo pedagógico, e objeto de discussão sobre educação.

A partir disso, um elemento importante pontuado nesta pesquisa é o posicionamento de corpos em aliança, e os regimes de visibilidade que a junção de determinados corpos produz em suas manifestações. A performance que aqui discuti, tenta se colocar em duas partes: o convite e a propagação através dos registros e das redes sociais.

Ao trazer as redes sociais como uma das ferramentas da ação política juvenil na contemporaneidade, entendo que a performance militante se transforma e se recria ao decorrer do tempo e dos seus meios de expressão. Ficando evidente, que não podemos entender o virtual como o contrário do presencial, pois as redes sociais na contemporaneidade não são apenas veículos transmissores, mas espaços criadores de uma cultura juvenil própria.

Levando em consideração que Araújo (2019) apresenta práticas educomunicativas no Levante, pois para Almeida (2016) “há procura de ferramentas e recursos que envolvem a comunicação e educação quando o objetivo de uma ação social é o de transformar o modo de vida de uma comunidade” (ALMEIDA, 2016, p. 5) pode-se entender que os jovens militantes do Levante utilizam as redes como ferramenta educomunicativa.

Por fim, considero que ao irem em busca de ocupar mentes e corações através do AgitProp e do sentido Místico da luta política, o discurso presente em suas performances militantes e os meios em que se expressam, colaboram com a afirmação das identidades desses jovens. O que acarreta na identificação e sentido de pertencimento em outros jovens, produzindo o engajamento militante. E, neste processo, ao mesmo tempo em que lutam pelo acesso à educação, constroem processos educativos e de aprendizagem próprios.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 8, jan./jun. 2018.
- AGUIAR, Janecléide. O MST no Front Digital: a mística como prática performativa e forma insurgente de luta política. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, 2019.
- AGUIAR, Lourival. Transculturando a amefricanidade de Lélia Gonzalez: decolonialidades em debate. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPEL, Pelotas, n. 1, jan./jun. 2021.
- AGUIAR, Lourival. Transculturando a amefricanidade de Lélia Gonzalez: decolonialidades em Debate. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, n. 1, jan./jun. 2021.
- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina, Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida, **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 1, pág. 177–197, 2006.
- ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande: [s.n.], 2016.
- ARAUJO, Bianca Liège Barreiro de. **Acesso ao ensino superior: uma análise educ comunicativa sobre o cursinho pré-vestibular Podemos +**. 2019. TCC (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.
- BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 2, p. 439-463, ago. 2017.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOAL, Augusto. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.
- BOGO, Ademar. O vigor da mística. **Caderno de Cultura**, São Paulo, n. 2, p. 19, 2002.
- BOSI, Alfredo. Poesia resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 141-92.
- BOUTIN, Aldimara Catarina Delabona Brito; FLACH, Simone de Fátima. O movimento de ocupação de escolas públicas e suas contribuições para a emancipação humana. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 432-446, maio/ago. 2017.
- BRITO, Ana Paula. **Escrachos aos torturadores da ditadura: ressignificando os usos da memória**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266 p.
- CARTAXO, Carlos. **Teatro de atitudes**. João Pessoa: Sal da Terra, 2005.

CARVALHO, Laura Lorena de Souza. Tecnologias subalternas: um exercício de imaginação política e reinvenção de alteridades. 2017. TCC (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. *In*: MORAES, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255-287.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTRO, Lucia Rabello de. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE JUVENTUDE BRASILEIRA, 4., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Drama, ritual e performance. **Sociologia & Antropologia**, v. 3, n. 6, p. 411-440, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso da mídia: Para uma nova análise de Discurso. *In*: CARNEIRO, Dias. (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. *In*: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 17-62.

COELHO, Fabiano. **A alma do MST?** a prática da mística e a luta pela terra. Dourados: Ed. UFGD, 2014. 290 p.

COSTA, Iná Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

COSTA, Iná Camargo. **O repertório formal do agitprop**. 2012. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Eytmz0fKpZ8J:https://www.periodicos.unesp.br/index.php/rebento/article/view/49/42&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 10 out. 2022.

COSTA, Patrícia. AGITPROP: teoria e prática da comunicação dos movimentos sociais na campanha “O preço da luz é um roubo!”. 2013. TCC (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

CUNHA, Jorge Luiz da; RÖWER, Joana Elisa. **Ensinar o que não se sabe: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto)biográficos**. Educação: UFSM, Santa Maria, v. 39, n. 1, p.27-38, abr. 2014.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideologia**. Madrid: Catarata, 2011.

DIAS, Anna Beatriz Ramos; MENDES, Raphaella Ferreira. Das ruas às redes sociais: a mobilização de movimentos sociais e estudantis em período de isolamento. **Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 10, p.170-177, out. 2020.

DIAS, Anna Beatriz Ramos; MENDES, Raphaella Ferreira. **Juventude quer educação**:

currículo, escola e gênero como pautas no movimento de ocupação das escolas em 2016. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável Público... Performance e organização dos movimentos antes de 2013. **Novos Estudos**, v. 97, p. 43-55, 2013.

ESTEVAM, Douglas; COSTA, Iná Camargo; VILLAS BÔAS, Rafael. **Agitprop**: cultura política. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos qualitativos em mídias online. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/index>. Acesso em: 2 fev. 2020.

FREIRE, José Alonso. Um diálogo explosivo: sátira, paródia e história. **Itinerários**, Araraquara, v. 22, p. 187-203, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIGER, Luiz I. G. **Agentes religiosos e camponeses sem terra no Sul do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista do nativo: a natureza da compreensão antropológica. *In*: GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2001.

GELL, Alfred. A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. **Arte e ensaios**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, UFRJ, v. 8, n. 8, p. 174-191, 2001.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos pela educação no Brasil. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 2, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2016.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, maio/ago. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997. p. 23-48.

GOMES, Gabriel Teodoro. **Juventude e(m) movimento**: pedagogia entre jovens e práxis política no Levante Popular da Juventude. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2019.

GONÇALVES, Rôssi Alves. **Rimas das ruas**. 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/rimas-das-ruas/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

GROPPO, Luís Antonio et al. **Coletivos juvenis na universidade e práticas formativas**: política, educação, cultura e religião. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 312 p.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Ponto, linha, contraponto: do meio ambiente ao espaço fluido. *In*: INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 125-143.

KRUPSKAYA, Nadezhda K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan./jun. 2014.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

LÊNIN, Vladimir I. **Sobre a educação**. Lisboa: Seara Nova, 1977.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Caderno de debates**. Belo Horizonte: ABC, 2016.

MANNHEIM, Karl. Das problem der generationen. *In*: MANNHEIM, Karl. Neuwied: Luchterhand, 1964. p. 509-565.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira Educação**, n. 5, p. 5-14, 1997.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 117-149, 2003.

MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 6 jan. 2023.

MORAIS, Lays Bárbara Vieira. Lugar de fala, política identitária e seus reflexos na práxis da esquerda. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v. 9, n. 1, p. 80-96, jan./jun., 2020.

MOREL, J-P. Les phases historiques de l'agit-prop soviétique. *In*: BABLET, D. (org.). **Le théâtre d'agit-prop de 1917 a 1932**. Paris: L'Age d'Homme, 1977.

NOBREGA, Marcia. **Peça pra falar, palco pra ocupar**: encontros entre o MST e o teatro. 2006. TCC (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

NOGUEIRA, Carolina. **Diversidade carnalizada**: experiência e luta LGBT+ na e pela cidade. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

OLIVEIRA, Gustavo Nunes de et al. Novos possíveis para a militância no campo da Saúde: a afirmação de desvios nos encontros entre trabalhadores, gestores e usuários do SUS. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, p. 523-529, 2009.

OLIVEIRA, Jaiane Araújo de. **“A cabeça pensa onde os pés pisam”**: movimentos juvenis e práticas educativas emancipadoras no Levante Popular de Juventude. 2019. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA, 2013.

OLIVEIRA, João Pacheco. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília, DF: ABA, 2013.

OLIVEIRA, Sarah; CUNHA, Fernanda. Teatro do oprimido e teatralidade: os lugares da teatralidade nas cenas teatrais e cotidianas. **Concept**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 70-81, jan./jun. 2016.

PARK, Robert Erra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano, 1916. *In*: VELHO, Otavio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973

POERNER, Artur J. **O poder jovem**: história da participação políticas dos estudantes brasileiros. 5. ed. Rio de Janeiro: Bookling, 2004. 41p.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem da UERJ**, p. 276-283, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005. p. 227-278.

RABÊLLO, Roberto Sanches. Reflexões sobre arte e ludicidade na formação e na atuação docentes: princípios e articulação. *In*: ÁVILA, Cristina Maria de; VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática e docência na educação superior**: implicações para a formação de professores. Campinas: Papirus, 2009.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, Eliene; VILLAS BOAS, Rafael L.; PEREIRA, Paola M.. Residência agrária da UNB: Avanços, limites e desafios da experiência dos anos de 1960 ao tempo presente. *In*: PEREIRA, Paola M. et al (org.). **Teatro político, formação e organização social**. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 160 p.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. *In*: ROCHA-COUTINHO, M. L. **Família e gerações**. São Paulo: FGV, 2006.

RODRIGUES, Thiago. **Agitação e propaganda como parte da política cultural no MST**: pesquisa participante durante o VI Congresso Nacional do Movimento. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26618/1/2015_dis_trodrigues.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

RODRIGUES, Thiago. Agitação e propaganda como parte da política cultural no MST: pesquisa participante durante o VI Congresso Nacional do Movimento. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. O que pode a Performance na Educação? uma entrevista com Richard Schechner. **Revista Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, 2010.

SCUDELER, Camila. 1968–Grupo Teatro Escambray: filho de seu tempo. **Revista Aspas**, v. 8, n. 2, p. 86-97, 2018.

SILVA, Lourival Rodrigues da. Juventude subalternizada: corpos controlados e desejos seqüestrados. **Dossiê Juventude e Sociedade**, v. 11, n. 129, fev. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/584>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SILVA, Noeli Turle. Teatro legislativo e racismo: arte, política e militância. **Repertório**, Salvador, v. 20, n. 29, p. 146-162, 2017.

SILVA, Ranulfo Peloso da. **Trabalho de base**: texto de apoio 20. São Paulo: CEPIS, 1991.

SILVA, Thiago Rodrigo da; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. O lócus do jovem pobre na sociedade a partir do boom dos rolezinhos. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 126-134 jan./jun. 2016.

SILVEIRA, Natália Alves Cardoso Orlandi. **"Os assuntos que discutimos são a cara da nossa luta"**: um estudo antropológico dos debates feministas em meio às possibilidades de sociabilidade online. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/81403>. Acesso em: 1 fev. 2020.

SIMIONATTO, Ivete. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Revista Katálysis**, Florianópolis/SC, v. 12, n.1, p. 41-49, 2009.

SINGER, P. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. *In*: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2011. p. 27-35.

SOARES, Nelson; FERREIRA, Giovandro. Discurso e imagem: possibilidades metodológicas para uma análise discursiva do fotojornalismo contemporâneo. **Intexto**, n. 39, p. 177-200, maio 2017.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. **Última década**, n. 20, p. 47-69, jun. 2004. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/udecada/v12n20/art03.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

SOUZA, Rafael. Comunicação e cultura subalterna: o papel da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais [...]**. Santos: Intercom, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri. Can the subaltern speak. In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (ed.). **Marxism and the interpretation of culture**. Chicago: University of Illinois Press, 1987. p. 271-316

STRATHERN, Marilyn. Os limites da autoantropologia. In: STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 133-158.

TAUSSIG, Michael. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

TURNER, Victor. The Anthropology of Performance. In: TURNER, Victor. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

VARGAS NETTO, Sebastião Leal Ferreira. **A mística da resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VIA CAMPESINA. **Agitação e Propaganda no processo de transformação social**. São Paulo: Via Campesina, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php>. Acesso em: 15 dez. 2022.

VILLAS BOAS, Rafael. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (182 min). Publicado pelo canal Companhia Ensaio Aberto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v>.

WENGER-TRAYNER, E.; FENTON-O’CREEVY, M.; HUTCHINSON, S.; KUBIAK, Ch.; WENGER-TRAYNER, B. **Learning in Landscapes of practice: boundaries, identity, and knowledgeability in practice-based learning**. New York: Routledge, 2015.

XAVIER, Rafael Aparecido Gonçalves. O uso de paródias em abordagens conceituais: vivência na formação inicial para a docência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 1., 2014, Sorocaba. **Anais [...]**. Sorocaba: SIES, 2014. Disponível em: <http://www.uniso.br/anais-do-sies/edicoes/edu-formacao-professores/47.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2022.

ZINET, Caio. **Centro de referências em educação integral**: escolas ocupadas mostram que outra educação é possível e necessária. 08 jun. 2016. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/escolas-ocupadas-mostram-que-outra-educacao-e-possivel-e-necessaria/>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ZIZEK, Slavoj. **Como Marx inventou o sintoma? Em Um mapa da ideologia**. *In*: ADORNO, Theodor et al. (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.